

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

AMANDA CARVALHO AREAS FERREIRA

**POLÍDEZ E RELAÇÕES DE GÊNERO:**  
AS INTERAÇÕES ENTRE A LINGUAGEM E O SOCIOCULTURAL NAS CARTAS DE  
FERNANDO SABINO E CLARICE LISPECTOR

Maringá/PR  
2023

AMANDA CARVALHO AREAS FERREIRA

**POLIDEZ E RELAÇÕES DE GÊNERO:**  
AS INTERAÇÕES ENTRE A LINGUAGEM E O SOCIOCULTURAL NAS CARTAS DE  
FERNANDO SABINO E CLARICE LISPECTOR

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-  
Graduação em Letras da Universidade Estadual de  
Maringá, para defesa.  
Orientador: Prof. Dr. Hélcio Batista Pereira

Maringá/PR  
2023

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Biblioteca Central - UEM, Maringá, PR, Brasil)**

F383p

Ferreira, Amanda Carvalho Areas  
Polidez e relações de gênero : as interações  
entre a linguagem e o sociocultural nas cartas de  
Fernando Sabino e Clarice Lispector / Amanda  
Carvalho Areas Ferreira. -- Maringá, 2023.  
125 f. : il. color., tabs.

Orientador: Prof. Dr. Hércius Batista Pereira.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de  
Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes,  
Programa de Pós-Graduação em Letras, 2023.

1. Análise da conversação. 2. Lispector, Clarice,  
1920-1977. 3. Sabino, Fernando, 1923-2004. 4.  
Literatura brasileira. 5. Polidez. 6. Relações de  
gênero. I. Pereira, Hércius Batista, orient. II.  
Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências  
Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação  
em Letras. III. Título.

CDD 23.ed. 801.959

Síntique Raquel Eleuterio - CRB 9/1641

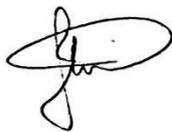
**AMANDA CARVALHO AREAS**

**POLIDEZ E RELAÇÕES DE GÊNERO: AS INTERAÇÕES ENTRE  
A LINGUAGEM E O SOCIOCULTURAL NAS CARTAS DE  
FERNANDO SABINO E CLARICE LISPECTOR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras (Mestrado), da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração: **Estudos Linguísticos**.

Aprovada em Maringá, **29 de junho de 2023**.

**BANCA EXAMINADORA**



**Prof. Dr. Juliano Desiderato Antonio**  
**Membro Titular - UEM/PLE**



**Prof. Dr. Luiz Antonio da Silva**  
**Membro Externo (USP – São Paulo/SP)**



**Prof. Dr. Hércius Batista Pereira**  
**Presidente – Orientador**

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho a Deus, meu amigo e meu Senhor, que me ajudou em todo o tempo e ao meu marido, Marcos, que me animou e me deu suporte durante todo esse processo.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, que me deu sabedoria e força para dar o meu melhor.

Ao meu marido, Marcos, que me deu todo suporte e apoio necessários para alcançar este objetivo.

Aos meus pais, Rogério e Agda, que me ensinaram a sempre dedicar tudo de mim no que faço.

Aos meus amigos, que tornaram esse percurso mais leve.

Ao meu orientador, Hélcio, que sempre me guiou com tanta maestria e gentileza.

Aos professores Luiz Antonio e Juliano Desiderato pelas contribuições importantíssimas para a conclusão deste estudo e por terem aceitado fazer parte de tudo isso.

Ao Bernardo Sabino, que tão gentilmente concedeu informações e me permitiu conhecer melhor o Fernando.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq, pelo fomento que possibilitou a pesquisa e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES, pelo apoio e incentivo à pesquisa no Brasil.

E à Clarice Lispector e ao Fernando Sabino, que me inspiraram tanto com essas cartas perto do coração.

*O temor do Senhor é o princípio do conhecimento, mas os tolos desprezam a sabedoria e a disciplina.*

(Provérbios 1.7)

## RESUMO

A partir deste trabalho, propomo-nos a estudar as interações entre a polidez e as relações de gênero em cartas de dois escritores do século XX: Clarice Lispector e Fernando Sabino. O estudo explora a transdisciplinaridade dos estudos linguísticos e literários, uma vez que, à medida que contribui para estudos descritivos dos mecanismos de interação da (por meio da) língua, favorece a compreensão desses indivíduos tão relevantes para a literatura do país. Para tanto, apoiamo-nos nos estudos interacionais e pragmáticos de Brown e Levinson (1988), dos quais retiramos as proposições sobre polidez e as estratégias, de Fraser (2005), cuja ênfase otimista nos inspirou, e de Preti (2008), para o qual nos voltamos para entender o fenômeno da polidez/cortesia; nas contribuições conversacionais de Kerbrat-Orecchioni (2006) e em seus avanços na teoria de Brown e Levinson, nas considerações sobre identidade de Hall (2006), nas análises da questão do gênero agrupados por Ostermann e Fontana (2010), nos estudos de Eckert e McConnell-Ginet (2013), cuja perspectiva fundamenta nossa compreensão de gênero, na biografia de Gotlib (1995) e na trajetória compilada por Sabino (1999). A partir de quatro momentos ([1] o mapeamento e a descrição das estratégias de polidez utilizadas por cada missivista; [2] o estudo do contexto sociocultural de produção das cartas; [3] a recuperação dos contornos individuais das identidades de gênero de cada missivista; [4] a identificação dos mecanismos pelos quais tais indivíduos se engajaram, por meio da polidez, na construção de seu gênero), buscamos chegar em nosso objetivo: correlacionar a polidez às relações de gênero a partir da análise das missivas trocadas entre Sabino e Lispector. As análises revelam o seguinte: Fernando é mais polido que Clarice (Fernando tem 611 ocorrências de polidez e Clarice, 293); ambos possuem certa aproximação quanto ao emprego das estratégias (principalmente das do tipo negativa e híbrida); o estilo é utilizado para construir *personae* e como forma de engajamento em certas comunidades de práticas, as quais têm grande relação com os contornos do feminino e do masculino.

**Palavras-chave:** Análise da conversação. Clarice Lispector e Fernando Sabino. Literatura brasileira. Polidez. Relações de gênero.

## ABSTRACT

From this work, we propose to study the interactions between politeness and gender relations in the letters of two twentieth-century writers: Clarice Lispector and Fernando Sabino. The study explores the trans-disciplinarity of linguistic and literary studies, since, as it contributes to descriptive studies of the interaction mechanisms of (through) language, it favors the understanding of these individuals so relevant to the country's literature. We draw on the interactional and pragmatic studies of Brown and Levinson (1988), from which we draw the propositions on politeness and strategies, Fraser (2005), whose optimistic emphasis inspired us, and Preti (2008), to whom we turn to understand the phenomenon of politeness/courtesy; in Kerbrat-Orecchioni's (2006) conversational contributions and her advances on Brown and Levinson's theory, in Hall's (2006) identity considerations, in the analyses of the gender issue grouped by Ostermann and Fontana (2010), in Eckert and McConnell-Ginet's (2013) studies, whose perspective grounds our understanding of gender, in Gotlib's (1995) biography, and in the trajectory compiled by Sabino (1999).

From four moments ([1] the mapping and description of the politeness strategies used by each letter writer; [2] the study of the sociocultural context of the letters' production; [3] the recovery of the individual contours of the gender identities of each letter writer; [4] the identification of the mechanisms by which such individuals engaged, through politeness, in the construction of their gender), we seek to arrive at our goal: to correlate politeness to gender relations from the analysis of the missives exchanged between Sabino and Lispector.

The analyses reveal: Fernando is more polite than Clarice (Fernando has 611 occurrences of politeness and Clarice, 293); both have a certain approximation in using strategies (mainly of the negative and hybrid type); style is used to build *personae* and as engagement in certain communities of practice, which have a great relation to the contours of femininity and masculinity.

**Keywords:** Brazilian literature. Clarice Lispector and Fernando Sabino. Conversation analysis. Gender relations. Politeness.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Imagem 1</b>	- Estratégias FTA .....	21
<b>Imagem 2</b>	- Estratégias de polidez positiva .....	23
<b>Imagem 3</b>	- Estratégias de polidez negativa .....	26
<b>Imagem 4</b>	- Estratégias <i>off record</i> .....	28
<b>Imagem 5</b>	- Capa da Vogue de julho de 1931 .....	96
<b>Imagem 6</b>	- Capa da Vogue de fevereiro de 1932 .....	97

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> – Ocorrências por tipo de polidez .....	71
<b>Tabela 2</b> – Estratégias de polidez .....	72
<b>Tabela 3</b> – Tempos do futuro com a estratégia 10 PP .....	80
<b>Tabela 4</b> – Estratégias de polidez detalhadas .....	123

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CL	Clarice Lispector
FFA	Face Flattering Act
FS	Fernando Sabino
FTA	Face Threatening Act
NP	Negative politeness (polidez negativa)
PP	Positive politeness (polidez positiva)

## SUMÁRIO

<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS</b> .....	14
<b>CAPÍTULO 1 – POLIDEZ</b> .....	17
1.1 AS DEFINIÇÕES DE POLIDEZ .....	17
1.2 O MODELO DE BROWN E LEVINSON .....	19
1.3 CONTRIBUIÇÕES DE KERBRAT-ORECCHIONI .....	30
1.4 OUTRAS CONTRIBUIÇÕES .....	32
<b>CAPÍTULO 2 – O GÊNERO EM FOCO</b> .....	35
2.1 UM PANORAMA SOBRE O GÊNERO .....	35
2.2 A LINGUAGEM E O GÊNERO: A TERCEIRA ONDA DA SOCIOLINGUÍSTICA .....	39
2.2.1 Gênero e dicotomia .....	41
2.2.2 A ordem do gênero .....	43
2.2.3 Masculinidades e feminilidades .....	43
2.2.4 Comunidades de prática .....	44
2.2.5 Estilo, generalização e estereótipos .....	46
2.2.6 Linguagem e discurso .....	47
2.2.7 A polidez, a linguagem, o gênero e o senso comum .....	49
2.2.8 A polarização .....	50
2.2.9 Modelando a persona através do estilo comunicativo .....	51
2.3 A ABORDAGEM SOBRE GÊNERO E LÍNGUA DESTA PESQUISA .....	53
<b>CAPÍTULO 3 – PERCURSO METODOLÓGICO</b> .....	54
3.1 O <i>CORPUS</i> : AS MISSIVAS .....	54
3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....	55
3.2.1 Tratamento metodológicos do <i>corpus</i> .....	55
3.2.2 Aspectos biográficos dos missivistas .....	58
3.2.2.1 Dados biográficos .....	61
3.2.2.1.1 <i>Clarice Lispector</i> .....	61
3.2.2.1.2 <i>Fernando Sabino</i> .....	64
<b>CAPÍTULO 4 – ANÁLISES E REFLEXÕES</b> .....	69
4.1 ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS .....	69
4.1.1 Estratégias explicitamente marcadas linguisticamente .....	75

4.1.1.1 A estratégia 2 NP e a modalização .....	75
4.1.1.2 A estratégia 7 NP e a dêixis .....	76
4.1.1.3 A estratégia 4 NP e os advérbios focalizadores .....	77
4.1.1.4 A estratégia 2 PP e os qualificadores graduadores .....	78
4.1.1.5 A estratégia 4 PP e os nomes .....	78
4.1.1.6 A estratégia 5 PP e a repetição .....	79
4.1.1.7 A estratégia 10 PP e os tempos do futuro .....	79
4.2 ANÁLISE SOCIOCULTURAL .....	81
<b>4.2.1 Clarice e Fernando: as <i>personae</i></b> .....	81
<b>4.2.2 <i>Personae</i> de Clarice: esposa, diplomata, escritora, indivíduo, mãe e amiga</b> .....	82
<b>4.2.3 <i>Personae</i> de Fernando: literato, marido, pai, religioso, amigo de Clarice, homem</b> .....	89
4.3 OS CONTORNOS DO <i>FEMININO</i> E DO <i>MASCULINO</i> .....	94
4.4 COMUNIDADES DE PRÁTICA & IDENTIDADE .....	98
<b>4.4.1 A comunidade de prática formada por Clarice Lispector e Fernando Sabino</b> .....	99
4.4.1.1 Os escritores e artistas contemporâneos .....	100
4.4.1.2 Os quatro cavaleiros .....	102
4.4.1.3 Consumidores de arte .....	105
<b>4.4.2 As comunidades de prática, o estilo e o gênero</b> .....	106
<b>4.4.3 Identidade e fragmentação</b> .....	112
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	117
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	121
<b>ANEXOS</b> .....	124

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A polidez é um fenômeno intrínseco às relações humanas e basilar para a comunicação e a interação. Em decorrência disso, aqueles que se colocam em interação deparam-se com toda a extensão do conceito, mesmo que de modo inconsciente, de maneira a envolver suas faces, isto é, as autoimagens reivindicadas por cada sujeito. A partir disso, podemos compreender, inicialmente, a importância da polidez para os interactantes, os quais, em um jogo comunicativo, buscam defender suas faces e, ao mesmo tempo, proteger as do outro. Nessa perspectiva, assenta-se nosso trabalho.

Para compreender o fenômeno da polidez e, em especial, as relações que ele estabelece com questões de gênero (compreendido como a construção social da categoria biológica “sexo”), buscamos, a partir das estratégias pontuadas pelos estudiosos Brown e Levinson, observar as práticas linguísticas de dois interactantes, um feminino e um masculino. Para tanto, usamos a obra *Cartas perto do coração*, na qual Clarice Lispector e Fernando Sabino protagonizam a troca de missivas.

Clarice Lispector e Fernando Sabino, autores que são, portanto, os sujeitos deste estudo, destacaram-se no panorama literário do Brasil do século XX. Por meio de nossa pesquisa de mestrado, propomo-nos a estudar as inter-relações entre o uso da linguagem, em especial as estratégias de polidez e as relações de gênero que emergem de cartas pessoais por eles produzidas. Nesse sentido, o estudo persegue o objetivo de correlacionar a polidez às relações de gênero a partir da análise das missivas trocadas entre Sabino e Lispector. Além disso, buscamos os seguintes objetivos específicos: 1) o mapeamento e a descrição das estratégias de polidez utilizadas por cada missivista; 2) o estudo do contexto sociocultural de produção das cartas; 3) a recuperação dos contornos individuais das identidades de gênero de cada missivista; 4) a identificação dos mecanismos pelos quais tais indivíduos se engajaram, por meio da polidez, na construção de seu gênero.

Sob tal aspecto, podemos afirmar que o trabalho se justifica por colaborar para a compreensão de um objeto relevante tanto para os estudos literários e artísticos quanto para os estudos linguísticos. Uma vez que evidencia Sabino e Lispector, possibilita o engajamento em suas relações com a literatura e o escrever literário, de forma a contribuir para os estudos dessa perspectiva. Além disso, ao se pautar na polidez, contribui para a compreensão dessa área, cujos estudos não são tão expressivos e numerosos no Brasil.

O estudo busca contribuir para a compreensão do fenômeno da polidez, tão relevante para os estudos interacionais da linguagem; para os estudos sobre a questão das interações

entre o gênero (masculino e feminino) e o uso da linguagem em uma dada comunidade de prática; para a investigação da biografia desses artistas e de suas obras. Assim, apresenta-se a transdisciplinaridade do estudo aqui proposto e a nossa pretensão de contribuir para esses diversos campos do saber, articulados nas análises das correspondências trocadas entre os indivíduos supracitados.

A fim de alcançar os objetivos propostos, pautar-se na (inter)relação entre a linguagem e o gênero torna-se fundamental. Assim, para as análises, apoiamo-nos nos estudos da questão da polidez, em especial em Brown e Levinson (1988) e Kerbrat-Orecchioni (2006). Para compreensão das questões do gênero e de sua relação com o uso da língua, apoiamo-nos nos trabalhos compilados por Ostermann e Fontana (2010) e, em especial, em Eckert (2005) e Eckert e McConnell-Ginet (2013). Em relação aos escritores especificamente e focalizando a contextualização sócio-histórica, pautamo-nos na biografia elaborada por Nádya Battela Gotlib (1995) e na obra *O tabuleiro de damas*, do próprio Sabino (2003).

Para viabilizar o estudo de tais personalidades, buscamos o apoio de trabalhos que abordam o contexto histórico, cultural e social dessas figuras tão relevantes para a arte e para a literatura brasileira no século XX. Como *corpus* de análise, utilizamos as cartas trocadas entre Clarice Lispector e Fernando Sabino – compiladas por Sabino (2011) – na obra *Cartas perto do coração*.

Podemos dizer, pois, que a análise se divide em três principais momentos: análise quantitativa das estratégias linguísticas da polidez nas correspondências; análise dos dados discursivos das obras, que fornecem informações sobre os contornos identitários dos missivistas; e, finalmente, a contextualização sócio-histórica da produção das correspondências que constituirão nosso *corpus* de análise.

Para balizar nossos estudos, constituímos alguns questionamentos, aos quais buscaremos as respostas com nossa pesquisa:

- 1) Quais são as *personae* relevantes para os missivistas?
- 2) Quais são os contornos do masculino construídos por Sabino em suas cartas?
- 3) Quais são os contornos do feminino que aparecem nos textos de Lispector?
- 4) Os contornos do feminino e do masculino são marcados, explicitamente, pela participação em alguma comunidade de prática?
- 5) Como as comunidades de prática constituídas por Sabino e Lispector nas cartas se definem?

- 6) Como as estratégias de polidez transformam-se em estilo, permitindo o engajamento de Sabino e Lispector na prática social subjacente à troca de cartas que realizam?

Esperamos, a partir das análises, compreender as implicações mútuas entre a linguagem e o gênero, além de apreender aspectos relevantes dos artistas do século XX, de forma a contribuir para a descrição de importantes mecanismos da língua em uso, para os estudos de obras de tais indivíduos e para a análise do conceito de comunidade de prática, de Eckert (2005).

À vista do que foi exposto, podemos reafirmar a importância do projeto ora proposto, o qual busca, na intersecção entre a polidez e o gênero, traços que indiquem a relação entre a linguagem e o sociocultural, de forma a cooperar para estudos mais amplos, como os da questão do gênero – assunto complexo e ainda em aberto -, da polidez como fenômeno linguístico e da escrita literária do século XX no Brasil.

## CAPÍTULO 1 – POLIDEZ

Os estudos voltados à polidez, apesar de poucos, são extremamente relevantes para o panorama de análise conversacional. As estratégias, imbuídas de intenções comunicativas, emergem em múltiplos contextos de comunicação, desde interações cibernéticas (OLIVEIRA; MARQUES, 2021) a construções de gêneros do discurso, tais quais cartas de reclamação (WILSON, 2017), assim sendo um fenômeno rico, no qual focaliza-se, então, nossa investigação.

Neste capítulo, apresentaremos as definições de polidez/cortesia, de forma a fundamentar o foco da nossa pesquisa. Para tanto, utilizaremos a obra *Cortesia verbal*, organizada por Dino Preti e os estudos de Goffman (1967), Fraser (2005), Brown e Levinson (1988) e Kerbrat-Orecchioni (2006). Objetivamos, com isso, expor um panorama das ideias que cercam a questão da polidez.

### 1.1 AS DEFINIÇÕES DE POLIDEZ

Para Koch e Bentes (2008), a cortesia pode ser definida como

um dos fenômenos mais interessantes para a observação dos processos que regem a distinção sociolinguística [...] esses processos, ao organizarem os diferentes modos de fala no mercado linguístico, pressupõem a associação de uma identidade social a uma conduta verbal. (p. 19)

De acordo com as autoras, o termo deriva-se de *court* (corte), que designa um “conjunto de qualidades do nobre e o modo de viver da aristocracia” (p. 20). Fruto disso é a visão que se tem até a contemporaneidade de polidez relacionada à virtude e à nobreza. Sob esse entendimento, Almeida (2008) faz uma contribuição relevante ao afirmar que

As formas de cortesia, por exemplo, que nasceram na corte e que constituíam um conjunto de regras de conduta e de comportamento, símbolo da nobreza, com o passar do tempo estenderam sua influência aos demais círculos da sociedade onde se desenvolveram, ganharam vida e se implementaram de novos sentidos de acordo com elementos culturais e ideológicos. Dessa maneira, o discurso cortês que, a princípio, era considerado o discurso da gentileza passou a refletir as características próprias de cada grupo que, de acordo com sua prática social, passou a eleger formas e condições diferentes de aplicação de cortesia. (p. 279)

Assim, as condutas que eram consideradas dessa classe passaram a fazer parte de outros núcleos sociais, de forma a ampliar a influência desses processos linguísticos em interações sociocomunicativas de distintas esferas.

Apesar de haver uma distinção entre “**cortesia**” e “**polidez**” para alguns estudiosos

(KOCH; BENTES, 2008; BARROS, 2008), compreendemos, neste trabalho, a aproximação entre os conceitos, de modo a tomá-los como um fenômeno amplo, postura semelhante à de Kerbrat-Orecchioni (2006), a qual defende que **“A noção de ‘polidez’ é aqui entendida em sentido amplo, recobrando todos os aspectos do discurso que são regidos por regras, cuja função é preservar o caráter harmonioso da relação interpessoal”** (p. 77, grifos da autora).

Diante disso, entendemos polidez<sup>1</sup> como um fenômeno extensivo, único e, ao mesmo tempo, amplo, de caráter sociocomunicativo. Assumimos uma postura, portanto, de não diferenciação entre polidez e cortesia.

Esse fenômeno, conforme aponta Gumperz, em Brown e Levinson (1988), busca fomentar a harmonia coletiva, uma vez que **“é elementar para a produção de ordem social, e uma condição prévia da cooperação humana, de maneira que qualquer teoria que forneça uma compreensão desse fenômeno, ao mesmo tempo, aborda os alicerces da vida social humana”** (p. 13, tradução nossa<sup>2</sup>).

A importância desse fenômeno também é apontada por Kerbrat-Orecchioni (2006), ao afirmar que **“hoje se admite que é impossível descrever de modo eficaz o que se passa nas trocas comunicativas sem considerar alguns princípios de polidez, na medida em que tais princípios exercem pressões muito fortes sobre a produção dos enunciados”** (p. 76). À vista disso, compreendemos seu papel fulcral na manutenção das interações entre as diversas comunidades de fala<sup>3</sup>.

Sob essa perspectiva, é válido recuperar Kerbrat-Orecchioni (2006), a qual define a polidez a partir de sua dimensão relacional:

**[...] a polidez é um conjunto de procedimentos que o falante utiliza para poupar ou valorizar seu parceiro de interação; [...]** (p. 94, grifos da autora)

[...] consiste num conjunto de princípios e regras que governam os comportamentos que o falante deve adotar diante de seu parceiro de interação, **ela atinge, consequentemente, as atitudes que o falante deve adotar diante de si mesmo**, e isso de maneira absolutamente imperativa: qualquer infração patente à lei de modéstia é impiedosamente sancionada (pelo riso das testemunhas ou por alguma observação sarcástica), acarretando, no caso de uma eventual repetição, a estigmatização do culpado (decretado imodesto, vaidoso, e até megalomaniaco...). (p. 97, grifos da autora)

Por conseguinte, vemos que a polidez tem seus pilares nas relações eu-outro ou eu-eu,

<sup>1</sup> A partir daqui, quando mencionarmos o vocábulo “polidez”, faremos referência a esse fenômeno único e, ao mesmo tempo, amplo, de caráter sociocomunicativo. **Não diferenciamos “polidez” e “cortesia”, portanto.**

<sup>2</sup> “is basic to the production of social order, and a precondition of human cooperation, so that any theory which provides an understanding of this phenomenon at the same time goes to the foundations of human social life.”

<sup>3</sup> Conceito no qual nos pautamos, apresentado e investigado por Eckert e McConnell-Ginet (2010), o qual será mais bem discutido no capítulo dois.

a partir das quais os falantes, ao engajarem-se na comunicação, objetivam preservar as faces em jogo.

## 1.2 O MODELO DE BROWN E LEVINSON

Pautados nas ideias originárias de Goffman (1967), Brown e Levinson, na obra *Politeness: Some universals in Language usage*, de 1988, expandiram os estudos voltados à face e à polidez de modo a construir um modelo mais consistente e robusto.

Os linguistas, alicerçados na perspectiva de face como “algo que é emocionalmente investido que pode ser perdido, mantido ou melhorado e que deve ser constantemente atendido na interação” (p. 61, tradução nossa<sup>4</sup>), corroboraram para o campo da polidez, ao estabelecerem uma análise mais expressiva da questão.

Para Brown e Levinson (1988), a face deve ser preservada mediante uma cooperação mútua entre os interactantes. Nesse sentido, a face é constituída pela “autoimagem pública que todo membro quer reivindicar para si mesmo, consistindo em dois aspectos relacionados: (a) face negativa [...] (b) face positiva” (p. 61, tradução nossa<sup>5</sup>).

Assim, os falantes, durante a interação, buscam satisfazer, de modo cooperativo, os desejos intrínsecos uns dos outros, de modo a preservar a harmonia social. Dessarte, há, no momento da comunicação, um jogo de faces.

Para os estudiosos, a face divide-se em dois aspectos: a face negativa e a face positiva. A primeira é marcada pela “reivindicação básica de territórios, preservação pessoal, direitos de não-distração – isto é, a liberdade de ação e a liberdade contra imposição” (p. 61, tradução nossa<sup>6</sup>). Ela se relaciona ao desejo de não ser obrigado ou de não ter imposições que cerceiem sua liberdade. Tal fenômeno pode ser mais bem compreendido a partir da seguinte situação: o falante ordena que o ouvinte faça algo – *Abra a porta!* Tal ordem suprime a liberdade de ação do outro por seu caráter de imposição, assim temos um ato que ameaça a face negativa do sujeito.

Já a face positiva é pautada na “autoimagem consistente positiva ou ‘personalidade’ (incluindo, especialmente, o desejo de que essa autoimagem seja apreciada e a provada)

---

<sup>4</sup> “something that is emotionally invested, and that can be lost, maintained, or enhanced, and must be constantly attended to in interaction.”

<sup>5</sup> “the public self-image that every member wants to claim for himself, consisting in two related aspects: (a) negative face [...] (b) positive face.”

<sup>6</sup> “the basic claim to territories, personal preserves, rights to non-distraction - i.e. to freedom of action and freedom from imposition.”

reivindicada pelos interactantes” (p. 61, tradução nossa<sup>7</sup>). Dessa maneira, a face positiva relaciona-se ao desejo de ser bem-visto pelos outros. Quando, por exemplo, o falante expressa uma opinião negativa sobre o ouvinte, sem nenhum tipo de atenuação, temos um ato que ameaça a face positiva deste, o que pode ser exemplificado por falas como *Esse corte de cabelo não ficou bom!* ou *Não gostei do seu novo carro*. Tais enunciados atingem o desejo do outro de ser admirado e aceito.

Avançando um pouco mais nos estudos dos linguistas, deparamo-nos com o conceito de *Face Threatening Act* (FTA), o qual pode ser explicado como esses “atos que, por natureza, são contrários aos desejos da face do falante” (p. 65, tradução nossa<sup>8</sup>). Tais atos, portanto, ameaçam a face positiva e a face negativa dos interactantes, a depender da sua especificidade, e devem ser amenizados por meio de estratégias. Dentre os inúmeros FTAs, podemos citar as ordens, os pedidos, as sugestões, os conselhos, as expressões de desaprovação, os desacordos e a irreverência<sup>9</sup>. Um exemplo desse conceito pode ser observado neste cenário: falante e ouvinte conversam sobre uma decisão tomada por este e o falante afirma que o ouvinte estava errado em tomar tal decisão. Esse tipo de desacordo ou desaprovação pode atingir a face positiva do falante, a qual deseja ser bem-quista, assim tem-se um FTA.

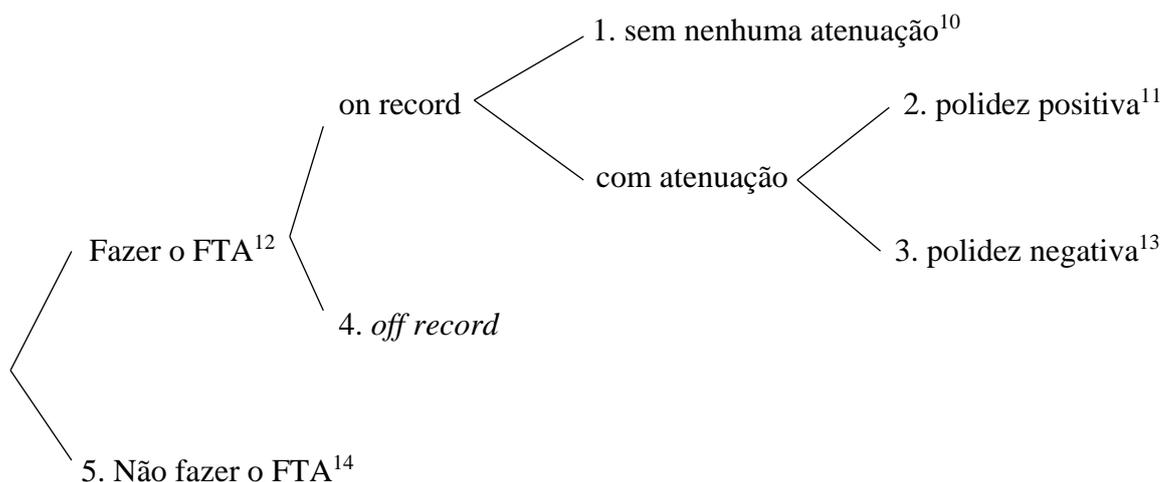
Ao se deparar com um FTA, o indivíduo pode tomar alguns procedimentos: fazer o FTA sem atenuá-lo, fazê-lo de modo a preservar a face positiva (quando há risco à face positiva) ou a face negativa (quando há risco à face negativa), atenuá-lo completamente ou não o fazer.

---

<sup>7</sup> “the positive consistent self-image or ‘personality’ (crucially including the desire that this self-image be appreciated and approved of) claimed by interactants.”

<sup>8</sup> “acts that by their nature run contrary to the face wants of the addressee and/or of the speaker.”

<sup>9</sup> Há muitos outros tipos de FTAs, os quais podem ser observados nas páginas 65 a 76.

**Imagem 1** – Estratégias FTA

Fonte: tradução nossa do esquema de Brown e Levinson (1988)

À primeira estratégia (fazer o FTA sem atenuá-lo), Brown e Levinson (1988) dão o nome de *Do the FTA without redressive action, baldly*, ou *on record*, isto é, o FTA é expresso sem quaisquer amenizações (p. 69). Essa estratégia é utilizada quando há a intenção de fazer pressão, quando se deseja ter crédito pela honestidade pura ou quando se deseja evitar o perigo de ser mal compreendido (com atenuações). Assim, tem-se um FTA com máxima eficiência, mas sem satisfação das faces em jogo.

À segunda estratégia (atenuação e preservação da face positiva), os linguistas dão o nome de *Positive Politeness* (ou polidez positiva). Essa é

[...] orientada em direção à face positiva do ouvinte, a autoimagem positiva que ele reivindica para si mesmo. A polidez positiva é baseada na aproximação; ela ‘unge’ a face do endereçado ao indicar que, em alguns respeito, o falante quer aquilo que o ouvinte quer [...]. (p. 70, tradução nossa<sup>15</sup>).

À terceira estratégia (atenuação e preservação da face negativa), dá-se o nome de

<sup>10</sup> “1. sem nenhuma atenuação” = “1. without redressive action, baldly”

<sup>11</sup> “3. polidez positiva” = “3. positive politeness”

<sup>12</sup> “Fazer o FTA” = “Do the FTA”

<sup>13</sup> “2. polidez negativa” = “2. negative politeness”

<sup>14</sup> 5. Não fazer o FTA = 5. Don’t do the FTA.

<sup>15</sup> “[...] oriented toward the positive face of H, the positive self-image that he claims for himself. Positive politeness is approach-based; it ‘anoints’ the face of the addressee by indicating that in some respects, S wants H’s wants [...]”

*Negative Politeness* (ou polidez negativa). Essa é

[...] orientada, majoritariamente, em direção parcialmente à satisfação (correção) da face negativa do ouvinte, seu desejo básico de manter reivindicações de territórios e autodeterminações. A polidez negativa, assim é essencialmente baseada na evitação e realizações de estratégias de polidez negativas consistem em assegurar que o falante reconhece e respeita os desejos da face negativa do endereçado e não irá (ou irá minimamente) interferir na liberdade de ação do endereçado. (p. 70, tradução nossa<sup>16</sup>)

A quarta estratégia (atenuar o FTA completamente), nomeada *off record*, leva a ambiguidades e incertezas na interação, uma vez que não há como atribuir uma intenção clara ao ato, por conseguinte, é usada para evitar a responsabilidade pelo FTA e satisfaz a face em um grau maior, uma vez que há uma amenização também maior.

Já na quinta estratégia (não fazer o FTA), evita-se, de todo modo, ofender e ameaçar as faces ao não expressar o *face threatening act*.

Além das estratégias, Brown e Levinson (1988) apontam outra questão: as variáveis sociológicas. Mediante a equação  $Wx = D(S, H) + P(H, S) + Rx$ , buscam indicar o risco estimado do FTA, em que W seria o peso do FTA, este risco estimado, D seria a distância social entre falante (S) e ouvinte (H), P seria o poder que o ouvinte (H) tem sobre o falante (S) e R seria o nível de imposição do FTA naquela cultura. Assim, tem-se, a partir desse conjunto, o motivo da escolha de uma das estratégias supracitadas, o Wx. Os linguistas afirmam que tal escolha não é necessariamente consciente (p. 85), mas é feita a partir da consideração dessas variáveis.

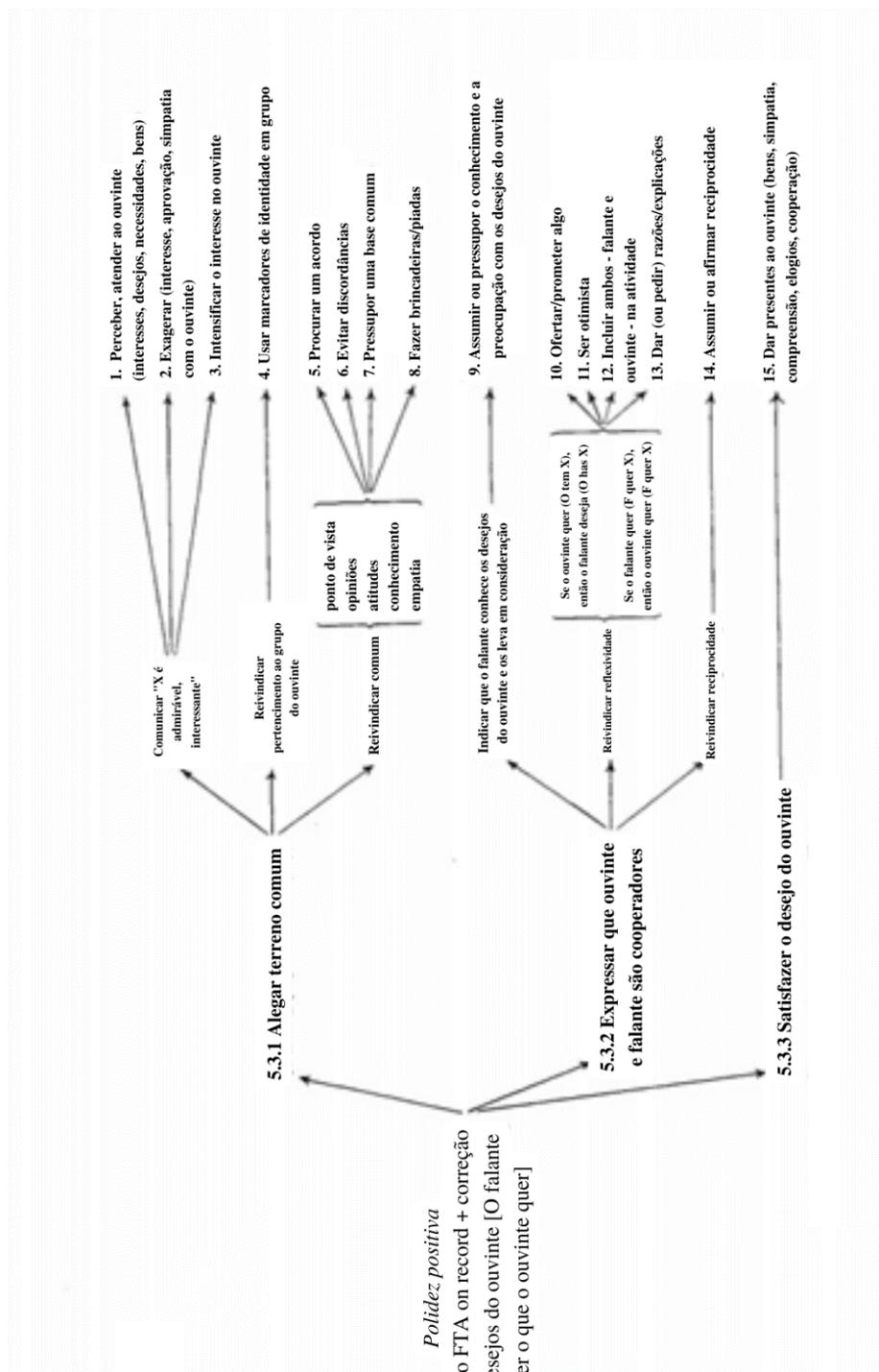
Ainda na perspectiva das estratégias, os pesquisadores indicam as intenções que favorecem o uso de cada estratégia. A estratégia *on record*, por exemplo, é mais utilizada quando há urgência na comunicação, seja ela real ou metafórica; quando há barulhos ou problemas no canal de comunicação; quando o foco é a tarefa; quando o falante é poderoso e não há medo de retaliação ou preocupação com a preservação da face; quando o FTA é de interesse do ouvinte; quando se trata de um conselho confortador; quando há uma permissão a algo solicitado pelo ouvinte; quando há conselhos ou avisos comuns de viagens. Além disso, essa é também comum em casos em que se percebe uma possível relutância futura do ouvinte em impor algo sobre a face negativa do falante ou de transgredir a face positiva do falante<sup>17</sup>.

<sup>16</sup> “[...] oriented mainly toward partially satisfying (redressing) H’s negative face, his basic want to maintain claims of territory and self-determination. Negative politeness, thus, is essentially avoidance-based and realizations of negative-politeness strategies consist in assurances that the speaker recognizes and respects the addressee’s negative-face wants and will not (or will only minimally) interfere with the addressee’s freedom of action.”

<sup>17</sup> Tais usos são mais bem explicados nas páginas 96 a 101.

Já na esfera da polidez positiva e da polidez negativa, Brown e Levinson (1988) esboçam quadros, os quais elucidam muito bem a relação entre as intenções e o emprego de cada estratégia.

**Imagem 2** – Estratégias de polidez positiva



Fonte: esquema traduzido<sup>18</sup> do original de Brown e Levinson (1988, p. 102)

As estratégias de polidez positiva derivam de três principais origens:

- 1) *Alegar terreno comum*: indicar interesses e desejos em comum ou indicar que algum desejo ou objetivo do ouvinte é admirável e interessante para o falante também ou enfatizar a filiação em algum grupo (p. 103).
- 2) *Expressar que ouvinte e falante são cooperadores*: expressar que o falante e o ouvinte estão cooperativamente envolvidos na atividade (p. 125)
- 3) *Satisfazer desejo do ouvinte*: indicar que o falante quer que o ouvinte tenha suas necessidades supridas, em alguns aspectos particulares (p. 129).

Advindas dessas três origens, temos as quinze estratégias de polidez:

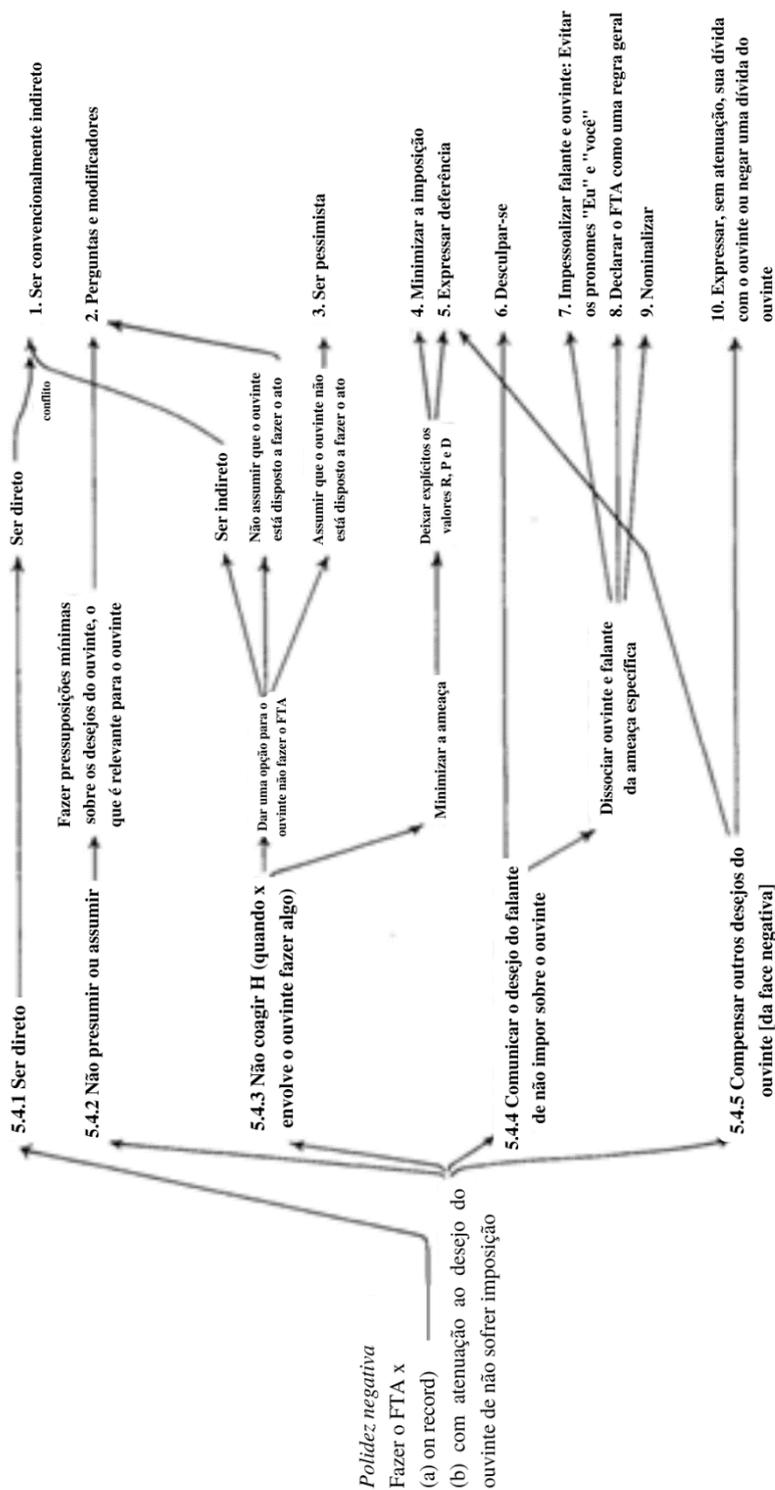
- 1) Perceber, atender ao ouvinte, isto é, ouvir seus interesses, seus desejos, suas necessidades e seu bem. Ex.: Nossa, você pintou seu cabelo! Ficou lindo.
- 2) Exagerar o interesse, a aprovação ou a simpatia com o ouvinte. Ex.: Seu cabelo ficou extremamente lindo.
- 3) Intensificar o interesse no ouvinte, ou seja, contar uma “boa história”. Ex.: Eu estava andando na rua e você não sabe o que eu encontro! Uma nota de dinheiro. (uso do verbo no presente ao contar algo que ocorreu no passado)
- 4) Usar marcadores de identidade em grupo. Ex.: Esse é o meu parceirão, o João.
- 5) Procurar um acordo, uma concordância. Ex.: A: A Maria se casou ontem. B: A Maria se casou?!
- 6) Evitar discordâncias. Ex.: A: Você não acha esse vaso muito bonito? B: É bonito, de certo modo.
- 7) Pressupor uma base comum. Ex.: Eu assisti *How I met your mother*<sup>19</sup> ontem. (pressupor que o outro conheça a série)
- 8) Fazer brincadeiras/piadas. Ex.: Que tal me emprestar este velho monte de sucata? (falante falando do carro do ouvinte [p. 124])
- 9) Assumir ou pressupor o conhecimento e a preocupação com os desejos do ouvinte. Ex.: Eu sei que você não gosta de ler, mas esse livro é muito bom! Você deveria ler.
- 10) Ofertar/prometer algo. Ex.: Vou passar aí qualquer dia desses.
- 11) Ser otimista. Ex.: Tenho certeza de que você não vai se importar de me emprestar aquele seu livro, né?

<sup>18</sup> Tradução nossa, ver original na página 102.

<sup>19</sup> *How I met your mother* é uma série de comédia que foi ao ar de 2005 a 2014.

- 12) Incluir ambos – ouvinte e falante – na atividade. Ex.: Vamos fazer uma pausa.
- 13) Dar ou pedir razões/explicações. Ex.: Por que não me emprestar aquele seu livro?
- 14) Assumir ou afirmar reciprocidade. Ex.: Eu lavei as louças na última semana, então você pode lavar as dessa.
- 15) Dar presentes ao ouvinte (simpatia, bens, cooperação, elogios, compreensão).  
Ex.: Você é muito bom nisso!

Imagem 3 - Estratégias de polidez negativa



Fonte: esquema traduzido<sup>20</sup>do original de Brown e Levinson (1988, p. 131)

<sup>20</sup> Tradução nossa, ver original na página 131.

As estratégias de polidez negativa, por sua vez, derivam-se de cinco matrizes:

- 1) *Ser direto*: ser direto, evitando prolixidade e obscuridade.
- 2) *Não presumir ou assumir*: evitar presumir ou assumir que qualquer coisa envolvida no FTA é desejada ou ansiada pelo ouvinte.
- 3) *Não coagir H*: não coagir ou assumir que o ouvinte pode/quer fazer determinada coisa.
- 4) *Comunicar o desejo do falante de não impor sobre o ouvinte*: indicar que o falante está ciente das exigências da face negativa do ouvinte e as leva em consideração em sua decisão de comunicar o FTA.
- 5) *Compensar outros desejos do ouvinte*: oferecer uma compensação parcial pela ameaça à face feita com o FTA, atingindo outros desejos particulares do ouvinte.

Fundamentadas nesses princípios, temos as dez estratégias de polidez:

- 1) Ser convencionalmente direto: nessa estratégia, há uma oposição de duas tensões, isto é, o desejo de dar uma saída para o ouvinte ao ser indireto e o desejo de dar o recado diretamente. Ex.: Gostaria de pegar seu livro emprestado, caso você não ache ruim.
- 2) Perguntas e modificadores: fazer perguntas ou usar modificadores para fazer o FTA. Ex.: Pegue, por favor, meu lápis.
- 3) Ser pessimista: expressar explicitamente a dúvida quanto ao resultado do ato de fala. Ex.: Acho que não há chance de você me ajudar com isso.
- 4) Minimizar a imposição: indicar que o nível de imposição não é em si grande. Ex.: Eu só quero vinte reais.
- 5) Expressar deferência: apontar que o status social do ouvinte é maior que o do falante. Ex.: Com licença, senhora, você pode abrir a janela?
- 6) Desculpar-se: indicar relutância em impor na face negativa do ouvinte e se desculpar por isso. Ex.: Eu sei que você está ocupada, mas você pode fechar a janela?
- 7) Impessoalizar falante e ouvinte: enunciar o FTA como se o agente fosse outra pessoa que não o falante e que o ouvinte fosse outra pessoa que não ele. Ex.: Eu me pergunto se você faria isso por mim.
- 8) Declarar o FTA como uma regra geral: evitar impor ao afirmar que o falante está sendo, meramente, forçado pelas circunstâncias. Ex.: Ao entrar no carro, os passageiros devem usar o cinto.

- 9) Nominalizar: substantivar a expressão a fim de afastar o ator do ato, de modo a tornar esse apenas um atributo da ação, retirando, assim, seu caráter de agente do FTA. Ex.: Sua presença é necessária nesse evento.
- 10) Expressar, sem atenuação, sua dívida com o ouvinte ou negar uma dívida do ouvinte: afirmar uma dívida com o ouvinte pelo FTA (no caso de o falante ter sido o agente) ou negar que exista uma dívida a ser paga pelo ouvinte (quando este for o agente).

Para além das estratégias, Brown e Levinson (1988) retomam os estudos de Grice (1982) para tratar as implicaturas conversacionais, no campo da estratégia *off record*. Para os linguistas, os atos comunicativos *off record*, geralmente, rompem as máximas conversacionais de Grice.

#### Imagem 4 – Estratégias *off record*

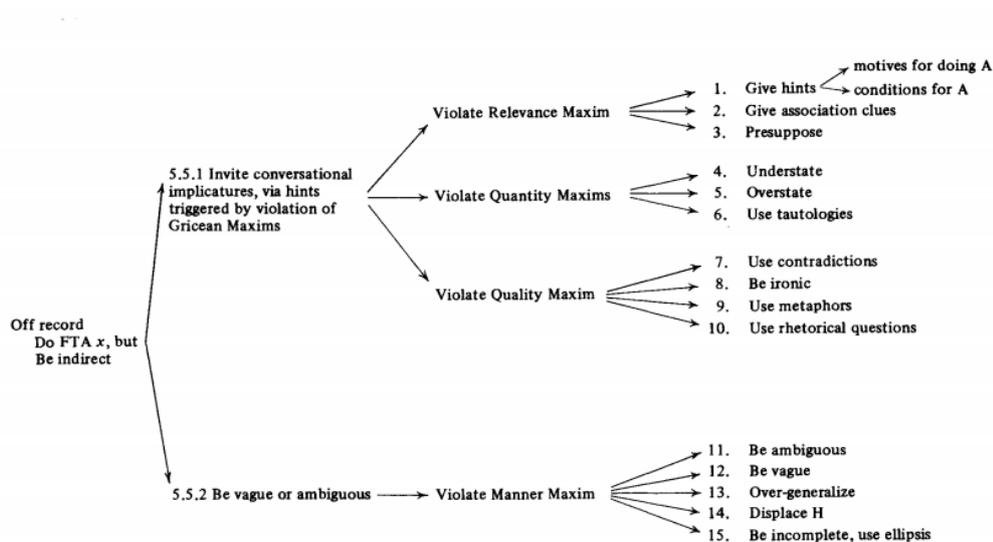


Fig. 6. Chart of strategies: Off record

Fonte: Brown e Levinson (1988)

Assim, os estudiosos apontam dez estratégias derivadas de tal campo:

- 1) Dar pistas: convidar o ouvinte a encontrar a relevância de sua fala. Ex.: Está frio aqui (p. 215).
- 2) Dar pistas associadas ao ato: dar a chance de o ouvinte oferecer algo, sem, contudo, responsabilizar o falante pelo FTA. Ex.: Nunca experimentei esse sabor de chiclete (o ouvinte está mascando um chiclete).

- 3) Pressupor: dar margem à pressuposição de um outro sentido que não o literal. Ex.: Eu organizei a prateleira *de novo* hoje (isto é, você deveria ter organizado).
- 4) Minimizar: dizer menos que o necessário. Ex.: A: O que você achou do novo carro do João? B: É um carro.
- 5) Maximizar: dizer mais que o necessário. Ex.: Por que você está *sempre* fumando? (p. 220)
- 6) Usar tautologias: emitir patentes e verdades por meio de tautologias. Ex.: Homens são homens.
- 7) Usar contradições: oferecer ideias contraditórias ao ouvinte, que deve encontrar a verdade. Ex.: A: Você está feliz? B: Sim e não.
- 8) Ser irônico: dizer o oposto do que se quer dizer. Ex.: Vestido lindo, hein? (para um vestido sujo de barro, por exemplo)
- 9) Usar metáforas: violar a máxima da qualidade, uma vez que o sentido literal é falso. Ex.: Ela é uma flor! (querendo dizer que ela é doce como uma flor)
- 10) Usar perguntas retóricas: por tratar-se de uma pergunta em que não há intenção de obter resposta, há uma quebra de sinceridade, a qual viola a máxima de qualidade. Ex.: Quantas vezes eu tenho que dizer isso? (p. 223)
- 11) Ser ambíguo. Ex.: Bom para burro! (propaganda de um dicionário)
- 12) Ser vago: ser vago tanto sobre o objeto do FTA quanto sobre o que a ofensa é. Ex.: Talvez alguém tenha feito algo travesso (p. 226).
- 13) Generalizar demais: usar regras ou provérbios de forma a tornar o FTA extremamente genérico. Ex.: Quem ri por último ri melhor (p. 226).
- 14) Deslocar o ouvinte: falar algo para uma pessoa esperando que uma outra compreenda a indireta. Ex.: uma secretária pede para a outra pegar o grampeador, mesmo com o chefe mais próximo dele. A face do chefe não é ameaçada, e ele pode escolher pegar o grampeador ou não (p. 225-226).
- 15) Ser incompleto, usar elipses: violar as máximas de quantidade e de modo. Ex.: Bom, eu não vi você... (p. 227)

Por fim, Brown e Levinson (1988) apontam, em sua investigação sobre a polidez, um aspecto que elucida o caráter complexo e desafiador de classificar FTAs, a hibridez. Os linguistas indicam que pode haver uma estratégia híbrida quando há uma combinação de estratégias de polidez positiva e de polidez negativa (p. 230).

### 1.3 CONTRIBUIÇÕES DE KERBRAT-ORECCHIONI

Na obra *Análise da conversação: princípios e métodos* (2006), Catherine Kerbrat-Orecchioni tece críticas e contribuições ao modelo teórico de Brown e Levinson e aos estudos prévios de polidez. Tais comentários corroboram para a compreensão desse fenômeno amplo.

Para a autora, a polidez “é um fenômeno linguisticamente pertinente” (p. 77), o qual abrange **“todos os aspectos do discurso que são regidos por regras, cuja função é preservar o caráter harmonioso da relação interpessoal** (p. 77, grifos da autora). Assim, tem sua dimensão verbal e não verbal, Kerbrat-Orecchioni, entretanto, focaliza a primeira.

Para a linguista, de modo análogo ao categorizado por Brown e Levinson (1988), tem-se a face positiva e a face negativa na interação. A primeira correspondendo ao “narcisismo e ao conjunto de imagens valorizantes que os interlocutores constroem de si e que tentam impor na interação” (p. 78) e a segunda, aos “‘territórios do eu’ (território corporal, espacial ou temporal, bens materiais ou saberes secretos)” (p. 78).

Em relação aos FTAs, considerados “ameaças potenciais para uma e/ou para outra dessas quatro faces [face positiva e face negativa do falante, face positiva e face negativa do ouvinte]” (p. 78), Kerbrat-Orecchioni retoma a questão da hibridez ao afirmar que **“um mesmo ato pode se inscrever simultaneamente em diversas categorias”** (p. 79, grifos da autora).

Sob a perspectiva da preservação das faces, a linguista recupera o *face work* de Goffman, definindo-o como “tudo que uma pessoa empreende para que suas ações não impliquem perda diante de ninguém (nem de si mesma)” (p. 80) e as estratégias de polidez de Brown e Levinson: *“a polidez aparece como um meio de conciliar o mútuo desejo de preservação das faces, com o fato de que a maioria dos atos de fala são potencialmente ameaçadores para uma dessas faces”* (p. 80-81, grifo da autora). Desse modo, a partir daquilo que já fora constituído, Kerbrat-Orecchioni tece uma conceituação nova: o antiFTA ou FFA.

O antiFTA ou o FFA é proveniente de uma perspectiva mais otimista sobre a polidez, a autora justifica tal “otimismo” ao tecer uma crítica à perspectiva dos linguistas Brown e Levinson:

esse modelo [modelo de Brown e Levinson] reprovou-se, sobretudo, uma concepção excessivamente pessimista, e até mesmo “paranoide”, da interação – representando os indivíduos em sociedade como seres vivos sob a ameaça permanente de FTAs de todo gênero, e passando seu tempo a montar guarda em torno de seu território e de sua face. Com efeito, é incontestável que Brown e Levinson reduzem demais a polidez à sua forma “negativa” [...]. (p. 80)

Desse modo, os FFA, *Face Flattering Acts*, seriam o conjunto de atos valorizantes às faces; enquanto os FTA, *Face Threatening Acts* seriam o conjunto de atos ameaçadores das faces. Na segunda categoria, encontrar-se-iam atos como a crítica e a ordem; na primeira, o elogio e o agradecimento.

Nesse sentido, Kerbrat-Orecchioni oferece uma releitura das definições de polidez positiva e de polidez negativa: “**A polidez negativa é de natureza abstencionista ou compensatória**: ela consiste em evitar produzir um FTA, ou em abrandar, por meio de algum procedimento, sua realização [...]” (p. 82, grifos da autora). Já a polidez positiva é “**ao contrário, de natureza produtiva**: ela consiste em efetuar alguma FTA para a face negativa (ex.: presente) ou positiva (ex.: elogio) do destinatário” (p. 82, grifos da autora).

Para a autora, na polidez negativa, estariam, então, os procedimentos substitutivos e os subsidiários, suavizadores de natureza verbal. Esses sendo marcados pela substituição da formulação mais direta por outra suavizada (p. 85) e estes, pela suavização através do acompanhamento de uma fórmula especializada, tal qual “por favor” (p. 87).

Na polidez positiva, estariam, por outro lado, o conjunto de atos de caráter “essencialmente ‘antiameaçador’ para seu destinatário: manifestação de acordo, oferta, convite, elogio, agradecimento, fórmula votiva ou de boas-vindas etc.” (p. 91).

Outras contribuições de Kerbrat-Orecchioni encontram-se fundamentados na questão do sistema da polidez. A linguista afirma que “**os comportamentos impolidos são ‘marcados’ em relação aos comportamentos polidos**” (p. 94, grifos da autora), isto é, os comportamentos imbuídos de polidez são preferidos e os impolidos são preteridos (p. 94-95).

Além disso, Kerbrat-Orecchioni desenvolve a conceituação da “lei da modéstia”, princípio pelo qual, “para ser polido, convém elogiar a face do outro, sacrificando, se necessário, a própria” (p. 97). Assim, os autoelogios devem ser, ao máximo, evitados e, se proferidos, devem ser minimizados ou reparados, uma vez que “qualquer infração patente à lei da modéstia é impiedosamente sancionada (pelo riso das testemunhas ou por alguma observação sarcástica), acarretando, no caso de uma eventual repetição, a estigmatização do culpado (decretado imodesto, vaidoso, e até megalomaniaco...)” (p. 97).

Por fim, dentre os contributos da linguista, citamos a questão da dupla coerção: “**quanto mais valorizamos a face positiva de nosso parceiro, mais ameaçamos correlativamente sua face negativa, e inversamente**” (p. 98), uma vez que se deve, ao mesmo tempo, respeitar o território do outro e manifestar um interesse por esse território. Assim sendo, a autora afirma que “é preciso que nos equilibremos, se quisermos garantir

honrosamente nosso papel em sociedade” (p. 99), tal qual equilibristas, os interactantes devem buscar uma harmonia que, muitas vezes, pode exigir o uso de estratégias híbridas e, por muitas vezes, controversas, ora valorizando, ora amenizando, de modo a asseverar a harmonia da interação.

#### 1.4 OUTRAS CONTRIBUIÇÕES

Além de Brown e Levinson, outros estudiosos contribuíram para as compreensões acerca da polidez, entre eles, Goffman, já citado anteriormente, e Fraser. Vejamos as ideias as quais os pesquisadores apontam.

Goffman (1967), em seus estudos sobre as interações sociais, fundamentou o conceito de face, tão substancial para os estudos de polidez. Para o antropólogo, a face seria

[o] valor social positivo que uma pessoa reivindica efetivamente para si mesma pela linha [padrão de atos verbais e não verbais por meio do qual o falante expressa sua perspectiva sobre a situação e, por meio disso, sua avaliação sobre os participantes, especialmente ele mesmo<sup>21</sup>] que os outros assumem que essa pessoa tenha tomado durante um determinado contato. A face é uma imagem autodeterminada em termos de atributos socialmente aprovados – embora possa ser partilhada por outros, quando uma pessoa faz uma boa exibição pela sua profissão ou religião fazendo uma boa exibição por si mesmo. (p. 5, tradução nossa<sup>22</sup>)

Assim, Goffman (1967) afirma que o indivíduo pode estar *in face* ou *out of face*, à medida que há ou não uma congruência entre a face e a linha (o padrão de atos verbais e não verbais):

Quando uma pessoa sente que está *in face*, ela tipicamente responde com sentimentos de confiança e segurança. Firme na linha que segue, o indivíduo sente que ele pode manter a cabeça erguida e se apresentar abertamente aos outros. (p. 8, tradução nossa<sup>23</sup>)

Quando uma pessoa está na face errada ou *out of face*, eventos expressivos estão sendo contribuídos para a interação, os quais não podem ser prontamente tecidos no tecido expressivo da ocasião. (p. 8, tradução nossa<sup>24</sup>)

Durante a comunicação, os falantes procuram preservar a face, ato que é considerado por Goffman (1967) como uma condição da interação (p. 12). Nesse escopo, estabelece-se o

<sup>21</sup> Excerto de Goffman (1967, tradução nossa): “a pattern of verbal and nonverbal acts by which he expresses his view of the situation and through this his evaluation of the participants, especially himself”.

<sup>22</sup> “positive social value a person effectively claims for himself by the line others assume he has taken during a particular contact. Face Is an image of self delineated in terms of approved social attributes-albeit an image that others may share, as when a person makes a good showing for his profession or religion by making a good showing for himself.”

<sup>23</sup> “When a person senses that he is in face, he typically responds with feelings of confidence and assurance. Firm in the line he is taking, he feels that he can hold his head up and openly present himself to others.”

<sup>24</sup> “When a person is in wrong face or out of face, expressive events are being contributed to the encounter which cannot be readily woven into the expressive fabric of the occasion.”

*face-work*, “ações tomadas pelo falante para fazer o que quer que ele esteja fazendo consistente com a face” (p. 12, tradução nossa<sup>25</sup>). Tal conceito também é conhecido como “tato, *savoir-faire*, diplomacia ou habilidade social” (p. 12, tradução nossa<sup>26</sup>) e é posto em prática à medida que há percepção e consideração por parte do indivíduo, de modo a aplicar a polidez ou o tato (p. 14).

Dentre os tipos de *face-work*, há o processo de evitação, o “jeito mais seguro para uma pessoa evitar ameaças à sua face é evitar contatos nos quais essas ameaças são mais prováveis de ocorrer” (GOFFMAN, 1967, p. 15, tradução nossa<sup>27</sup>). Tal processo é visto na polidez negativa, discorrida por Brown e Levinson (1988).

Uma segunda classe de *face-work* é o processo de correção, no qual os participantes buscam reestabelecer o equilíbrio e a harmonia social, assim procura-se corrigir “a ofensa e reestabelecer a ordem expressa” (p. 20). No modelo de Brown e Levinson (1988), essa classe é atribuída à polidez positiva.

Constatada a complexidade relacionada aos estudos de polidez, Fraser (2005) traz um outro olhar para o futuro dos pesquisadores do tema. Ao iniciar seu artigo, Fraser tece uma série de questionamentos: “A polidez é comunicada? Qual é o status de um princípio de polidez? Qual é a relação entre deferência e polidez? Uma teoria de polidez deve se estender à impolidez? Qual é o status das estratégias de polidez? A noção de face é universal? Qual é o status de Wx?” (p. 65, tradução nossa).<sup>28</sup>

Ao retomar a proposta de Brown e Levinson, o linguista levanta alguns problemas teóricos encontrados, tais quais a questão da universalidade, vista apenas na dimensão de que toda sociedade tem algum conjunto de normas de procedimentos vistos como adequados (p. 66) e sua dimensão pragmática, uma vez que, para ele, a polidez deveria ser uma máxima dentro do Princípio Cooperativo (p. 67). Além disso, indica uma imprecisão quanto à conceituação de polidez e deferência nos estudos dos fundadores da polidez, a qual é corroborada pela ausência de distinção do fenômeno da indelicadeza/impolidez (p. 69).

Sob esse prisma, Fraser (2005) conclui trazendo uma provocação para os estudiosos otimistas que ousam se aventurar com esse objeto:

Otimistas assumem a posição de que, se continuarmos estudando o fenômeno da polidez, podemos esperar alcançar uma teoria mais séria, necessariamente diferente,

<sup>25</sup> “[...] actions taken by a person to make whatever he is doing consistent with face.”

<sup>26</sup> “[...] tact, *savoir-faire*, diplomacy, or social skill.”

<sup>27</sup> “The surest way for a person to prevent threats to his face is to avoid contacts in which these threats are likely to occur [...]”

<sup>28</sup> “Is politeness communicated? What is the status of a politeness principle? What is the relationship between deference and politeness? Should a theory of politeness be extended to impoliteness? What is the status of politeness strategies? Is the notion of face universal? What is the status of Wx?” (p. 65)

sob algum aspecto, do modelo existente, no qual os conceitos de face e os princípios de interpretação são cuidadosamente articulados e bem-compreendidos. Pessimistas, por outro lado, assumem a posição de que, enquanto todos reconhecermos o comportamento polido quando o virmos, nunca seremos capazes de falar definitivamente sobre ele. Eu sou um otimista. (p. 80-81, tradução nossa<sup>29</sup>)

Ao considerar tudo que expusemos neste capítulo, podemos reafirmar a importância e a complexidade que envolvem trabalhar com a polidez. Os estudos desse fenômeno, além de abrangerem numerosas estratégias, correlacionam múltiplas áreas, a antropologia, a história, a psicologia e a própria linguística, de modo a desafiar o pesquisador a ir além e buscar fundamento em territórios análogos a fim de perceber as nuances e as particularidades de cada ocorrência.

Compreendemos, portanto, que estudar polidez é estudar um objeto amplo e sua importância reside exatamente nesse fato – em sua universalidade e abrangimento. Kerbrat-Orecchioni expressa bem tal questão:

Respeitar as regras da polidez é dar condições para que a interação funcione adequadamente. Ora, geralmente, todos os participantes da interação têm interesse em que ela funcione nas melhores condições... Sem polidez, ao contrário, a vida é “impossível” (conforme dizemos das crianças); sem civilidade, o que se tem é a guerra civil: basta observar a si mesmo e constatar as pequenas frustrações e as grandes cóleras desencadeadas por qualquer desrespeito às regras “elementares” da polidez [...] (p. 101)

O respeito às regras de polidez deriva, portanto, mais do princípio de racionalidade (é mais razoável favorecer a viabilidade da troca que se empenhar na precipitação de sua morte) que de uma ética fundamentalmente altruísta: [...] a polidez é um fenômeno universal, como é universal a importância atribuída ao território e a à face, nas relações interpessoais como nas relações entre os países – os grandes conflitos internacionais não se instauram sempre em torno de questões de poder e de glória? (p. 102)

Assim como Fraser, consideramo-nos otimistas e esperamos que, com nossos trabalhos<sup>30</sup>, possamos contribuir para uma teoria mais bem estruturada de polidez.

---

<sup>29</sup> “Optimists take the position that if we continue to work on the problem, we can expect to arrive at a serious theory of politeness, necessarily somewhat different than the existing model, where concepts of face and the principles for interpretation are carefully articulated and well understood. Pessimists, on the other hand, take the position that while we all know polite behavior when we see it, we will never be able to speak definitively about it. I am an optimist.”

<sup>30</sup> Ver Areas (2020).

## CAPÍTULO 2 – O GÊNERO EM FOCO

Assim como a polidez, as interações entre a língua e o gênero – a construção social da categoria biológica “sexo” - constituem-se parte elementar da nossa análise. Para olhar de modo mais profundo a tal questão, pautamo-nos nos estudos sobre o assunto compilados por Ostermann e Fontana (2010) e, de forma mais específica, nas contribuições de Eckert e McConnell-Ginet (2013) sobre a relação que se estabelece entre linguagem e gênero.

### 2.1 UM PANORAMA SOBRE O GÊNERO

Ostermann e Fontana (2010) trazem clássicos e importantes estudos sobre o gênero. Incorporam-se à compilação os estudos de Lakoff (publicado originalmente em 1973), Fishman (originalmente de 1978), West e Zimmerman (de 1987), Tannen (de 1990), Eckert e McConnell-Ginet (de 1992), Livia e Hall (de 2010) e Cameron (de 1997). Abordaremos os estudos citados, de forma breve, deixando apenas Eckert e McConnell-Ginet para uma próxima seção, uma vez que em tal análise nos fundamentamos de modo mais robusto.

As pesquisadoras Ostermann e Fontana (2010) configuram os estudos sobre o gênero em três perspectivas gerais: (1) *déficit*: cuja ideia aponta o estilo conversacional das mulheres como inferior ao estilo dos homens, abordagem de Lakoff (2010), por exemplo; (2) *dominância*: o status de estilo inferior das mulheres em relação ao dos homens se dá em virtude da dominância social destes sobre essas, como apontam trabalhos como Ostermann (2006); (3) *diferença ou modelo das duas culturas*: o estilo diferente de conversação resulta das diferentes formas de socialização e de cultura, desviando-se, assim, o foco da questão do poder, como é o caso do trabalho de Tannen (2010).

Em uma introdução ao tema, Ostermann e Fontana (2010) apontam que, atualmente, os estudos entendem o gênero como algo que não “[...] se nasce, nem algo que se possui, mas algo que se faz, ou, conforme Butler (1990), **algo que se desempenha por meio da linguagem**” (p. 11, grifo nosso). Nisso, compreendemos a relação que se estabelece (e que é fulcral para a implementação da análise proposta por nosso trabalho) entre linguagem e gênero.

Robin Lakoff (2010), em sua análise inaugural sobre o gênero, aponta que tentou “descobrir o que o uso da linguagem pode nos dizer sobre a natureza e a extensão de qualquer desigualdade; e finalmente questionar se alguma coisa pode ser feita no aspecto linguístico do problema [...]” (p. 14).

A estudiosa acreditava que as mulheres vivenciavam a discriminação linguística de duas formas: “no modo como elas são ensinadas a usar a linguagem e no modo como o uso geral da linguagem as trata.” (p. 14). Nessa perspectiva da exclusão e da discriminação, Lakoff (2010) tece um comentário acerca da natureza dessa diferenciação cuja tendência é “relegar as mulheres a certas funções subservientes: aquelas de objeto sexual, ou serviçal [...]” (p. 14).

Nesse sentido, suas análises focalizam a distinção que existe no falar da menina e do menino, sob a perspectiva do *déficit*, compreendo o estilo dos homens como superior ao das mulheres. Lakoff defende que a sociedade vê as formas de falar e as recebe de modo diferente, há uma pressão e uma expectativa quanto à postura e ao estilo das meninas e das mulheres:

Se uma menina “fala grosso” ou de modo rude com um menino, ela vai normalmente ser isolada, xingada ou ser motivo de gozação. Dessa forma, a sociedade, por intermédio do pai, da mãe e dos amigos de uma criança, a mantém “na linha”, em seu lugar.” (p. 15)

Se a menina aprende bem sua lição, ela não é recompensada com uma aceitação irrestrita pela sociedade; ao contrário, a aquisição desse estilo particular de fala será mais tarde uma desculpa que outros usarão para mantê-la em uma posição inferior, para recusarem-se a levá-la a sério como um ser humano. Em função da forma como fala, a menina – então uma mulher adulta – será acusada de não conseguir falar claramente ou expressar-se convincentemente. (p. 15)

Se ela [a menina] se recusa a falar como uma dama, é ridicularizada e sujeita à crítica de não ser feminina; se ela aprende, é ridicularizada por não conseguir pensar claramente, por não conseguir tomar parte em uma discussão séria: em certo sentido, como sendo menos do que um ser humano completo. Essas duas escolhas que uma mulher tem – de ser menos do que uma mulher ou menos do que uma pessoa – são extremamente dolorosas. (p. 16)

Sendo assim, Lakoff (2010) aponta uma dicotomia linguística quanto ao estilo das mulheres: o estilo neutro, cuja aparência não se configura como feminina ou masculina e a linguagem das mulheres, a qual soa frívola e feminina para os homens, de acordo com a autora (p. 17).

Nesse ponto, a linguista pincela a questão da polidez na análise, ao apontar que a fala das mulheres “soa muito mais ‘bem-educada’ do que a dos homens. [Uma vez que] Um aspecto da boa educação é o que acabamos de descrever: deixar a decisão aberta, não impor sua opinião, ponto de vista ou posição a ninguém” (p. 27).

Assim, Lakoff (2010) chega à conclusão de que “[...] a discrepância nas posições que homens e mulheres ocupam na sociedade reflete-se nas disparidades linguísticas.” (p. 29). Dessa forma, o estilo conversacional das mulheres assume uma posição inferior se comparado ao estilo dos homens.

Já Fishman (2010) analisa a relação hierárquica entre homens e mulheres focalizando o trabalho que as mulheres realizam nas interações. Assim, direciona seu foco na questão de poder, o qual, para estudiosa

pode ser analisado microsociologicamente [...]. Poder e relações hierárquicas não são forças abstratas que operam nas pessoas. Poder é uma realização humana, situado na interação diária. Tanto as forças estruturais quanto as atividades interacionais são vitais para a manutenção e construção da realidade social. (p. 32)

Um ponto que fundamenta sua análise é a questão do turno, que é visto como “uma tentativa para interagir” (p. 35). Nesse aspecto, a linguista observa o controle da conversa, o qual “não significa meramente escolher o assunto; trata-se de ter controle sobre a definição da situação em geral, que inclui não só o que será falado, mas se haverá uma conversa de fato e sob quais condições ela ocorrerá” (p. 36).

Feitas as análises, Fishman (2010) conclui que os homens “controlam o que será produzido como realidade na interação. Eles já têm o direito garantido para definir a interação e a realidade, e continuamente o restabelecem e reforçam” (p. 47). Portanto seu estudo corrobora com outros que enfocam a dominação exercida por homens sobre as mulheres quando se analisa a linguagem e a conversação.

West e Zimmerman (2010) e Tannen (2010), sumariamente, estudam o gênero a partir de uma outra perspectiva: a dominância. Suas análises colocam em foco os insultos e as interrupções. Para West e Zimmerman, “a interrupção repetida do parceiro conversacional pode ser não somente a consequência de *status* inferior daquele que é interrompido, mas também um meio de estabelecer e manter esse diferencial de *status*” (p. 50).

Sob esse mesmo olhar, Tannen (2010) observa, de modo mais particular, a interrupção, a qual “não é uma categoria mecânica. Trata-se de percepções individuais de direitos e obrigações, que surgem de hábitos e expectativas também individuais.” (p. 71). Sobre essa questão, a autora aponta que “[...] não é interrupção que constitui a dominação, mas aquilo que os falantes estão tentando fazer ao falarem uns com os outros” (p. 74).

Assim como West e Zimmerman, Tannen aponta que há quem veja a interrupção como uma cooperação, uma maneira de demonstrar conexão e compreensão (p. 87 – 89). A linguista salienta, porém, que há uma diferenciação quanto a essa interrupção: “Enquanto as sobreposições cooperativas das mulheres frequentemente irritam os homens pois parecem indicar que a falante quer assimilar o tópico masculino, os homens frequentemente irritam as mulheres usurpando ou mudando o tópico” (p. 89-90).

Portanto, a pesquisadora conclui que

A interrupção tem [...] a ver com questões de dominação, controle, e com demonstrações de interesse e carinho. Homens e mulheres sentem-se interrompidos uns pelos outros porque procuram alcançar coisas diferentes por meio da fala. Os homens que encaram a conversa como uma competição provavelmente não têm nenhum interesse em apoiar as falas alheias, mas sim em mudar o rumo da conversa, empurrando-a em uma direção na qual possam ocupar um papel central contando uma história ou piado, ou demonstrando conhecimento. Mas, ao fazer isso, esses homens imaginam que seus parceiros conversacionais vão mostrar resistência. As mulheres que cedem aos esforços verbais masculinos não o fazem porque são fracas, inseguras ou submissas, mas porque têm pouca experiência em driblar as tentativas de tomar as rédeas da conversa. Elas não consideram a condução da conversa para outra direção como um movimento dentro de um jogo, mas como uma violação das regras desse jogo.

Dessa forma, as contribuições de West, Zimmerman e Tannen apontam para um aspecto muito pungente da discriminação e da distinção linguística entre homens e mulheres: a dominação. Apesar de outros estudos partirem em direção a outras áreas e espaços dessa diferenciação do gênero, compreender como a dominância afeta e é afetada pela configuração social é de suma importância para o entendimento da questão do gênero e das visões que a cercam.

Diferentemente de West, Zimmerman e Tannen, Livia e Hall (2010) e Cameron (2010) trazem uma abordagem voltada à questão da identidade de gênero, assim, as estudiosas apresentam contribuições relevantes quanto à distinção entre os conceitos gênero e sexo.

Livia e Hall (2010) tecem críticas ao tratamento da identidade, contrariando a presunção de que “a identidade pessoal é uma categoria não problemática e que todas as relações sociais podem ser derivadas dela” (p. 114). As estudiosas apontam a complexidade que cerca o assunto, pode-se tratar a homossexualidade (ou lesbianidade) de forma generalizável ou apenas se vista dentro e pelo seu contexto cultural? Tais questionamentos vertem a análise das linguistas.

Para responder a tanto, surge a teoria da performatividade de gênero:

Com a teoria da performatividade de gênero, afastamo-nos da construção social de sexualidade para nos direcionarmos à construção discursiva do gênero. [...] Conforme Butler assevera, gênero é performativo porque configura a sua existência por meio de seu próprio pronunciamento feliz. (p. 121)

De forma resumida, as autoras defendem que os estudos de gênero devem “(1) criar seu próprio objeto de estudo e (2) prestar apurada atenção ao momento histórico e à especificidade da comunidade envolvida” (p. 123). Por isso, na interseção entre o geral e o específico, o estudioso deve tecer seu objeto, atentando-se às noções históricas e específicas da comunidade nas quais se tem relações e práticas.

Cooperando com tal interpretação, Cameron (2010) enfoca a identidade de gênero com relação à construção da masculinidade heterossexual. Assim como Livia e Hall, Cameron aponta o gênero como não “natural”, mas construído e, assim, sustenta que o gênero “é algo que precisa ser constantemente reafirmado e publicamente exibido pelo desempenho repetido de ações específicas ajustadas a normas culturais (elas próprias histórica e socialmente construídas e, conseqüentemente, variáveis) que definem ‘masculinidade’ e ‘feminilidade’” (p. 132).

Dessa maneira, a linguista aponta que as pessoas “desempenham gênero de modos diferentes em contextos diferentes e, algumas vezes, comportam-se de uma maneira que poderia ser associada ao ‘outro’ gênero” (p. 133). Portanto, Cameron (2010) indica que oposições generalizantes não podem fundamentar a análise de gênero, uma vez que o estereótipo carrega julgamentos analíticos que podem distorcer a percepção do objeto de análise, de modo a se ignorar aspectos importantes para o entendimento da questão.

À vista disso, a pesquisadora sustenta que “[...] é inútil continuarmos a usar modelos de fala generificada que considere implicitamente a masculinidade e a feminilidade como construtos monolíticos, apresentando de forma automática padrões previsíveis (e completamente diferentes) de interações verbais” (p. 147). Uma abordagem e uma compreensão muito semelhantes às de Livia e Hall (2010), que veem a importância de atentar-se ao momento histórico e à especificidade cultural.

## 2.2 A LINGUAGEM E O GÊNERO: A TERCEIRA ONDA DA SOCIOLINGUÍSTICA

A Sociolinguística, área de estudos que permitiu aos linguistas um olhar sobre a importância do social, desde o seu surgimento na década de 1960, transformou-se de modo a comportar pesquisas com perspectivas diferentes sobre como a linguagem e o gênero (e outras categorias socioculturais). Eckert (2005) descrever tais diferenças como “ondas” que passam a coexistir nos estudos sociolinguísticos.

A primeira delas, marcada pelos estudos de Labov sobre Nova Iorque, focalizaram a variação e a relação que se estabelece entre as variáveis linguísticas e categorias sociais primárias. Conforme Eckert (2005) aponta, essa onda teve embasamento em estudos de comunidades geograficamente definidas e, sob as lentes da hierarquia socioeconômica, analisou as variáveis, atrelando-as a categorias primárias que carregam prestígio ou estigma, de acordo com a classe à qual o indivíduo pertence. Nessa perspectiva, o estilo foi visto como controlado por essa dicotomia prestígio/estigma e como uma atenção dada ao discurso. O

gênero, nesse âmbito, foi observado também de forma dicotômica e binária, com uma oposição entre feminino e masculino.

A segunda onda, caracterizada pelos “sopros” dos estudos etnográficos, focalizou comunidades menores de modo a buscar compreender as características das categorias sociais presentes, as quais são compreendidas em seu lugar na prática social local. Essa onda, ao invés de focar em categorias sociais primárias, buscou entender as categorias locais correlacionadas a traços demográficos, observando as variáveis como indexadoras de categorias localmente definidas. Nesse sentido, o estilo, não mais visto como uma atenção dada ao discurso, é interpretado como um ato de afiliação a essa categoria social. Vemos, então, uma maior atenção às práticas sociais.

Já a terceira onda, imersa na pesquisa etnográfica, prevê uma “revisão da noção de comunidade linguística e, em segundo lugar, da noção de comunidade social” (CAMACHO, 2013, p. 255). As comunidades geograficamente definidas dão lugar às comunidades de prática, consideradas “um agregado de pessoas que se reúnem regularmente para se engajar em um empreendimento (em sentido amplo)” (ECKERT, 2005, p. 16, tradução nossa<sup>31</sup>). Assim, os estudos baseiam-se nessas comunidades e as categorias locais são construídas, não apenas relacionadas às práticas sociais, mas articuladas às posições comuns nessas comunidades de prática. Sob esse ângulo, as variáveis assumem um valor de índice de posições, atividades e características. Conforme Eckert (2005) aponta, o estilo, não mais visto como mero ato de afiliação a uma categoria previamente estabelecida, torna-se uma construção da persona, a qual se difere da identidade por ser múltipla, mutável e articulada à ordem social; o estilo deixa de ser visto “como uma coisa” (idem, p. 24) e passa a ser analisado como uma prática que cria significado social. A construção dessa persona se constitui pela “participação em uma variedade de comunidades de prática, e em formas de participação em cada uma dessas comunidades” (idem, p. 17). Nessa onda, o indivíduo é mais ativo, uma vez que “combina as variáveis para criar formas distintas de falar” (idem, p. 17).

É nesta abordagem que nos ancoramos e, principalmente, nos estudos de Eckert e McConnell-Ginet (2013), a fim de compreender a linguagem e o gênero em sua relação com essas comunidades de práticas.

Trabalhos como Eckert e McConnell-Ginet (2013) representam, portanto, um olhar para o gênero no campo da Sociolinguística e, por meio do conceito de comunidade de

---

<sup>31</sup> “A community of practice is an aggregate of people who come together on a regular basis to engage in some enterprise (writ large).” (p. 16)

prática, trazem uma proposta consistente e embasada que é muito pertinente para o nosso trabalho. É importante ressaltar que, para elas, estudar o gênero envolve desde “estudos literários à psicologia até sociologia, comunicação e linguística” (p. 49, tradução nossa<sup>32</sup>). Por compartilharmos tal perspectiva, optamos por nos aprofundar nos preceitos teóricos alicerçados pelas estudiosas, os quais são de extrema relevância para o panorama do recorte de estudo. Por isso, pautamo-nos largamente em suas contribuições para compreender o gênero e nos engajar nos estudos sobre ele.

### 2.2.1 Gênero e dicotomia

Assim como para Livia e Hall e Tannen, para Eckert e McConnell-Ginet (2013), o gênero é um construto ideológico (p. ix), sendo, assim, compreendido como uma realização, uma performance, não como algo dado, tampouco algo natural. Nesse sentido, Eckert e McConnell-Ginet (2013) salientam: “É precisamente por que o gênero é visto como natural, e as crenças sobre gênero parecem verdades óbvias que precisamos dar um passo para trás e examinar gênero de uma nova perspectiva, [...] não como algo dado, mas como uma realização; não simplesmente como causa, mas como efeito; e não apenas de modo individual, mas social” (p. 1, tradução nossa)<sup>33</sup>.

Contrariando a noção de que o sexo é a base do gênero, as linguistas defendem que o sexo seria uma categorização baseada no potencial reprodutivo e, primariamente, em questões biológicas, porém o gênero tem um forte caráter social, sendo desempenhado de certas formas em certas culturas:

O sexo baseia-se numa combinação de características anatómicas, endócrinas e cromossômicas, e a seleção entre estes critérios para a atribuição de sexo baseia-se muito nas crenças culturais sobre o que realmente torna alguém homem ou mulher. Assim, a própria definição das categorias biológicas masculino e feminino, e a compreensão que as pessoas têm de si próprias e dos outros como masculino ou feminino é, em última análise, social. (p. 2, tradução nossa)<sup>34</sup>

---

<sup>32</sup> “The study of language and gender is an interdisciplinary endeavor, ranging from literary studies to psychology to sociology, communication, and linguistics.” (p. 49) – “The study of language and gender involves interpreting the use of linguistic resources to accomplish social ends.” (p. 49)

<sup>33</sup> “It is precisely because gender seems natural, and beliefs about gender seem to be obvious truths, that we need to step back and examine gender from a new perspective.” (p. 1) – “[...] study gender not as given, but as an accomplishment; not simply as cause, but as effect; and not just as individual, but as social.” (p. 1)

<sup>34</sup> “Sex is based in a combination of anatomical, endocrinal, and chromosomal features, and the selection among these criteria for sex assignment is based very much on cultural beliefs about what actually makes someone male or female. Thus the very definition of the biological categories *male* and *female*, and people’s understanding of themselves and others as male or female, is ultimately social.” (p. 2)

Para as estudiosas, o gênero, ao ser visto de forma dicotômica, tem suas bordas desfocadas, e as semelhanças e as diferenças nas categorias são apagadas, a fim de perpetuar essa diferenciação. Nesse processo, constitui-se a ideia de gênero a partir do exagero das diferenças, assim noções de “rosa é para meninas” e “azul para os meninos” ou “meninas são frágeis” e “homens são fortes” tomam espaço nessa categorização.

A perspectiva de Eckert e McConnell-Ginet é de que o gênero é uma construção social, a menina aprende a ser uma mulher e o menino aprende a ser um homem, de forma processual e a partir de interações com performances de homens e mulheres. Assim, as linguistas afirmam que “embora reconheçamos que a biologia impõe certas restrições fisiológicas ao homem e à mulher médios, tratamos a elaboração e ampliação destas diferenças e o apagamento das diferenças entre os homens e entre as mulheres como inteiramente sociais”. (p. 6, tradução nossa)<sup>35</sup>

Para que isso aconteça, meninas são mais bem-premiadas ao tomarem atitudes e terem comportamentos vistos como femininos, enquanto meninos são desencorajados a terem essas mesmas ações, o que, a longo prazo, molda os contornos dos gêneros e a percepção que a sociedade tem sobre eles (p. 12). Dessa forma, o gênero assume um caráter performativo e assimétrico, por “não ser algo que temos, mas algo que fazemos”<sup>36</sup> (p. 20, tradução nossa).

Tendo em vista o que foi dito, Eckert e McConnell-Ginet (2013) tecem certas definições sobre gênero e, a partir da figura de uma caixa de ferramentas, elucidam melhor o conceito: “O gênero consiste num padrão de relações que se desenvolve ao longo do tempo para definir masculino e feminino, masculinidade e feminilidade, estruturando e regulando simultaneamente a relação das pessoas com a sociedade” (p. 21, tradução nossa)<sup>37</sup>; por isso faz parte da ordem e da hierarquia social.

Aliás, o gênero, além de fazer parte da ordem social, como veremos no próximo tópico, faz parte da construção identitária dos indivíduos: “gênero é uma série de práticas através das quais pessoas constroem e reivindicam identidades” (p. 47, tradução nossa)<sup>38</sup>.

As autoras, sob esse ângulo, realçam, a partir da figura da caixa de ferramentas, a relação intrínseca que se consolida entre o gênero e outros conceitos:

---

<sup>35</sup> “While we recognize that biology imposes certain physiological constraints on the average male and female, we treat the elaboration and magnification of these differences and the erasure of differences among males and among females as entirely social.” (p. 6)

<sup>36</sup> “This leads to the third principle, that gender is not something we have, but something we do.” (p. 20)

<sup>37</sup> “Gender consists in a pattern of relations that develops over time to define male and female, masculinity and femininity, simultaneously structuring and regulating people’s relation to society.” (p. 21)

<sup>38</sup> “Throughout this book, we will be emphasizing that gender is a set of practices through which people construct and claim identities.” (p. 47)

Todas as práticas linguísticas que iremos discutir neste livro podem ser consideradas como constituindo uma caixa de ferramentas convencional para a construção de identidades, relações e ideologias de gênero. [...] Cada pessoa utiliza a caixa de ferramentas à sua maneira, misturando e combinando recursos linguísticos tais como itens léxicos, marcação gramatical de gênero, construções sintáticas, metáforas, marcadores de discurso, atos de fala, contornos de entonação, pronúncias, pausas, discurso sobreposto, ritmo e velocidade, tom de voz. (p. 47, tradução nossa)<sup>39</sup>  
 O gênero deve ser reconhecido na sua plena glória - na sua inseparabilidade da experiência do resto da vida. [...] Mais importante, trataremos o gênero como um projeto em curso, e a linguagem como um recurso na busca desse projeto. (p. 61)<sup>40</sup>

### 2.2.2 A ordem do gênero

Desenvolvendo tal compreensão, as estudiosas apontam para que serviria a diferenciação entre feminino e masculino: garantir a reprodução social, isto é, reafirmar os acordos e os arranjos sociais que dependem dessas categorias (p. 22). À vista disso, a ordem do gênero se configura da seguinte maneira:

A ordem do gênero é um sistema de atribuição, baseado na atribuição de classes sexuais, de direitos e obrigações, liberdades e restrições, limites e possibilidades, poder e subordinação. [...] É apoiada por - e apoia - estruturas de convenção, ideologia, emoção e desejo. (p. 22, tradução nossa<sup>41</sup>)  
 As categorias de gênero não simplesmente representam uma diferença: elas suportam hierarquia e desigualdade. (p. 193, tradução nossa<sup>42</sup>)

Entende-se, então, que a convenção mantém a estrutura social e a ideologia fornece um sistema de crenças a partir do qual comportamentos podem ser explicados, tudo isso contribui para que uma ordem seja estabelecida.

### 2.2.3 Masculinidades e feminilidades

Outra análise de Eckert e McConnell-Ginet (2013) se relaciona à multiplicidade de masculinidades e feminilidades. Para as autoras, as categorias não são “experenciadas ou

---

<sup>39</sup> “All of the linguistic practices we will discuss in this book can be thought of as constituting a conventional toolbox for constructing gender identities, relations, and ideologies. [...] Each person uses the toolbox in their own way, mixing and matching linguistic resources such as lexical items, grammatical gender marking, syntactic constructions, metaphors, discourse markers, speech acts, intonation contours, pronunciations, pauses, overlapping speech, rhythm and speed, tone of voice.” (p. 47)

<sup>40</sup> “Gender must be recognized in its full glory – in its inseparability from the rest of life experience. [...] Most important, we will treat gender as an ongoing project, and language as a resource in the pursuit of that project.” (p. 61)

<sup>41</sup> “The gender order is a system of allocation, based on sex-class assignment, of rights and obligations, freedoms and constraints, limits and possibilities, power and subordination. [...] It is supported by – and supports – structures of convention, ideology, emotion, and desire.” (p. 22)

<sup>42</sup> “Gender categories do not simply posit difference: they support hierarchy and inequality.” (p. 193)

definidas da mesma forma em todos os lugares”<sup>43</sup> (p. 33, tradução nossa). O apagamento dessa multiplicidade, o qual se dá para reforçar e manter as categorias estáticas, apaga, também, a experiência de muitas pessoas.

Sob essa compreensão, as linguistas abordam o conceito de prática social: “Em outras palavras, a ordem do gênero e as categorias sociais – *masculino e feminino* – nas quais se assentam existem em virtude da *prática social*” (p. 36, tradução nossa)<sup>44</sup>. Esta seria “a atividade humana quando enfatiza o aspecto convencional da atividade e sua relação com a estrutura social. Embora a estrutura limite a prática, ela não a determina” (p. 36, tradução nossa)<sup>45</sup>.

Essas práticas podem agir de duas formas: contribuindo para a ordem social ou se opondo a ela, de forma a gerar mudanças naquilo que é visto como convencional socialmente, por isso as práticas sociais são um conceito chave para a compreensão da comunidade de prática, que será explanada no próximo tópico.

#### 2.2.4 Comunidades de prática

As comunidades de prática são um conceito central da teoria de Eckert e McConnell-Ginet (2013), a partir delas e em meio a elas, as práticas sociais emergem, de modo a serem organizadas nesses grupos de contribuição mútua:

Comunidades de prática emergem à medida que grupos de pessoas respondem a uma situação mútua. Um grupo de pessoas começa a jogar basquetebol no parque [...] - todos estes grupos de pessoas vêm praticar em conjunto porque têm um interesse comum num determinado lugar e num determinado momento. Assim, as comunidades de prática não emergem ao acaso, mas são estruturadas pelos tipos de situações que se apresentam em diferentes lugares da sociedade. E categorias como gênero, classe e raça emergem em *clusters* de experiência - o agrupamento de tipos de comunidades de prática em que se participa e as formas de participação que se assume nessas comunidades. (p. 45, tradução nossa)<sup>46</sup>

---

<sup>43</sup> “Male and female, masculinity and femininity, are not equally dimorphic everywhere. Nor are they experienced or defined in the same ways everywhere.” (p. 33)

<sup>44</sup> “In other words, the gender order and the social categories – *male* and *female* – on which it rests exist in virtue of *social practice*.” (p. 36)

<sup>45</sup> “[...] human activity when emphasizing the conventional aspect of activity and its relation to social structure. While structure constrains practice, it does not determine it.” (p. 36)

<sup>46</sup> “Communities of practice emerge as groups of people respond to a mutual situation. A group of people start to play basketball in the park [...] – all of these groups of people come to engage in practice together because they have a shared interest in a particular place at a particular time. Thus communities of practice do not emerge randomly, but are structured by the kinds of situations that present themselves in different places in society. And categories like gender, class, and race emerge in clusters of experience – the clustering of kinds of communities of practice one participates in, and the forms of participation one takes on in those communities.” (p. 45)

A comunidade de prática é o nível de organização social em que as pessoas experimentam a ordem social numa base pessoal e quotidiana, e em que conjuntamente dão sentido a essa ordem social. (p. 46, tradução nossa<sup>47</sup>)

Essas comunidades são organizações sociais cuja participação é marcada pela mutualidade, como no exemplo do grupo que joga basquete, o interesse mútuo é praticar esse esporte. Assim, estruturam-se esses grupos, outros exemplos seriam um clube de leitura, cujo foco seria a realização dessa leitura em conjunto ou um grupo de jogadores de RPG, cuja mutualidade é alicerçada no engajamento na narrativa.

As comunidades de prática, por terem valor intrínseco às relações sociais, devem ser analisadas quando se estuda o gênero e a linguagem, uma vez que

Abstrair gênero e linguagem das práticas sociais, que produzem suas formas particulares em determinadas comunidades, obscurece e, às vezes, distorce os modos pelos quais se conectam e o modo como essas conexões estão implicadas em relações de poder, em conflitos sociais e na produção e reprodução de valores e projetos. (ECKERT; MCCONNELL-GINET, 2010, p. 94)

Sob esse ângulo, as autoras pontuam que o sentido de si é construído dentro das relações e não pode ser observado de forma abstraída e separada, já que a participação em uma variedade de práticas é o que constitui as identidades que o indivíduo assume (idem, p. 96)

Retomando Wenger (1990) donde Eckert e colaboradores buscam esse conceito para aplicar em estudos sociolinguísticos, a comunidade pode ser compreendida como “um princípio central organizador do mundo tal como as sociedades o constituem” (p. 144, tradução nossa<sup>48</sup>); o “cenário primário de atividades, a sede da organização do conhecimento, domínio e compreensão, e os blocos de construção social que fornecem base e material para a definição do indivíduo” (p. 144, tradução nossa<sup>49</sup>).

Para Wenger (1990), as comunidades mediam as relações entre os indivíduos e os princípios organizacionais da sociedade, por isso são parte da configuração cultural, social e institucional das estruturas que a formam. Assim, independentemente de seu tamanho, as comunidades de prática se pautam em práticas comuns, ou formas de fazer algumas coisas (p. 145), e se constroem e se transformam à medida que há um contato entre os participantes dessa comunidade.

---

<sup>47</sup> “The community of practice is the level of social organization at which people experience the social order on a personal and day-to-day basis, and at which they jointly make sense of that social order.” (p. 46)

<sup>48</sup> “a central organizing principle of the world as human societies constitute it.” (p. 144)

<sup>49</sup> “[...] primary setting of activities, the seat of the organization of knowledge, mastery, and understanding, and the social building blocks providing stage and material for the definition of the individual.” (p. 144)

Sob a ótica de Eckert e McConnell-Ginet (2010), essas práticas comuns são empreendimentos que emergem na sociedade:

Comunidade de prática é um conjunto de pessoas agregadas em razão do engajamento mútuo em um empreendimento comum. Modos de fazer coisas, modos de falar, crenças, valores, relações de poder – em resumo, práticas – emergem durante sua atividade conjunta em torno do empreendimento. [...] são as práticas da comunidade e a participação diferenciada de seus membros nessas práticas que estruturam socialmente a comunidade. (p. 102)

Por conseguinte, um aspecto central do conceito é o compartilhamento e o engajamento em certas atividades, as quais fornecem um local de negociação, de discussão de ideias e compreensão, de distribuição e reconsideração (p. 146). Diferentemente de instituições, as comunidades de prática surgem de modo natural, não legislado, e encontram no cotidiano e nas necessidades comuns a força para se consolidarem.

Os indivíduos, ao se engajarem em uma prática comum, tornam-se parte desse grupo que a pratica, de modo a construir e negociar uma forma de individualidade nesse espaço; é na participação que os membros definem seus papéis e a maneira como irão se (re)apresentar. De modo coerente, mas não uniforme, as pessoas de cada comunidade fundamentam essa participação, o que pode causar conflitos e desavenças em certos momentos, mas não desclassifica a comunidade, pelo contrário, expõe seu caráter coexistencial (p. 148).

Essa mesma ideia é reapresentada em Eckert e McConnell-Ginet (2010):

Durante o engajamento conjunto em tais atividades, as pessoas constroem em colaboração um sentido de si e dos outros como certos tipos de pessoas, como membros de várias comunidades com múltiplas formas de filiação, autoridade e privilégio. Em todas elas, a linguagem interage com outros sistemas simbólicos – vestimenta, adornos corporais, modos de movimento, olhar, toque, estilo de caligrafia, frequência assídua a determinados espaços etc. (p. 97)

Assim, as comunidades de prática são esse lugar de condensamento de formas de participação distintas e de indivíduos múltiplos que se unem pelo engajamento em uma prática comum, nascida de uma necessidade e performada no cotidiano daquele grupo social.

### **2.2.5 Estilo, generalização e estereótipos**

Eckert e McConnell-Ginet (2013) elencam outros pontos consideráveis para a interseção entre linguagem e o gênero: o estilo, a questão da generalização e os estereótipos. O estilo é “central para a construção do gênero – é principalmente através de meios estilísticos

que nós apresentamos nós mesmos como masculino ou masculino, e como diferentes tipos de masculino e feminino” (p. 48, tradução nossa<sup>50</sup>).

Visto como “tempero da vida” (p. 48, tradução nossa<sup>51</sup>), o estilo representa uma forma de autoexpressão e de ação social (p. 48) e integra o arcabouço complexo envolto na relação linguagem e gênero.

É importante ressaltar, porém, as diferentes formas de enxergar o estilo; enquanto a primeira onda da Sociolinguística, cujo expoente é Labov, identifica o indivíduo como um “usuário passivo da língua” (SOUZA; LOPES, 2020, p. 9) e, por conseguinte, tem o estilo como uma mera expressão de sua participação em categorias macrosociais, sem um aprofundamento estratégico e indexicalizado<sup>52</sup> desse meio estilístico, a terceira onda, por considerar o indivíduo um “usuário ativo da língua” (ibidem), pontua o estilo como uma forma estratégica e, muitas vezes, subversiva de construir uma identidade e firmar pertencimento “a espaços microsociais (comunidade de prática)” (idem, p. 9), de forma a construir “uma persona(personae) que sirva aos interesses pessoais e comunitários” (ibidem).

Portanto, diferentemente da primeira onda, a terceira onda (na qual nos firmamos) contempla o estilo não como um “reflexo da posição dos falantes” (idem, p. 4) em uma macro categoria, como idade ou etnia, mas uma estratégia de construção de identidade em uma micro categoria, a saber, a comunidade de prática.

Quanto à questão da generalização e dos estereótipos, Eckert e McConnell-Ginet ressaltam que há um grande perigo ao olhar para o gênero a partir destes, uma vez que seria “muito fácil negligenciar o trabalho analítico que deve ligar forma à função” (p. 55, tradução nossa<sup>53</sup>). Os estereótipos, por serem exageros propositais, servem para organizar a sociedade, mas são contraproducentes quando tomam a perspectiva de análise do pesquisador.

## 2.2.6 Linguagem e discurso

“Uma língua é um sistema altamente estruturado de sinais ou combinações de forma e significado. O gênero está incorporado nestes sinais e na sua utilização na prática

---

<sup>50</sup> “Style is central to the construction of gender – it is largely through stylistic means that we present ourselves as male or female, and as different kinds of male and female.” (p. 48)

<sup>51</sup> “[...] style is not usually a serious business – rather, it is the spice of life.” (p. 48)

<sup>52</sup> Indexicalização se refere à palavra inglesa *indexicality* e representa a relação existente entre um signo e seu caráter indicial. Souza e Lopes (2020) dão essa atribuição ao conceito: “[...] os significados sociais das variáveis não são precisos, ou mesmo fixos, antes constituem um campo de significados potenciais, um campo indexical, constituído por uma constelação ideológica de significados” (p. 6).

<sup>53</sup> “[...] too easy to overlook the crucial analytic work that must link form to function.” (p. 55)

comunicativa de várias maneiras. O gênero pode ser o verdadeiro conteúdo de um sinal linguístico" (p. 62, tradução nossa<sup>54</sup>).

A relação entre gênero e linguagem, além de existente, é, muitas vezes, indissociável. De acordo com Eckert e McConnell-Ginet (2013), os recursos linguísticos são ponto fulcral nessa associação:

Também utilizamos a linguagem para “colorirmos” a nós mesmos enquanto falamos. Os recursos linguísticos podem ser utilizados para se apresentar como um tipo particular de pessoa; para projetar uma atitude ou postura; para afetar o fluxo da conversa e das ideias. E estes podem envolver o gênero de uma variedade de formas. (p. 62, tradução nossa<sup>55</sup>)

Uma vez que a linguagem oferece informações sobre quem somos (p. 65), o gênero não poderia estar alheio a ela. Por conseguinte, a variação linguística toma espaço no escopo, uma vez que “aprendemos a variar nossa variedade linguística estrategicamente para nos posicionarmos, para ajustar nós mesmos a respeito de outros e expressar atitudes particulares” (p. 66, tradução nossa<sup>56</sup>). É perceptível, portanto, como a variação e a expressão do gênero se conectam:

Utilizamos a variabilidade linguística para nos deslocarmos em torno das comunidades de origem inicial. Ao mesmo tempo, podemos também adaptar-nos linguisticamente a novas comunidades e situações ou podemos usar a língua para nos ajudar a ter acesso a novas comunidades e situações. **A variabilidade linguística é fundamental para a mobilidade social e a apresentação do eu e, consequentemente, da construção do gênero.** (p. 66, grifo nosso, tradução nossa<sup>57</sup>)

---

<sup>54</sup> “A language is a highly structured system of signs, or combinations of form and meaning. Gender is embedded in these signs and in their use in communicative practice in a variety of ways. Gender can be the actual content of a linguistic sign.” (p. 62)

<sup>55</sup> “We also use language to color *ourselves* as we talk. Linguistic resources can be used to present oneself as a particular kind of person; to project an attitude or stance; to affect the flow of talk and ideas. And these can involve gender in a myriad of ways.” (p. 62)

<sup>56</sup> “We learn from the beginning to vary our linguistic variety strategically to place ourselves, to align ourselves with respect to others, and to express particular attitudes.” (p. 66)

<sup>57</sup> “We use linguistic variability to move around initial home communities of practice. At the same time, we can also adapt linguistically to new communities and situations, or we can use language to help us gain access to new communities and situations. Linguistic variability is key to social mobility and the presentation of self, hence to the construction of gender.” (p. 66)

### 2.2.7 A polidez, a linguagem, o gênero e o senso comum

Voltando-se à polidez, Eckert e McConnell-Ginet (2013) contestam uma visão muito propagada, por anos, por pesquisadores do tema: “A ideia de que a mulher é, geralmente, desfavorável ao conflito direto não tem evidências sólidas” (p. 119, tradução nossa<sup>58</sup>).

As estudiosas apontam o perigo de cair em estereótipos e extremos; não se vê, de maneira clara, as complexidades que compõem o cenário linguístico e de gênero, as quais são basilares para a compreensão correta do panorama:

Ao rejeitar a visão de meninas e mulheres como fundamentalmente cuidadosas e contrárias ao conflito, pode ser tentador ir para o outro extremo e vê-las como inerentemente más. [...] Porém meninas e meninos, mulheres e homens, são bem mais complexos que quaisquer desses estereótipos podem sugerir. (p. 120, tradução nossa<sup>59</sup>)

Outro tópico a ser questionado e posto em perspectiva pelas linguistas é a linguagem *ladylike*, a linguagem feminina que é fortemente atrelada à elegância, à polidez e ao refinamento. Eckert e McConnell-Ginet (2013) assinalam, retomando Lakoff, que essa associação teve influência do costume de preparar a garota para a posição de *lady* em uma sociedade polida e refinada (p. 121).

Por esse ângulo, as autoras trazem o conceito da avaliação<sup>60</sup> e como este se imbrica na linguagem para homens e para mulheres. Ao avaliar, temos os elogios como um recurso extremamente útil e, sobre eles, Eckert e McConnell-Ginet (2013) explicam o maior emprego por parte das falantes femininas:

O uso possivelmente maior de elogios rotineiros por mulheres (e outros movimentos aparentemente solidários) poderia estar parcialmente ligado à sua aprendizagem de que ser vista como agradável é muito importante para o seu sucesso na vida, muitas vezes, mais importante do que ser vista como capaz ou diligente. (p. 131, tradução nossa)<sup>61</sup>

Nesse sentido, o uso da assertividade é majoritariamente aceito como um recurso masculino, tendo em vista que

---

<sup>58</sup> “The idea that women are generally averse to direct conflict is not based on very solid evidence.” (p. 119, grifo nosso)

<sup>59</sup> “In rejecting the view of girls and women as fundamentally caring and conflict-averse, it might be tempting to go to the other extreme and see them as inherently mean. [...] But both girls and boys, women and men, are far more complex than any of these stereotypes suggest.” (p. 120)

<sup>60</sup> Ou “evaluation” - “People’s evaluation of one another is central to social interaction and to the construction and enforcement of social norms.” (p. 125) – “Evaluation is built into situations – schools, workplaces, but also the family.” (p. 125)

<sup>61</sup> “Women’s possibly greater use of routine compliments (and other apparently solidarity-building moves) could be partly connected to their learning that being seen as nice is very important to their success in life, often more important than being seen as capable or industrious.” (p. 131)

As mulheres têm frequentemente uma gama menor de comportamentos aceitáveis no trabalho do que os homens. Se forem muito simpáticas, são vistas como fracas ou manipuladoras. Se são muito agressivas, são julgadas como agindo como homens ou como vadias [...]. Esse fenômeno ajuda a explicar por que as mulheres são frequentemente aconselhadas a unir sua assertividade à polidez e à amenização. [...] ideologias de gênero constantemente afetam não só o uso, mas a interpretação desses recursos. (p. 142, tradução nossa<sup>62</sup>)

Entretanto, como apontado anteriormente, pautar-se no senso comum pode, muitas vezes, trazer problemas para as considerações dos pesquisadores, resultando em uma visão turva e distorcida, que, ao se fundamentar em estereótipos e generalizações, apaga particularidades e negligencia a complexidade presente em muitos dos tópicos estudados. Nessa lógica, Eckert e McConnell-Ginet (2013) trazem algumas ponderações pertinentes.

O senso comum, visto como “o que é tomado como certo, seja ou não implícito e que possa (sinceramente) ser negado em níveis conscientes” (p. 166, tradução nossa<sup>63</sup>), pode ser explorado, criado ou desafiado pela linguagem. Quando relacionado ao gênero, é possível compreendê-lo da seguinte forma:

Porque os homens ativos e as mulheres passivas são um estereótipo tão familiar, o senso comum prevê que os estudos linguísticos encontrarão homens e rapazes representados como fazedores, mulheres e meninas como experimentadoras. (p. 174)  
Ainda é senso comum, embora na sua maioria ocultado, que os homens são fazedores, e as mulheres são objetos das ações dos outros. (p. 178)

Por todas essas questões, é possível observar que é esperado, seja implicitamente ou de modo estrutural, um maior refinamento e mais polidez das mulheres que de homens, ideologia ainda presente na contemporaneidade. Veremos se isso ocorre com nosso *corpus* no capítulo 3, de forma a reafirmar o estereótipo e a estrutura ou os nega, de modo subversivo ao senso comum.

### 2.2.8 A polarização

Tendo em vista a complexidade das pessoas e as particularidades que, intrinsecamente, se expressam em cada cultura, nação e comunidade de prática, categorizar pode ser desafiador. De acordo com Eckert e McConnell-Ginet (2013),

---

<sup>62</sup> “Women often have a smaller range of acceptable behaviors at work than men. If they are too nice, they are seen as weak or manipulative. If they are too aggressive, they are judged as acting like men or typical bitches [...]. This kind of phenomenon helps explain why women are so often advised to couple their assertiveness with lots of ‘making nice’. [...] gender ideologies often affect not only the use but the interpretation of these resources.” (p. 142)

<sup>63</sup> “[...] take for granted, whether or not it has been hidden and might be (sincerely) denied at conscious levels.” (p. 166)

Quando colocamos diferentes entidades em uma única categoria, nós as tratamos como equivalente, como a mesma em certos aspectos. Categorizar diferentes indivíduos todos como mulheres é dizer que ignorar certas diferenças entre elas é útil para certos propósitos, que para esses propósitos elas podem ser vistas como intercambiáveis. (p. 204 – 205, tradução nossa<sup>64</sup>).

Para que essa categorização seja bem-sucedida, a polarização, muitas vezes, é o pilar no qual se apoia esse processo. Assim, ao colocar como polos distintos homem e mulher, tem-se um contraste que auxilia na diferenciação:

A polarização é a tendência para considerar as categorias contrastivas não só mutuamente exclusivas, mas também conjuntamente exaustivas de algum campo dentro do qual operam: tudo no campo relevante é classificado em uma ou outra destas categorias não sobrepostas. Os opostos polarizados não precisam ser perfeitamente equivalentes. (p. 205, tradução nossa<sup>65</sup>)

Portanto, nesse processo, as diferenças, necessariamente, precisam ser apagadas a fim de manter certa homogeneidade, assim “as diferenças que podem existir dentro de uma categoria são vistas como muito menos importantes que as diferenças existentes entre categorias diferentes e opostas do mesmo campo” (p. 208, tradução nossa<sup>66</sup>).

Caso essa polarização seja abandonada, há uma certa mudança no sistema, já que “o que não é marcado como feminino não necessariamente precisa ser marcado como masculino” (p. 214, tradução nossa<sup>67</sup>); adentra-se, assim, em um campo complexo e cheio de nuances, não mais preto e branco como garantido pelas polaridades. Um campo, porém, que abraça e identifica as diversidades e as particularidades, que, ao não assumir uma falsa isonomia, está aberto para compreender as especificidades e se engajar em uma análise mais efetiva.

### **2.2.9 Modelando a persona através do estilo comunicativo**

Retomando a figura da caixa de ferramentas, com cujos recursos moldamos e expressamos nossos “eus”, Eckert e McConnell-Ginet (2013) explicam como a linguagem é usada para assumir determinadas formas e representar certos papéis:

---

<sup>64</sup> “When we put distinct entities in a single category, we treat them as equivalent, as the same in certain respects. To categorize different individuals as all women is to say that ignoring differences among them is useful for certain purposes, that for those purposes they can be seen as interchangeable.” (p. 204-205)

<sup>65</sup> “*Polarization* is the tendency to take contrasting categories as not only mutually exclusive but also jointly exhaustive of some field within which they operate: anything in the relevant field is classed in one or the other of these non-overlapping categories. Polarized opposites need not be perfectly equivalent.” (p. 205)

<sup>66</sup> “The differences that may exist within a category are seen as much less important than the differences between distinct oppositional categories in the same field [...]” (p. 208)

<sup>67</sup> “If we abandon polar opposition, then what is not marked as feminine need not necessarily be marked as masculine.” (p. 214)

Cada pessoa utiliza a caixa de ferramentas à sua maneira, misturando e combinando recursos linguísticos. Alguns destes podem ser automáticos - o produto de um hábito há muito adquirido - e outros podem ser bastante conscientemente estratégicos. O resultado é um estilo comunicativo, que se combina com outros componentes do estilo, tais como vestuário, formas de andar, penteado e padrões de consumo para constituir a apresentação de uma persona. É nesse processo de modelação que fazemos o gênero e que provocamos a mudança". (p. 248, tradução nossa<sup>68</sup>)

Assim, salientam a importância do estilo, visto aqui como “uma combinação de o que fazemos com como fazemos isso” (p. 248, tradução nossa). Apesar de muitos estudiosos terem o estilo como um acessório na comunicação, Eckert e McConnell-Ginet (2013) o defendem como um “meio de apresentar nosso eu ou nossos ‘eus’ em construção ao mundo” (p. 248, tradução nossa), de maneira inerente, portanto, ao gênero.

Essa representação do “eu” ou “eus” é feita na interação com outros, de modo que, durante esta, os indivíduos performam e observam a performance do outro:

Os nossos eus e os nossos estilos são emergentes, construídos no decurso do envolvimento social, em constante mudança, e em relação a um mundo em constante mudança à nossa volta. Estamos dependentes de outros para apoiar os nossos desempenhos, por isso somos obrigados a dar desempenhos credíveis - e temos de escolher desempenhos que sabemos que podem ser apoiados. (p. 249, tradução nossa<sup>69</sup>)

Dessa forma, entre esses tantos papéis formados, o gênero se apresenta, ou melhor, é representado ao se relacionar com outros elementos de estilo. Diferentes estilos de “feminino” e de “masculino” são performados na interação e tais estilos têm se difundido e se ampliado, uma vez que “as fronteiras entre os estilos feminino e masculino têm se afrouxado” (p. 261, tradução nossa<sup>70</sup>) com as sexualidades alternativas.

À vista de tudo isso, compreendemos que tratar de gênero é tratar de um tópico complexo, cujo desafio se estabelece em captar as nuances e as facetas que engendram os diferentes estilos de feminino e masculino. Compreendemos também que houve muitas transformações na maneira que se enxerga o gênero desde os estudos primordiais de Lakoff e que a polarização e o apagamento são caminhos pouco produtivos para alcançar as práticas reais dos indivíduos. Assim como a linguagem está em constante renovação, o gênero não

---

<sup>68</sup> “Each person uses the toolbox in their own way, mixing and matching linguistic resources. Some of this may be automatic – the product of long-ingrained habit – and some may be quite consciously strategic. The outcome is a communicative style, which combines with other components of style such as dress, ways of walking, hairdo, and patterns of consumption to constitute the presentation of a persona. It is in this process of fashioning selves that we do gender, and that we bring about change.” (p. 248)

<sup>69</sup> “Our selves and our styles are emergent, constructed in the course of social engagement, ever-changing, and in relation to an ever-changing world around us. We are dependent on others to support our performances, so we are obliged to give credible performances – and we have to choose performances that we know can be supported.” (p. 249)

<sup>70</sup> “As attitudes towards alternative sexualities have broadened, and as gay styles have become increasingly mainstream, there has been a loosening of the boundaries between male and female styles.” (p. 261)

permanece estático, tampouco suas fronteiras: “*Tudo o que podemos dizer com confiança sobre para onde nos dirigimos é que o gênero e a língua continuarão a mudar. E continuarão a estar entrelaçados na prática social, sem dúvida de formas que agora não podemos prever.*” (ECKERT; MCCONNELL-GINET, 2013, p. 276, tradução e grifo nossos<sup>71</sup>).

### 2.3 A ABORDAGEM SOBRE GÊNERO E LÍNGUA DESTA PESQUISA

Diante de tantas perspectivas e abordagens, fundamentamos nossa pesquisa balizando nossas análises sob a compreensão da comunidade de prática como lugar de criação e transformação identitária e performance das *personae* que cada indivíduo pode assumir para si.

Além disso, optamos por compreender o gênero com o mesmo olhar de Eckert e McConnell-Ginet, que o veem como uma construção, com nuances e particularidades que o afastam de uma definição dicotômica e simplista. Optamos, também, por nos ancorar no entendimento de que, longe de ser um conceito isolado, o gênero se estabelece na relação com outros aspectos e pode ser expressado por meio de recursos estilísticos, que são estratégias para a representação da *persona*.

Quanto ao estilo, salientamos nossa adesão à perspectiva da terceira onda, que vê o indivíduo como um usuário ativo da linguagem e que articula o estilo às práticas sociais e às *personae* que o indivíduo deseja reivindicar, tal qual Eckert e McConnell-Ginet e outros estudiosos da terceira onda pontuam.

Por fim, ao nos pautar no conceito de comunidade de prática, comprometemo-nos a procurar evitar abstrações e olhares generalistas para pontos tão particulares como o gênero, para tanto, em nosso percurso metodológico, reservamos espaço para compreender as comunidades de prática das quais os indivíduos do nosso *corpus* fizeram parte, a fim de encontrar, na consolidação da prática e do cotidiano, pistas que nos revelem aspectos do eu de cada um deles. Tal percurso será observado no próximo capítulo.

---

<sup>71</sup> “All we can confidently say about where we are headed is that gender and language will continue to change. And they will continue to be intertwined in social practice, no doubt in ways we cannot now foresee.” (p. 276)

## CAPÍTULO 3 – PERCURSO METODOLÓGICO

Para alcançar os objetivos os quais nos propomos a realizar, seguimos um percurso metodológico, o qual favorece nossa análise. Coerentemente com o suporte teórico escolhido para a pesquisa exposta nesta dissertação, realizamos uma série de procedimentos quantitativos e qualitativos sobre as cartas. Por meio desses percursos, conciliamos as contribuições da Análise da Conversação com a Sociolinguística da 3ª onda, cujos contornos foram expostos no capítulo 1. Nas próximas seções, apresentaremos o *corpus* das cartas e seus autores (os missivistas), bem como detalharemos os procedimentos realizados para análise da polidez e das interações entre o uso da linguagem e as construções socioculturais.

### 3.1 O *CORPUS*: AS MISSIVAS

O *corpus* da nossa pesquisa é a obra *Cartas perto do coração*, de Fernando Sabino e Clarice Lispector. A obra compila 50 cartas trocadas entre os escritores entre 1946 e 1969. Dessas, 27 são de Clarice e 23, de Fernando.

A 8ª edição, escolhida para fundamentar nossa pesquisa, datada de 2011, traz as cartas reproduzidas na íntegra, respeitando a falta de aspas, grifos e maiúsculas nas citações. Muitas delas foram, originalmente, manuscritas e são marcadas por um tom informal, proveniente da edição a qual tivemos acesso, o que contribui para uma linguagem mais livre e que se distancia um pouco da gramática tida como padrão: “Dado o tom informal e descontraído das cartas (várias delas manuscritas), aqui reproduzidas na íntegra, foi respeitada na edição do texto a falta eventual de aspas, grifos ou maiúsculas nas citações” (SABINO, 2011, p. 11).

A obra, publicada pela editora Record, além das cartas, apresenta um prefácio escrito pelo próprio Sabino e uma construção de possíveis diálogos com Clarice Lispector que Fernando elucida ao fim do livro.

As cartas abordam diversos temas, os mais recorrentes voltados ao cotidiano dos escritores e às críticas que ambos faziam às próprias obras e às obras publicadas no período em que escreviam.

Por voltar-se à vida cotidiana, as missivas oferecem um vislumbre de certos aspectos biográficos dos literatos, os quais veremos no próximo tópico.

### 3.3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

#### 3.2.1 Tratamento metodológicos do *corpus*

As análises feitas sobre o *corpus* são quantitativas e qualitativas; quantitativas, à medida que analisamos e quantificamos o número de ocorrências das estratégias de polidez estabelecidas por Brown e Levinson (1988) (ver capítulo 1), e qualitativas, à medida que relacionamos as estratégias às *personae* e às comunidades de prática de Lispector e Sabino. As estratégias dividem-se entre a polidez positiva e a negativa.

Estratégias de polidez positiva<sup>72</sup>:

- 1) Perceber, atender ao ouvinte, isto é, ouvir seus interesses, seus desejos, suas necessidades e seu bem. Ex.: Nossa, você pintou seu cabelo! Ficou lindo<sup>73</sup>.
- 2) Exagerar o interesse, a aprovação ou a simpatia com o ouvinte. Ex.: Seu cabelo ficou extremamente lindo.
- 3) Intensificar o interesse no ouvinte, ou seja, contar uma “boa história”. Ex.: Eu estava andando na rua e você não sabe o que eu encontro! Uma nota de dinheiro. (uso do verbo no presente ao contar algo que ocorreu no passado)
- 4) Usar marcadores de identidade em grupo. Ex.: Esse é o meu parceirão, o João.
- 5) Procurar um acordo, uma concordância. Ex.: A: A Maria se casou ontem. B: A Maria se casou?!
- 6) Evitar discordâncias. Ex.: A: Você não acha esse vaso muito bonito? B: É bonito, de certo modo.
- 7) Pressupor uma base comum. Ex.: Eu assisti *How I met your mother*<sup>74</sup> ontem. (pressupor que o outro conheça a série)
- 8) Fazer brincadeiras/piadas. Ex.: Que tal me emprestar este velho monte de sucatas? (falante falando do carro do ouvinte [p. 124])
- 9) Assumir ou pressupor o conhecimento e a preocupação com os desejos do ouvinte. Ex.: Eu sei que você não gosta de ler, mas esse livro é muito bom! Você deveria ler.
- 10) Ofertar/prometer algo. Ex.: Vou passar aí qualquer dia desses.
- 11) Ser otimista. Ex.: Tenho certeza de que você não vai se importar de me empres-

<sup>72</sup> Retiradas de Brown e Levinson (1988).

<sup>73</sup> Os exemplos são de autoria própria.

<sup>74</sup> *How I met your mother* é uma série de comédia que foi ao ar de 2005 a 2014.

tar aquele seu livro, né?

- 12) Incluir ambos – ouvinte e falante – na atividade. Ex.: Vamos fazer uma pausa.
- 13) Dar ou pedir razões/explicações. Ex.: Por que não me emprestar aquele seu livro?
- 14) Assumir ou afirmar reciprocidade. Ex.: Eu lavei as louças na última semana, então você pode lavar as dessa.
- 15) Dar presentes ao ouvinte (simpatia, bens, cooperação, elogios, compreensão).  
Ex.: Você é muito bom nisso!

Estratégias de polidez negativa<sup>75</sup>:

- 1) Ser convencionalmente direto: nessa estratégia, há uma oposição de duas tensões, isto é, o desejo de dar uma saída para o ouvinte ao ser indireto e o desejo de dar o recado diretamente. Ex.: Gostaria de pegar seu livro emprestado, caso você não ache ruim.
- 2) Perguntas e modificadores: fazer perguntas ou usar modificadores para fazer o FTA. Ex.: Pegue, por favor, meu lápis.
- 3) Ser pessimista: expressar explicitamente a dúvida quanto ao resultado do ato de fala. Ex.: Acho que não há chance de você me ajudar com isso.
- 4) Minimizar a imposição: indicar que o nível de imposição não é em si grande. Ex.: Eu só quero vinte reais.
- 5) Expressar deferência: apontar que o status social do ouvinte é maior que o do falante. Ex.: Com licença, senhora, você pode abrir a janela?
- 6) Desculpar-se: indicar relutância em impor na face negativa do ouvinte e se desculpar por isso. Ex.: Eu sei que você está ocupada, mas você pode fechar a janela?
- 7) Impessoalizar falante e ouvinte: enunciar o FTA como se o agente fosse outra pessoa que não o falante e que o ouvinte fosse outra pessoa que não ele. Ex.: Eu me pergunto se você faria isso por mim.
- 8) Declarar o FTA como uma regra geral: evitar impor ao afirmar que o falante está sendo, meramente, forçado pelas circunstâncias. Ex.: Ao entrar no carro, os passageiros devem usar o cinto.
- 9) Nominalizar: substantivar a expressão a fim de afastar o ator do ato, de modo a

---

<sup>75</sup> Retiradas de Brown e Levinson (1988).

tornar esse apenas um atributo da ação, retirando, assim, seu caráter de agente do FTA. Ex.: Sua presença é necessária nesse evento.

- 10) Expressar, sem atenuação, sua dívida com o ouvinte ou negar uma dívida do ouvinte: afirmar uma dívida com o ouvinte pelo FTA (no caso de o falante ter sido o agente) ou negar que exista uma dívida a ser paga pelo ouvinte (quando este for o agente).

Além de investigar as estratégias de polidez, observamos também as escolhas linguísticas que expressam a polidez, de modo a compreender os fenômenos que são mais recorrentes nas escolhas dos escritores para suavizar o discurso. Para tanto, olhamos mais atentamente às classes gramaticais e sua relação com a manifestação da polidez, a partir dos dados coletados na investigação das estratégias. Isso será feito, quando as estratégias são explicitamente marcadas linguisticamente, com o apoio das gramáticas descritivas do Português brasileiro, em especial de Castilho (2014).

Os dados foram compilados em uma tabela, a fim de facilitar a investigação e a observação de padrões; além de identificar a estratégia predominante na ocorrência, estudamos o enfoque dado em cada uma destas e a ligação com o uso de determinadas classes gramaticais, tais quais os advérbios e os adjetivos.

Em se tratando da análise sociocultural, buscaremos identificar, por meio dos discursos das cartas, as *personae* que ambos constroem, procurando entender os contornos identitários de ambos, em especial os relacionados à questão do gênero. Com tais procedimentos, examinaremos os aspectos do funcionamento da comunidade de prática que ambos constituem na troca frequente das cartas.

Nossa análise se balizará a partir das questões abaixo, para as quais buscaremos respostas partindo do contexto sociocultural e dos dados e das informações que encontramos sobre o tema:

- 1) Quais são as *personae* relevantes para os missivistas?
- 2) Quais são os contornos do masculino construídos por Sabino em suas cartas?
- 3) Quais são os contornos do feminino que aparecem nos textos de Lispector?
- 4) Os contornos do feminino e do masculino são marcados, explicitamente, pela participação em alguma comunidade de prática?
- 5) Como as comunidades de prática constituídas por Sabino e Lispector nas cartas se definem?

6) Como as estratégias de polidez transformam-se em estilo, permitindo o engajamento de Sabino e Lispector na prática social subjacente à troca de cartas que realizam?

Inicialmente, neste capítulo, apresentaremos os aspectos biográficos dos missivistas, a fim de relacioná-los às investigações identitárias e de gênero no próximo capítulo.

### 3.2.2 Aspectos biográficos dos missivistas

Parte essencial da pesquisa é compreender quem foram Clarice Lispector e Fernando Sabino, protagonistas da nossa pesquisa. Ao nos aprofundarmos na vida de cada um, podemos nos empenhar em uma análise menos dedutória e mais bem-fundamentada e, com vistas a entender as comunidades de prática nas quais se engajaram, relacionar os dados coletados ao contexto sócio-histórico dos literatos. Nesta seção, buscaremos compreender melhor quem eram os missivistas a partir de biografias desses, de dados fornecidos pelas próprias cartas analisadas e por informações obtidas de Bernardo Sabino, filho de Fernando.

As cartas compiladas em *Cartas perto do coração* (2011) trazem reflexões de Clarice Lispector e de Fernando Sabino que nos fornecem indícios sobre as identidades dos escritores.

Em uma das cartas, Fernando reflete sobre a existência e circunstância humana e aponta: “A deficiência é minha: reconheço hoje que **não passo do macaco que existe em nós, e minha condição de homem só vou atingir com minha morte**” (SABINO, 2011, p. 192, grifo nosso). O que remonta a uma característica marcante do escritor: o desejo de ser menino.

Em uma entrevista dada à Bruna Lombardi<sup>76</sup>, Fernando afirma que quer ter, em seu epitáfio, a seguinte frase: *Aqui jaz Fernando Sabino, nasceu homem, morreu menino*. Tal desejo foi realizado e o escritor, que afirmava querer ver tudo como se fosse a primeira vez, teve sua lápide eternizada com tal anseio.

Outro aspecto que as cartas trazem é a questão da literatura como uma representação; Fernando Sabino elucida essa representação ao fazer uma analogia com um artista de circo:

Tem de ser equilibrista até o final. E suando muito, apertando o cabo da sombrinha aberta, com medo de cair, olhando a distância do arame ainda a percorrer - e sempre exibindo para o público um falso sorriso de serenidade. Tem de fazer isso todos os dias, para os outros como se na vida você não tivesse feito outra coisa, para você como se fosse a primeira vez, e a mais perigosa. Do contrário seu número será um fracasso. (idem, p. 27-28)

Clarice, por outro lado, exterioriza uma certa desatenção à recepção do seu “número”: “Quando voltei, as pessoas aqui me acharam com ar de menino e moleque, e não de ‘femini-

<sup>76</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YYjweLEGSx0>

no', de Vogue. Foi o que me disseram. **Je m'en fiche**<sup>77</sup>. Aliás estou num 'm'en fichismo' muito agudo (idem, p. 76, grifo nosso). Em outra carta, aponta novamente esse despreço à opinião do público: "Talvez estejam me achando excessiva, não faz mal, corro o risco e até perco" (idem, p. 12).

Esses vestígios apontam, também, uma particularidade ímpar de Clarice Lispector, o amadorismo proposital. Clarice não almejava conquistar uma percepção de profissional da literatura e defendia esse amadorismo como a base de uma escrita crua e verdadeira, conforme veremos melhor na seção 2.1.2.

Ao voltar nosso olhar mais profundamente para o cotidiano e as relações sociais que os escritores tinham e expunham nas cartas, percebemos a profunda amizade entre Lispector e Sabino:

Trocávamos ideias sobre tudo. Submetíamos nossos trabalhos um ao outro. Juntos reformulávamos nossos valores e descobríamos o mundo, ébrios de mocidade. Era mais do que a paixão pela literatura, ou de um pelo outro, não formulada, que unia dois jovens 'perto do coração selvagem da vida': o que transparece em nossas cartas é uma espécie de pacto secreto entre nós dois, solidários ante o enigma que o futuro reservava para o nosso destino de escritores. (idem, p. 8)

Clarice Lispector e Fernando Sabino, além de compartilharem do engajamento em certas comunidades de prática, tais quais o grupo de escritores residentes no Rio de Janeiro na década de 60, nutriam uma relação pessoal estreita; ambos expressam, nas missivas, o carinho e a admiração que compartilhavam um pelo outro. Fernando afirma: "Tenho uma grande, uma enorme esperança em você e já te disse que você avançou na frente de todos nós, passou pela janela, na frente de todos" (idem, p. 27) e Clarice manifesta recíproca afeição: "Você se espantaria se eu lhe dissesse exatamente isso: você é que tem uma segurança que admiro embora saiba a custo de que ela é feita" (idem, p. 38); "Sinto falta de você que sabe dizer coisas tão boas que animam e põe a pessoa de novo no centro das coisas" (idem, p. 110).

Ainda nas missivas, um outro aspecto desnudado a partir dos discursos dos literatos é a aproximação com outras línguas, fato explicado pela constante presença de ambos no estrangeiro e pela leitura e o contato com tais idiomas. Clarice, com certa frequência, faz empréstimos do francês: "Fui a um cabaret egípcio com o cônsul brasileiro e a senhora e vi **la danse du ventre** - em francês é melhor - dançada ao som de Mamãe eu quero" (idem, p. 12); "Com o maior tato e **savoir-faire**, informo-lhe que deve existir à venda nas boas casas do gênero algum 'manual de perfeito correspondente' [...]" (idem, p. 116, grifo nosso); "Que Valéry era muito pornográfico, mais **quel esprit! Il était un roi!** e ele era amante da cunhada"

---

<sup>77</sup> Do francês, significa "não me importo" ou "não quero saber".

(idem, p. 75, grifo nosso); “Agora que as aulas acabaram e que eu deveria dizer ao carro: à **nous doux**, não digo coisa alguma” (idem, p. 98, grifo nosso); “Por isso dá às vezes a impressão desconcertante de falta absoluta de ‘literatura’ – e então se sente que este é o modo até sofisticado (sofisticado como contrário de ‘**naïve**’) de literatura” (idem, p. 178, grifo nosso). Emprega, também, alguns vocábulos ingleses: “Com o risco de ficar totalmente ‘**square**’, só posso dizer que nunca retirei de você o primeiro crédito que dei” (idem, p. 190, grifo nosso); “[...] toma leite americano e adora **hot-dog**” (p. 87, grifo nosso); “Não estou dizendo por dizer, **I mean it**” (p. 183, grifo nosso); “Deus abençoe você, Fernando. (Sei que estou ‘**corny**’)” (p. 189, grifo nosso).

Já Fernando, vez ou outra, lança mão do inglês: “[...] é empurrado de tarde no **subway**, leva desaforo pra casa, come comida sem sal [...]” (idem, p. 59); “eu tenho, como no verso do Spender, ‘*six feet and seventy years to see the light and then resign it for the grave*’” (p. 193, grifos dos autores) e, como marca estilística, usa amplamente as onomatopeias para narrar fatos do dia a dia: “Millôr publicou um livro chamado Tempo e Contratempo – **pif-paf**” (idem, p. 128); “O da Helena é **pic-pic-pic-tec-tec-tec** Nandinho!- Nandinho!-**tric-tric**-com-saudade-da-Eliana-que-vai-ficar aqui” (p. 15, grifo nosso); “A máquina faz **toc-toc-toc** nesta mesa de vime em vez de **tec-tec-tec**” (p. 40, grifo nosso) e faz brincadeiras com as letras “Quanto ao romance, propriamente, o **ênio**, cujo nome passo a escrever com letra minúscula até que o publique [...]” (idem, p. 188, grifo nosso).

Por fim, as missivas revelam reflexões e concepções sobre vida e morte, essas descortinam parte dos pensamentos e da perspectiva dos literatos:

Viver devagar que é bom, e entrever-se, amando, desejando e sofrendo, avançando e recuando, tirando das coisas ao redor uma íntima compensação, recriando em si mesmo a reserva dos outros e vivendo em uníssono. Isso é que é viver, e viver afinal é questão de paciência. É isso mesmo, é ir olhando e dizer: aquilo é bonito! é muito comprido parece que vai cair e não cai. [...] Depois a gente fica triste, e quando se lembra que amanhã vai ser diferente, fica mais triste ainda. A gente podia ser assim, Clarice, viver apenas, aceitar o momento como essencial e nascer de novo entre dois cigarros, entre o brinquedo e o edifício, entre a palavra e a curva. Mas é preciso saber se lá fora faz dia ou noite. (p. 24-25) [Fernando]

[...] Porque viver apenas não basta. Não basta, não basta. É preciso uma convicção, certa ou errada, mas uma convicção, e conscientemente escrever, falar, brigar, viver por ela. Isso é que entendo atualmente, mas não sei nada, tomei a resolução de tomar uma resolução, e estou lírico, confuso e estarecido. (p. 25) [Fernando]

[...] sempre penso, com muita estranheza aliás, que talvez a vida seja a morte e quando a gente morre, acorda e vive, com medo de morrer, quer dizer, de tornar a viver – o que não está ligado a este pedaço de Julien Green, mas me lembra muito: ‘23 février – Souvent, em pensant à la mort, je me dis que ce sera comme un réveil.

Il y aura quelqu'un qui me dira: 'En bien! Tu as vu ce que c'était. Qu'est-ce que tu en penses? Ce n'était pas la peine d'avoir peur!<sup>78</sup> [...]'" (p. 77-78) [Clarice]

### 3.2.2.2 Dados biográficos

#### 3.2.2.1.1 Clarice Lispector

por vezes nos sentimos ludibriados, de modo até magicamente perverso, e enredados numa das grandes questões que essa narrativa de vida traduz: os limites entre o histórico e o ficcional. De quem é a voz? Quais as pessoas e quais as personagens? O que é história e o que é ficção? Enfim, o que é real e o que é imaginário, nesta *história de Clarice?* (GOTLIB, 1995, p. 15)

Clarice Lispector, para Otto Lara Resende, era “uma aventura espiritual. Ninguém passa por ela impune. Ela liga e religa o mistério da vida” (GOTLIB, 1995, p. 53). Para Hélio Pellegrino, era “vidente e visionária, [...] fustigada, crucificada – pelo excesso de estímulos, conscientes e inconscientes, que tinha de domar” (idem, p. 53). Para Lauro Escorel, Clarice sofria uma “compulsão para se aprofundar na angústia” (p. 53).

Para Nádia Gotlib, Clarice era um mistério controverso: “Próxima. Distante. Vaidosa. Terna. Sofrida. Lisérgica. Vidente. Visionária. Intuitiva. Adivinha. Estrangeira. Enigmática. Simples. Angustiada. Dramática. Judia. Insolúvel. Esses são alguns dos traços que compõem os diferentes perfis de Clarice [...]” (p. 54).

O mistério que envolta Clarice fica marcado em suas obras e em sua vida, desde a sua data de nascimento: os documentos registram 10 de outubro e 10 de dezembro de 1920, esta segunda foi oficializada. Os locais de nascimento também variam e marcam uma vida com “dados parcos e controvertidos” (p. 61).

Clarice nasceu em meio ao caos da Primeira Grande Guerra, na Ucrânia, em Tchechelnik, mas logo aos dois meses veio ao Brasil, uma vez que os pais, Marieta e Pedro Lispector, viam no país a chance de uma vida segura para Clarice e suas duas irmãs: Elisa e Tania.

Recife e Rio de Janeiro foram suas residências e, na infância, era muito apegada aos animais, teve um macaco e muitos gatos. Gotlib aponta uma fala de Lispector sobre essa questão: “Somente quem teme a própria animalidade não gosta de bichos. Eu adoro” (p. 74).

Apesar das circunstâncias desfavoráveis financeiramente na infância, tendo em vista a emigração e o preconceito contra os judeus, Clarice contrariou o esperado e alcançou grandes

---

<sup>78</sup> “23 de fevereiro – Frequentemente, pensando na morte, me digo que será como um despertar. Haverá alguém que me dirá: ‘Bem, você viu o que era: que é que você acha? Não era para ter medo!’” (SABINO, 2011, p. 78)

feitos: falava português, francês, inglês e espanhol e escrevia histórias para seção infantil do *Diário de Pernambuco* (as quais nunca foram publicadas).

Ao observar com mais atenção a vida da literata, percebe-se a sucessão de fatalidades e sofrimentos que marcaram, e muito, sua produção literária: aos nove, perde a mãe (especulase que Marieta contraiu sífilis após sofrer abusos sexuais de soldados russos, após o acontecido, sofreu uma paralisia progressiva até a morte); aos 28, tem seu filho mais velho, Pedro, que sofria de esquizofrenia, com ele deparou-se com “cuidados especiais, e com as dificuldades financeiras no sentido de assegurar a sobrevivência” (p. 366); aos 47, quando um incêndio acontece após ter dormido fumando, queima as mãos, principalmente a direita, a qual usava para escrever; durante sua vida, havia o uso diário muitos calmantes e internações em hospitais; por fim, o câncer põe um ponto final em sua história.

Todas essas tensões são refletidas na escrita pungente e visceral: “Eis o que a literatura de Clarice nos traz: em meio à banalidade do cotidiano, a ruptura do tempo histórico, mergulhando numa outra realidade que se eterniza e se repete no gosto doce e amargo das coisas de que somos feitos” (p. 77); “Escrever, ler a mão, queimar a mão, escrever: eis um ciclo de fatalidades, um dos que constroem essa vida segundo Clarice Lispector” (p. 368).

A escrita, seu ofício e local de visitação constante (p. 461), iniciou-se cedo, com as histórias infantis para o *Diário de Pernambuco*, mas tem seu início, de fato, com a publicação de *Perto do coração selvagem* (1943). Além de romances, Clarice escreveu crônicas, principalmente entre 1967 e 1973, por ordem financeira, e trabalhou em diversas funções correlatas.

Fez advocacia e se formou em 1943, mesmo ano em que se casa com o diplomata Maury Gurgel Valente e é naturalizada brasileira. A escolha da ocupação, ela explica: “quando eu era pequena, eu era muito reivindicadora de direitos [...]. Então, me diziam: ela vai ser advogada. Então isso me ficou na cabeça. E como não tinha orientação de espécie nenhuma sobre o que estudar, fui estudar advocacia. [...] O meu diploma foi conseguido somente por pirraça” (p. 147).

Foi jornalista para a *Agência Nacional* e para a empresa *A noite*, no início da década de 40, mas não deixava de ser literata mesmo quando exercia tal função: “Clarice não deixa de ser escritora nem quando escreve nos jornais, na qualidade de jornalista-escritora” (s. p.).

Foi entrevistadora, mas sofria do mesmo “mal”, dizia-se: “Raras vezes consegue ser mais estritamente objetiva, no sentido de simplesmente conduzir perguntas e receber respostas [...]” (p. 370); “E, por vezes, usa sua própria experiência literária como ponto de partida da pergunta [...]” (p. 370); “[...] a entrevistadora se faz presente como alguém que se chama Cla-

rice Lispector e que é escritora” (p. 370); “Outras vezes, é o entrevistado que desloca a direção do assunto, fazendo, ele mesmo, perguntas a Clarice” (p. 371).

Quando perguntada se era boa escritora, ela prontamente proclama:

“Eu não sou boa profissional. Eu só escrevo quando eu quero. Eu sou uma amadora. E faço questão de continuar a ser amadora. Profissional é aquele que tem uma obrigação consigo mesma. [sic] Consigo mesmo, de escrever. Ou então, com o outro. Em relação ao outro. Agora, eu faço questão de não ser um profissional, para manter minha liberdade.” (p. 454)

Depois de se casar com Maury, esteve na Europa e nos Estados Unidos entre 1944 e 1959, morou em Nápoles entre 1944 e 1946. Após se separar do marido, em 1959, mora no Rio de Janeiro, onde residiu até a morte, em 1977.

Além de Maury Gurgel, Clarice teve um outro amante: os livros<sup>79</sup>. Quando criança, Clarice leu duas histórias, as primeiras de muitas: o Patinho Feio e a lâmpada de Aladim. Sobre a primeira, Gotlib (1995) traz: “O que a atrai na primeira história é o ‘feio’ que fica ‘belo’. Sente também atração pelo fenômeno da revelação do mistério: de repente, ser ‘outro’. Poderia ainda haver outra razão de encantamento: não só pelo ‘ser outro e belo’, mas pelo ‘ser marginal’ e condenado ao isolamento” (p. 104). Já na segunda, “o apelo ao imaginário segue outro caminho. Como a fumaça da lâmpada, que, solta no ar, ingressa no impossível que lhe é possível. O que a atrai é justamente o universo imaginário que reverte o mundo segundo a vontade de outros, cujas ordens são cumpridas” (p. 104).

O místico e o mistério tornaram-se, posteriormente, marcas intrínsecas da escritura de Clarice Lispector: “O apego a cenários imaginários, com oscilações sofridas entre o universo da fantasia e o da, por vezes, triste realidade, sob a forma de histórias inventadas, parece que sempre marcou o trajeto da escritora. E ainda numa pré-história da sua arte, quando nem sabia ler e escrever” (p. 83); “A surpresa diante do mistério da vida e do amor, ou diante dos ‘caminhos secretos da natureza’, produto de agudo senso de observação, por vezes um tanto cômica, será o *motivo* principal de suas histórias” (p. 86, grifo da autora).

No abismo entre a vida e a ficção, Clarice submerge. Um exemplo claro dessa interseção é uma carta de reconciliação entre Maury e Clarice: ele assume a posição de Otávio e se

---

<sup>79</sup> “Não era mais uma menina com um livro, era como uma mulher com o seu amante.” (GOTLIB, 1995, p. 107); “o livro não é mais livro, mas é amante, a metáfora parece que não se desfaz [...]. A releitura da história confirma esse efeito: quanto mais o livro é o homem, mais contundente o ritual de passagem, em que a menina treina a postergação do desejo, num sutil aperfeiçoamento dessa doce e diabólica arte de amar – e de ler.” (GOTLIB, 1995, p. 107)

dirige a uma Clarice-Joana-Lídia (p. 318). Joana? Lídia? Tereza Quadros<sup>80</sup>? Ilka Soares? Clarice fragmenta-se em muitas faces que, unidas, formam o todo misterioso de Lispector.

A questão da identidade e da transformação perdura entre os questionamentos de Clarice: “quem sou eu? como sou? o que ser? quem sou realmente? e eu sou?” (p. 375). A persona esposa, a persona escritora, a persona diplomática, a persona irmã, a persona mãe, Clarice é uma e é muitas e o misticismo que a envolve, muitas vezes, gerou um distanciamento: “Sabe, uma das coisas que mais me incomodam é o fato de as pessoas acharem que sou um mito. Isso prejudica muito a aproximação de pessoas que poderiam preencher o vazio da minha vida” (p. 448).

Vemos que compreender Clarice é buscar ver o translúcido e desnudar o mistério indecifrável. A esfinge não a decifrou<sup>81</sup>, tampouco nós o fazemos. Basta-nos analisar as nuances e os tons que a envolvem.

#### 3.2.2.1.2 *Fernando Sabino*

Fernando Sabino, cronista e literato mineiro, de Belo Horizonte, foi um “brincalhão que se diverte à custa dos outros e que, à custa de si mesmo, diverte os outros” (SABINO, 2003, p. 7). Desde menino, envolto profundamente pela literatura, era um “inelutável desencadeador de equívocos, um catalisador de mal-entendidos, um aglutinador de inesperados, um polarizador de duplos sentidos” (idem, p. 8).

Posicionando-se como um defensor do anarquismo, explicava como via a política: “[...] sou a favor de uma política que realize o ideal de justiça para todos, sem desprezar os direitos fundamentais de cada um. Não passo, pois, de um idealista. Preconizo quase um tipo de anarquismo (não confundir com anarquia), metodizado, cooperativista, em bases comunitárias. Uma utopia, como se vê” (p. 156).

Organizado, contido, desastrado, extrovertido, otimista e intempestivo são adjetivos que Sabino usa, em *O tabuleiro de damas* (2003) para descrever a si mesmo. O mineiro que defendia ver tudo “como se fosse pela primeira vez” (p. 25), “como se [...] tivesse acabado de desembarcar neste mundo” (p. 27), tinha um círculo de amigos que marcou sua vida, os cavaleiros mineiros do apocalipse, Hélio Pellegrino, Otto Lara Resende e Paulo Mendes Campos.

---

<sup>80</sup> Tereza Quadros era um pseudônimo que Clarice assumia ao escrever para jornais: “Não era mais a escritora que escrevia os textos, mas ‘alguém’ que, imbuído do espírito jornalístico, se encarregava de tarefas diversificadas [...]” (GOTLIB, 1995, p. 278)

<sup>81</sup> Ao rememorar uma viagem ao Egito, Clarice afirma “Não a decifrei [...]. Mas ela também não me decifrou”. (MOSER, 2009, p. 12)

É deste último as citações do primeiro parágrafo, reflexos do carinho de um amigo e admirador.

Sobre essa amizade, Sabino afirmava: “O fato de sermos amigos não impedia que fôssemos implacáveis no julgamento da produção literária de cada um” (p. 199); “[...] se eu não tivesse conseguido mais nada na vida, esta relação tão duradoura de quatro amigos já teria sido o melhor que eu poderia desejar neste mundo” (p. 204).

Além dos grandes amigos, Sabino teve três grandes relacionamentos: três casamentos. O primeiro com Helena Valladares (1944-1952), o segundo com Anne Beatrice Estill (1957-1972) e o terceiro com Lygia Marina de Moraes (1992-1993). Desses casamentos, vieram sete filhos: Eliana, Leonora, Pedro e Virgínia, Verônica Sabino, Bernardo Sabino e Mariana.

Fernando Sabino, além de ter uma intrínseca relação com a literatura, estabeleceu estudos em outras áreas; fez Direito, deu aulas de português no Instituto Padre Machado, o qual era dirigido pelo pai de seu amigo Otto Resende e estudou Gramática Histórica. Envolveu-se com escotismo, natação e cavalaria, recebendo até prêmios nos últimos dois esportes. Com relação à música, “Fernando Sabino escrevia um conto por dia, tocava bateria de madrugada, ouvia discos de jazz e castigava um piano regular” (SABINO, 2003, p. 10 – 11).

Um homem de muitas faces, trabalhou como redator para o serviço público, no Escritório Comercial do Brasil em Nova York e fundou uma editora de bastante sucesso, a qual vendeu posteriormente. Engajou-se no cinema, fazendo cinema documentário, foi júri do Miss Brasil de 1954 e se aventurou no jornalismo trabalhando na redação da Folha de Minas e escrevendo para o Jornal do Brasil por 17 anos. Chegou a ser até funcionário da Secretaria de Finança de Minas e da Agricultura e da Justiça no Rio de Janeiro.

Apesar da multiplicidade de interesses, encontrou seu lugar e eternizou-se na escrita; o porquê da escrita? Ele explica:

Escrevo porque me sinto descompensado em relação à realidade. Preciso de uma verdade fora de mim em que me agarrar. Me sinto defasado. A minha realidade interior vive abaixo do nível da que me cerca. Para restabelecer o equilíbrio, num contato normal com os demais seres humanos, tenho que escrever, porque a recriação da realidade pela imaginação, através da linguagem escrita, é a maneira que tenho de me comunicar. Há uma espécie de catarse naquilo que escrevo: para não precisar me deitar no divã de um psicanalista. (p. 24)

Motivado pela necessidade de escrever aquilo que gostaria de ler<sup>82</sup>, Sabino publicou sua primeira obra com o auxílio de seu pai e, desde aquele momento, descobriu que a escrita e

---

<sup>82</sup> “Escrevo antes de mais nada para mim mesmo – aquilo que eu gostaria de ler. Mas não escrevo só para mim. Nem para meus amigos, nem para meia dúzia de leitores, mas para o maior número possível. Escrevo para me

a literatura seriam sua “verdadeira dimensão” (p. 59), uma forma de prestar “contas a Deus” (ibidem).

Inspirou-se amplamente em Carlos Drummond de Andrade, o poeta de sua vida (p. 41) e trocou correspondências com Mário de Andrade por 4 anos, o qual foi um grande instrutor para ele (p. 35 e 36).

O cavaleiro defendia a escrita através de uma controvérsia, não se escreve aquilo que sabe, sabe a partir da escrita: “Quando me sento para escrever, desde menino até hoje, sou um principiante. Vou escrever alguma coisa que não sei o que seja, justamente para ficar sabendo. E que só eu posso me dizer, mais ninguém” (p. 27). Essa atividade, na qual era principiante, tornara-se uma maneira de conectar à sua identidade e um desafio, ao mesmo tempo:

[...] Em suma, o que busco, escrevendo, é **saber quem sou**. Para que eu seja do meu tamanho, como todo mundo deve ser do seu: nem maior, nem menor. Quero dar o melhor de mim, ir ao extremo de mim mesmo. Não pretendo me exceder, mas também não quero ficar devendo. Esse é o meu objetivo na literatura e na vida. (p. 59, grifo nosso)

O que há de mais **árduo** para mim, ao escrever, é a busca da expressão adequada, são as exigências da propriedade vocabular. Há mil maneiras de dizer uma coisa e só uma é perfeita. Para descobri-la, **pode-se levar a vida inteira**. Levei exatamente trinta anos para encontrar o final certo da novela “O Bom Ladrão”. (E meia hora para encontrar a palavra “árduo” na primeira frase deste período.) (p. 129, grifos nossos)

Tendo a agilidade como um traço de sua escrita, Fernando tinha um ritmo vertiginoso, cuja velocidade era comparada à de uma roleta-russa: “Postas no lugar certo, as palavras estão em movimento. Seu *humour* tem a brevidade e a eficácia de uma centelha. Fulgura e não passa, num dinamismo incessante que está sempre a realimentar-se” (p. 13, grifo do autor).

Outra questão tinha grande importância na vida de Sabino - a fé. Fernando afirmava: “mesmo que me provassem de maneira incontestável que Jesus Cristo jamais existiu, eu continuaria acreditando nele” (p. 68); “Sou um homem de fé. De boa fé. Creio em Deus, ponto final. E acredito na existência dos anjos. Estão sempre por aí, nos rondando” (p. 69). Por ter tal entendimento, entendia a morte como “a única coisa estável que existe” (p. 187) e proclamava: “Sinto que Deus já me deu mais do que eu esperava e merecia” (p. 187). O sobrenatural, para o literato, era parte da vida cotidiana: “No momento em que o homem se desliga do sobrenatural, o seu comportamento se torna duvidoso. Estamos o tempo todo lidando com o sobrenatural na nossa vida cotidiana. Cada minuto é uma surpresa, cada segundo, uma vida inteira. Tudo é milagre” (p. 62)

---

exprimir e me comunicar. E essa expressão me é sempre penosa; o que me conforta é a comunicação, quando se estabelece.” (p. 51)

Quanto à verdade, afirmava que esta “está muito além da realidade” (p. 28), uma vez que “por baixo da realidade que se apresenta aos nossos olhos, existe outra que é a verdade” (p. 61), esta última ele buscava alcançar com a escrita. A liberdade? Uma condição inerente à natureza humana:

O homem não se torna livre: nasce livre, e se torna escravo, aceitando os preconceitos, as limitações, as deformações que a sociedade lhe impõe. Desde o momento em que ele tem consciência de sua existência até o momento em que o fecham no caixão, ele deve lutar para preservar a sua liberdade, condição inerente à natureza humana. Mas o exercício da liberdade só se torna possível através do amor. (p. 211)

Sabino defendia veementemente a busca pelo “menino que devíamos ter vivo dentro de nós” (p. 29) como catalisadora da paz e da alegria. Nisto pautava seu ideal de vida: “a reintegração da ordem, no seu melhor sentido: o da proporção, do equilíbrio e da harmonia. São os princípios básicos da estética que, para mim, se associa hoje ao senso moral. O que é bom é belo” (p. 56).

Como um cronista com o “dom dos instantâneos felizes” (p. 13), Fernando apresentava um equilíbrio em sua escrita, evitando os excessos e, de modo congruente ao seu ideal de vida, prezando uma harmonia na vida e na escrita. Na mistura entre a realidade e a imaginação, perdia-se, não via como conciliar a vida real e a atividade de escritor: “Não concilio. É a coisa mais difícil para mim como escritor de ficção: saber onde termina a realidade e começa a imaginação” (p. 208).

Bernardo Sabino, filho de Fernando com Anne Beatrice Estill, forneceu-nos informações complementares, por meios das quais vemos aspectos mais pessoais e intimistas de Fernando. Para Bernardo, a característica mais marcante do Fernando Sabino como pai era a presença e a preocupação constante dele de cuidar dos filhos. O filho o descreve como uma pessoa muito simples, que morou em um apartamento pequeno a vida toda e nunca ostentou. Uma pessoa que gostava muito de viajar, tinha sempre um bom humor e estava sempre contando casos engraçados do cotidiano. Bernardo caracteriza-o como uma pessoa que se preocupava muito com as pessoas humildes e que fugia das pessoas mais famosas e conhecidas; uma pessoa muito humana, preocupada com o bem-estar dos outros. Ao relembrar de lições que Fernando lhe passou, enfatiza uma frase que o marcou: “Se você quer resolver um problema seu, comece primeiro resolvendo o do outro, pense sempre nos outros”.

Em se tratando da relação dos dois autores; para Fernando, a amizade de Clarice “foi das primeiras, e das mais intensas, desde o início de sua carreira literária” (p. 115). Conforme citamos anteriormente, Fernando nutria uma profunda admiração pela escritora: “Fiquei deslumbrado com ela” (p. 115).

Além de grande amigo, Fernando acabou se tornando seu editor, “Tornei-me uma espécie de agente literário de Clarice no Brasil” (p. 119); “[...] Acabei sendo eu (sic) próprio editor de livros, com Rubem Braga, na Editora do Autor e na Editora Sabiá” (p. 120). Em muitas das cartas, críticas e apontamentos de Fernando sobre as escritas de Clarice tomam foco; apontamentos esses que, quase na sua totalidade, eram aceitos de imediato, o que causava certo constrangimento nesse: “Ps: Fiquei constrangido de você ter aceito todas as minhas sugestões, ao pé da letra, sem maior discussão. Fiz as correções, mas, francamente, também não precisava de tamanha violência...” (SABINO, 2011, p. 181).

## CAPÍTULO 4 – ANÁLISES & REFLEXÕES

Neste capítulo, apresentaremos os dados resultantes de nossas análises quantitativas e qualitativas, relacionaremos tais dados às questões de gênero e de comunidades de prática, conforme Eckert e McConnell-Ginet (2010; 2013), e de identidade, partindo de Hall (2006). Uma vez que nossa pesquisa se assenta sobre a percepção histórica e social da língua e de seus recursos e se fundamenta com base na 3ª onda da Sociolinguística, buscaremos atar aos resultados as compreensões que obtivemos de dados biográficos e contextuais dos participantes do *corpus*, Fernando e Clarice, os quais nos fornecem traços identitários profícuos para as análises a que nos propomos.

### 4.1 ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS

Ao analisar as cartas, buscamos a expressão das estratégias de polidez positiva e negativa, *on record* e *off record* delineadas por Brown e Levinson (1988):

Estratégias de polidez positiva<sup>83</sup>:

- 1) Perceber, atender ao ouvinte, isto é, ouvir seus interesses, seus desejos, suas necessidades e seu bens. Ex.: Nossa, você pintou seu cabelo! Ficou lindo. <sup>84</sup>
- 2) Exagerar o interesse, a aprovação ou a simpatia com o ouvinte. Ex.: Seu cabelo ficou extremamente lindo.
- 3) Intensificar o interesse no ouvinte, ou seja, contar uma “boa história”. Ex.: Eu estava andando na rua e você não sabe o que eu encontro! Uma nota de dinheiro. (uso do verbo no presente ao contar algo que ocorreu no passado)
- 4) Usar marcadores de identidade em grupo. Ex.: Esse é o meu parceirão, o João.
- 5) Procurar um acordo, uma concordância. Ex.: A: A Maria se casou ontem. B: A Maria se casou?!
- 6) Evitar discordâncias. Ex.: A: Você não acha esse vaso muito bonito? B: É bonito, de certo modo.
- 7) Pressupor uma base comum. Ex.: Eu assisti *How I met your mother* <sup>85</sup>ontem. (pressupor que o outro conheça a série)
- 8) Fazer brincadeiras/piadas. Ex.: Que tal me emprestar este velho monte de

<sup>83</sup> Retiradas de Brown e Levinson (1988).

<sup>84</sup> Exemplos de autoria própria.

<sup>85</sup> *How I met your mother* é uma série de comédia que foi ao ar de 2005 a 2014.

sucata? (falante falando do carro do ouvinte [p. 124])

- 9) Assumir ou pressupor o conhecimento e a preocupação com os desejos do ouvinte. Ex.: Eu sei que você não gosta de ler, mas esse livro é muito bom! Você deveria ler.
- 10) Ofertar/prometer algo. Ex.: Vou passar aí qualquer dia desses.
- 11) Ser otimista. Ex.: Tenho certeza de que você não vai se importar de me emprestar aquele seu livro, né?
- 12) Incluir ambos – ouvinte e falante – na atividade. Ex.: Vamos fazer uma pausa.
- 13) Dar ou pedir razões/explicações. Ex.: Por que não me emprestar aquele seu livro?
- 14) Assumir ou afirmar reciprocidade. Ex.: Eu lavei as louças na última semana, então você pode lavar as dessa.
- 15) Dar presentes ao ouvinte (simpatia, bens, cooperação, elogios, compreensão). Ex.: Você é muito bom nisso!

Estratégias de polidez negativa<sup>86</sup>:

- 1) Ser convencionalmente direto: nessa estratégia, há uma oposição de duas tensões, isto é, o desejo de dar uma saída para o ouvinte ao ser indireto e o desejo de dar o recado diretamente. Ex.: Gostaria de pegar seu livro emprestado, caso você não ache ruim.
- 2) Perguntas e modificadores: fazer perguntas ou usar modificadores para fazer o FTA. Ex.: Pegue, por favor, meu lápis.
- 3) Ser pessimista: expressar explicitamente a dúvida quanto ao resultado do ato de fala. Ex.: Acho que não há chance de você me ajudar com isso.
- 4) Minimizar a imposição: indicar que o nível de imposição não é em si grande. Ex.: Eu só quero vinte reais.
- 5) Expressar deferência: apontar que o status social do ouvinte é maior que o do falante. Ex.: Com licença, senhora, você pode abrir a janela?
- 6) Desculpar-se: indicar relutância em impor na face negativa do ouvinte e se desculpar por isso. Ex.: Eu sei que você está ocupada, mas você pode fechar a janela?
- 7) Impessoalizar falante e ouvinte: enunciar o FTA como se o agente fosse outra pessoa que não o falante e que o ouvinte fosse outra pessoa que não ele. Ex.: Eu

---

<sup>86</sup> Retiradas de Brown e Levinson (1988).

me pergunto se você faria isso por mim.

- 8) Declarar o FTA como uma regra geral: evitar impor ao afirmar que o falante está sendo, meramente, forçado pelas circunstâncias. Ex.: Ao entrar no carro, os passageiros devem usar o cinto.
- 9) Nominalizar: substantivar a expressão a fim de afastar o ator do ato, de modo a tornar esse apenas um atributo da ação, retirando, assim, seu caráter de agente do FTA. Ex.: Sua presença é necessária nesse evento.
- 10) Expressar, sem atenuação, sua dívida com o ouvinte ou negar uma dívida do ouvinte: afirmar uma dívida com o ouvinte pelo FTA (no caso de o falante ter sido o agente) ou negar que exista uma dívida a ser paga pelo ouvinte (quando este for o agente).

Seguindo essa classificação, encontramos 904 ocorrências no total, sendo 611 de Fernando Sabino e 293 de Clarice Lispector. De forma geral, a polidez positiva assume expressivamente a maior parte das ocorrências, sendo 49,49% das de Clarice e 46,15% das de Fernando. Os demais tipos de polidez apresentam porcentagens muito semelhantes, conforme se vê na tabela 1.

Antes de vermos os resultados que encontramos, é importante lembrar que a polidez positiva, conforme Brown e Levinson (1988), baseia-se na aproximação e se volta à face positiva do falante, com o objetivo de indicar que os desejos do ouvinte são também desejos do falante, seja por meio do tratamento do outro como um membro do grupo, pela utilização de adereços que indiquem amizade e afeição ou pela afirmação de que os desejos e as necessidades do outro são conhecidos e percebidos (Brown e Levinson, 1988, p. 69-70). Feita essa observação podemos observar os dados que encontramos por tipo de polidez.

**Tabela 1** – Ocorrências por tipos de polidez

Tipos de polidez	Clarice Lispector		Fernando Sabino		Total Qtd.	Total %
	Qtd.	%	Qtd.	%		
Híbrida	22	7,51%	46	7,53%	68	7,52%
Negativa	89	30,38%	187	30,61%	276	30,53%
<i>Off record</i>	1	0,34%	1	0,16%	2	0,22%
On record	36	12,29%	95	15,55%	131	14,49%
Positiva	145	49,49%	282	46,15%	427	47,23%
Total geral	293	100%	611	100%	904	100%

Fonte: autoria própria.

**Tabela 2** – Estratégias de polidez

Estratégias	Clarice		Fernando		Total Qtd.	Total %
	Qtd.	%	Qtd.	%		
10 NP	7	2,39%	3	0,49%	10	1,11%
10 PP	14	4,78%	25	4,09%	39	4,31%
13 PP	18	6,14%	32	5,24%	50	5,53%
15 PP	27	9,22%	110	18,00%	137	15,15%
2 NP	44	15,02%	88	14,40%	132	14,60%
4 PP	6	2,05%	6	0,98%	12	1,33%
5 PP	19	6,48%	3	0,49%	22	2,43%
6 PP	9	3,07%	15	2,45%	24	2,65%
7 NP	13	4,44%	66	10,80%	79	8,74%
7 PP	11	3,75%	20	3,27%	31	3,43%
ON R	36	12,29%	95	15,55%	131	14,49%
Outras estratégias <sup>87</sup>	89	30,37%	148	24,24%	237	26,23%
Total Geral	293	100,00%	611	100,00%	904	100,00%

Fonte: autoria própria.

Os subtipos de estratégias de polidez (15 de polidez positiva e 10 de polidez negativa), designadas PP quando de polidez positiva, e NP quando de polidez negativa, por serem inúmeras, apresentam resultados menos expressivos. Observamos que a estratégia mais utilizada por Clarice é a 2 NP<sup>88</sup>, a estratégia de fazer perguntas e usar modificadores para amenizar o FTA (*face threatening act*<sup>89</sup>), com 15,02% das ocorrências (44). Já Fernando emprega majoritariamente a estratégia 15 PP, dar presentes ao ouvinte, cujas ocorrências resultam em 110 das 611. Mapeamos também o uso de estratégias híbridas, isto é, o emprego de duas estratégias em uma mesma ocorrência. Com isso, chegamos à conclusão de que a combinação de estratégias mais utilizada por Clarice é *on record*, a estratégia em que não se usa quaisquer suavizadores ou amenizadores para o FTA, + a 13 PP, usada para dar razões/explicações; para Fernando, a combinação entre a 13 PP + a 2 NP, o uso de modificadores, perguntas e convencional indiretividade.

As estratégias supracitadas podem ser observadas nas seguintes ocorrências:

(1) 2 NP: “**Talvez** seja orgulho querer escrever, você **às vezes** não sente que é? A

<sup>87</sup> As demais estratégias apontam valores pouco expressivos, portanto optamos por não as apontar individualmente. O leitor pode vê-las no apêndice.

<sup>88</sup> É necessário ressaltar que anexamos à 2 NP a estratégia 1 NP, por haver uma grande aproximação entre a expressão das estratégias, que se confundem em muitas das ocorrências. Dado isso, optamos por colocá-las em uma única categoria, que representa, portanto, o uso da indireta convencional, o emprego de modificadores e o uso de perguntas.

<sup>89</sup> Quaisquer atos que podem ameaçar a face do ouvinte ou do falante durante a interação.

gente **deveria** se contentar em ver, **às vezes**.” (SABINO, 2011, p. 63, grifos nossos) [Ocorrência CL]

- (2) 2 NP: “E segundo, porque **acho que** você deve assinar o que escrever; como exercício de humildade é muito bom.” (idem, p. 100, grifos nossos) [Ocorrência FS]
- (3) 15 PP: “A sua velhinha no trem também achei admirável, você está escrevendo muito bem.” (idem, p. 84) [Ocorrência FS]
- (4) 15 PP: “Virgem Maria, Fernando, há muito tempo não me emocionava tanto com coisa escrita. Acho o conto tão perfeito que só por isso perdoou a você a emoção e as lágrimas. Não sei como é que você conseguiu ‘transmitir’ tanto a menina - sem usar ‘descrição’.” (idem, p. 189) [Ocorrência CL]
- (5) *On record*: “Me escreva, Clarice.” (idem, p. 138) [Ocorrência FS]
- (6) *On record*: “Fernando, procure em Nova York, no Consulado, Araújo Castro. Ele é ótimo. Vai lhe parecer calado e fechado, de início. Ele é muito, muito inteligente, bom, e de boa espécie.” (idem, p. 22) [Ocorrência CL]
- (7) 13 PP: “Ledo Ivo foi ou vai para Paris – **por que vocês não vêm por aqui?**, embora não sendo Paris.” (idem, p. 89, grifos nossos) [Ocorrência CL]
- (8) 13 PP: “E soube também que você tem escrito outras coisas boas, **por que não me manda?**” (idem p. 188, grifos nossos) [Ocorrência FS]

Como citado anteriormente, por haver uma maior variedade de estratégias de polidez do que de tipos de polidez, há menor expressividade dos dados, como se vê na tabela 2.

Ao olhar para os dados, observamos muitas aproximações no emprego de certas estratégias, o que pode se justificar pelo engajamento mútuo na comunidade de prática formada pelos missivistas e pelas aproximações das *personae* que reivindicam para si por meio da troca de cartas, o que veremos mais profundamente adiante. Além disso, devemos ressaltar que Clarice e Fernando possuíam uma relação de amizade que caracterizava a comunidade de prática, o que diminui o peso da variação D na equação de Brown e Levinson<sup>90</sup> (1988).

Algumas dessas aproximações se relacionam ao emprego da estratégia 10 PP, ofertar

---

<sup>90</sup>  $W_x = D(S, H) + P(H, S) + R_x$

W = peso do FTA, risco estimado

D = distância social entre falante (S) e ouvinte (H)

P = poder que o ouvinte (H) tem sobre o falante (S)

R = o nível de imposição do FTA naquela cultura

W<sub>x</sub> = o motivo da escolha de uma das estratégias (1 a 5)

ou prometer algo. Encontramos 14 ocorrências de Clarice (4,78%) e 25 de Fernando (4,09%). Alguns exemplos dessa estratégia:

- (9) 10 PP: “Em outra carta te contarei coisas, descreverei paisagens, darei detalhes sobre o meu apartamento num lugar chamado Elmhurst, falarei de pessoas que conheço, de minha vontade nem de ficar nem de voltar. E você julgue por si mesma.” (SABINO, 2011, p. 84) [Ocorrência FS]
- (10) 10 PP: “Enquanto isso escrevi um pequeno conto chamado O crime, que mandarei talvez para você um dia desses.” (idem, p. 36) [Ocorrência CL]

Outras conformidades no uso das estratégias são o emprego da 2 NP (15,02% para Clarice e 14,40% para Fernando), cujo exemplo pode ser revisto nas ocorrências 1 e 2; 2 PP (1,17% para Clarice e 1,64% para Fernando), isto é, o uso do exagero de interesse, aprovação ou simpatia com o ouvinte; *on record*, a ausência de suavizadores ou amenizadores, que pode ser vista nas ocorrências 5 e 6; 7 PP (3,75% para Clarice e 3,27% para Fernando), que se fundamenta em pressupor uma base comum.

- (11) 2 PP: “Gostei **muito** de sua carta, me deu **muita** alegria.” (idem, p. 30, grifos nossos) [Ocorrência FS]
- (12) 2 PP: “Gostei muito, **muito**.” (idem, p. 177, grifo nosso) [Ocorrência CL]
- (13) 7 PP: “Suas cartas são trazidas pelo vento; quando você fala em **maçãs redondas e vermelhas**, o vento deve estar sorrindo e ventando.” (idem, p. 72, grifos nossos) [Ocorrência FS]
- (14) 7 PP: “**De curral para curral**, passamos a assunto Manchete.” (idem, p. 97, grifos nossos) [Ocorrência CL]

Há, também, alguns distanciamentos observados. Entre eles, o emprego das estratégias 15 PP (9,22% para Clarice e 18% para Fernando), 5 PP (6,48% para Clarice e 0,49% para Fernando), 7 NP (4,44% para Clarice e 10,80% para Fernando), 10 NP (2,39% e 0,49%, respectivamente) e 4 PP (2,05% e 0,98% respectivamente) se destacam. A estratégia 15 PP é dar presentes ao ouvinte, seja compreensão, elogios ou bens e pode ser verificada nas ocorrências 3 e 4. A estratégia 5 PP refere-se a procurar uma concordância, um acordo e a 7 NP se volta à impessoalização do falante e do ouvinte. A estratégia 10 NP refere-se a expressar, sem atenuação, sua dívida com o ouvinte ou negar uma dívida do ouvinte e a 4 PP a usar marcadores de identidade em grupo.

- (15) 5 PP: “[...] alô, Clarice [...].”<sup>91</sup> (SABINO, 2011, p. 132) [Ocorrência FS]
- (16) 5 PP: “Acho a mesma coisa que você: genial.” (idem, p. 169) [Ocorrência CL]
- (17) 7 NP: “‘com o rosto’ – dispensável.”<sup>92</sup>(idem, p. 145) [Ocorrência FS]
- (18) 7 NP: “Fica silêncio mesmo”<sup>93</sup>(idem, p. 146) [Ocorrência CL]
- (19) 10 PP: “Quanto às correções no seu que você porventura quiser fazer, eu mesmo faço, é só mandar dizer, que estou sempre com Ênio e **não é trabalho nenhum para mim**, faço sempre de coração alegre qualquer coisa para você” (idem, p. 136, grifo nosso) [Ocorrência FS]
- (20) 10 PP: “No caso de um de vocês me dar o nome de uma de confiança e palavra, então, **para não dar mais trabalho a vocês**, peço à minha irmã que combine preço e prazo” (idem, p. 141, grifo nosso) [Ocorrência CL]
- (21) 4 PP: ““**Nandinho**”, que carta boa a sua” (idem, p. 49, grifo nosso) [Ocorrência CL]
- (22) 4 PP: “E outra coisa, **meu caro confrade**: seu sonho está muito bem-escrito” (idem, p. 61, grifo nosso) [Ocorrência FS]

#### 4.1.1 Estratégias explicitamente marcadas linguisticamente

Em algumas das estratégias, é possível identificar marcas linguísticas explícitas. Para analisá-las, pautamo-nos em Castilho (2014).

##### 4.1.1.1 A estratégia 2 NP e a modalização

Na estratégia 2 NP, o uso de modificadores e a escolha do aspecto do verbo são basilares para a expressão de polidez. De acordo com Castilho (2014), “a avaliação sobre o conteúdo e a forma da proposição expressa-se de dois modos” (p. 553) com os advérbios modalizadores:

- (1) O falante apresenta o conteúdo e a forma da proposição numa forma asseverativa (afirmativa ou negativa), interrogativa (polar ou não polar) e jussiva

<sup>91</sup> Em uma carta, Clarice pede uma resposta de Fernando, um bilhete ao menos e dá a fórmula para ele iniciar o bilhete: “Dou até a fórmula para você copiar para não ter o menor trabalho. Escreva assim: ‘Alô, Clarice!’” (p. 186). Fernando responde usando essa mesma fórmula.

<sup>92</sup> Ao trabalhar como editor de Clarice, Fernando faz uma série de sugestões de modo topicalizado, afastando-se do foco da mensagem e centralizando-o ao conteúdo a ser alterado.

<sup>93</sup> Resposta de Clarice ao comentário de Fernando: “‘silêncio’ - poderia também ser distância. Quem sabe não é distância?”.

(imperativa ou optativa).

(2) O falante avalia o teor de verdade de proposição, ou expressa um julgamento sobre a forma escolhida para a verbalização desse conteúdo.

O processo (1) é habitualmente rotulado de *modalidade*, e o processo (2), *modalização*. (p. 553, grifos do autor)

Nas ocorrências, encontramos a modalidade e a modalização como constituintes da expressão de polidez não apenas com o emprego de advérbios, mas outras classes também. Alguns exemplos apontam o uso desse recurso:

(23) “Ou **talvez**, também **é possível**, eu tenha me exprimido **mais ou menos** bem dentro do contexto do que eu estava dizendo, mas você separou a frase do contexto, **não sei**.” (SABINO, 2011, p. 182, grifos nossos) [Ocorrência CL]

(24) ““o curral caía aos pedaços” - **acho meio** esquisita a expressão, em se tratando de curral que em geral é um cercado apenas.” (idem, p. 147, grifos nossos) [Ocorrência FS]

Vemos que a modalização se assenta como forma de amenizar o risco à face que o FTA pode apresentar. Tanto Clarice quanto Fernando fazem uso dos advérbios modalizadores e dos verbos modais como forma de realizar essa atenuação.

#### 4.1.1.2 A estratégia 7 NP e a dêixis

A estratégia 7 de polidez negativa se define pela impessoalização do ouvinte e do falante; assim, relaciona-se diretamente à dêixis. De acordo com Castilho (2014), a dêixis é “uma categoria que depende crucialmente da situação discursiva, e não das propriedades intensionais<sup>94</sup> necessárias à configuração das categorias de referenciação e predicação [...]” (p. 123). Para expressar polidez, Fernando e Clarice brincam com a dêixis, ora de modo a ocultar-se do discurso, ora a configurar o *eu* e o *você* de modo ambíguo:

(25) “O que é preciso é [você] pensar sem escamoteios, sem truques, sem literatura. Nascer de novo cada dia e dizer: começo aqui; acordado, de pé, aqui estou - como no poema do Hélio. E começar de novo.” (SABINO, 2011, p. 43) [Ocorrência FS]

(26) “[...] **a pessoa** está só no mundo de modo que deve tomar certas providências urgentes de silêncio e meditação, já que não **se sabe** nem **se pode** agir, e que de vez em quando **a gente** pode receber este presente gratuito que é a

<sup>94</sup> “Intensionais”, referente à parte da Linguística Gerativa que se relaciona ao conceito contido em uma expressão linguística.

palavra amiga de um amigo, e suponho que se há compensação e não vejo por que ela haveria de ser maior - esta já é grande e é mais do que se merece.” (idem, p. 48, grifos nossos) [Ocorrência CL]

- (27) “**Eu cortaria** de ‘O que’ até ‘Só então’.” (idem, p. 145, grifos nossos) [Ocorrência FS]

Pode-se verificar que a dêixis se torna um cenário profícuo para a amenização de FTAs e a manifestação de polidez. Na ocorrência 23, por exemplo, Fernando se coloca no lugar de editor de Clarice, o que explica o uso do “eu” direcionado a algo que Clarice (você) deveria fazer.

#### 4.1.1.3 A estratégia 4 NP e os advérbios focalizadores

A estratégia de polidez negativa número 4, definida por Brown e Levinson (1988), trata-se de minimizar a imposição. Nesse escopo, os advérbios focalizadores tomam o centro. Para Castilho, esses advérbios são

“expressões que, aplicadas a um segmento da sentença, (i) explicitam que esse segmento fornece informações mais exatas que a média do texto [...], (ii) implicam uma comparação com algum modelo ou parâmetro nem sempre verbalizado, porém recuperável no co(n)texto [...]” (2014, p. 572).

Nesse ínterim, os advérbios *só* e *apenas* são utilizados, a fim de produzir efeito de exclusão semanticamente. Podemos vê-los, porém, sendo usados por Fernando e Clarice como forma de suavizar o discurso:

- (28) “**Só** lhe aconselho a fazer, **pelo menos** nas primeiras, o mais variado possível: vários assuntos de cada vez, para despertar logo o interesse.” (SABINO, 2011, p. 102, grifos nossos) [Ocorrência FS]
- (29) “Mas nessa não hesito: peço **apenas** que você me responda logo, com muitas notícias, contando muitos casos.” (idem, p. 73, grifo nosso) [Ocorrência CL]
- (30) “Não sou exigente, quero carta **apenas**.” (idem, p. 116, grifo nosso) [Ocorrência CL]

Assim, vemos que o uso do “só” e do “apenas” fornecem um recurso produtivo para suavizar a possível imposição que o FTA expressa, Fernando e Clarice, estrategicamente, empregam esse advérbio focalizador para esse fim.

#### 4.1.1.4 A estratégia 2 PP e os qualificadores graduadores

A segunda estratégia de polidez positiva é exagerar interesse, aprovação, simpatia com o ouvinte. Para tanto, o uso de qualificadores graduadores se faz presente. Conforme Castilho (2014), esses qualificadores, também chamados *intensificadores*, são responsáveis por expressar uma graduação, seja intensificação ou atenuação. Nas ocorrências, vemos o primeiro tipo:

- (31) “Gostei **muito** de sua carta, me deu **muita** alegria.” (SABINO, 2011, p. 30, grifos nossos) [Ocorrência FS]
- (32) “Continuo **inteiramente** entusiasmada e **verdadeiramente** grata por coisas que você diz e que me inspiram **muito**.” (idem, p. 74, grifos nossos) [Ocorrência CL]
- (33) “Desculpe a grosseria, mas os contos são **muito** bons **demais** para a gente ficar com cerimônias.” (idem, p. 119, grifos nossos) [Ocorrência FS]
- (34) “Gostei **muito, muito**.” (idem, p. 177, grifos nossos) [Ocorrência CL]

A intensificação, nesses casos, funciona como um recurso para realizar atos direcionados à face positiva do indivíduo, isto é, a face que deseja ser recebida e admirada. Assim, o exagero se encaixa muito bem como meio de satisfazer essa face.

#### 4.1.1.5 A estratégia 4 PP e os nomes

Brown e Levinson (1988) apontam uma quarta estratégia de polidez positiva: o uso de marcadores de identidade em grupo. Para alcançar a polidez por meio dessa estratégia, identificamos, curiosamente, o uso repetido de adjetivos-substantivos.

De acordo com Castilho (2014), há certos nomes que expressam ambiguidade quanto à sua classificação, por ora ocuparem o lugar de substantivo, ora de adjetivo. Em *Gramática do Português Brasileiro*, Castilho reforça a defesa de uma categoria única (nome/sintagma nominal) justamente por essa ambiguidade e pelas aproximações de traços mórficos e, para isso, usa o nome “amigo”.

Ao examinar as cartas, percebemos que os nomes fazem parte expressiva das ocorrências da estratégia 4 PP, inclusive o citado por Castilho:

- (35) “Com muita saudade, seu **amigo** [...]” (SABINO, 2011, P. 124, grifo nosso) [Ocorrência FS]

- (36) “E outra coisa, meu caro **confrade**: seu sonho está muito bem-escrito.”  
(idem, p. 61, grifo nosso) [Ocorrência CL]
- (37) “Sua **amiga** de sempre” (idem, p. 122, grifo nosso) [Ocorrência CL]
- (38) “Com muita saudade de ambos, seu **amigo** [...]” (idem, p. 129, grifo nosso)  
[Ocorrência CL]

Dessa forma, percebemos que o uso dos nomes, principalmente aqueles que expressam um certo grau de intimidade, são preferidos para manifestar polidez com a estratégia supracitada.

#### 4.1.1.6 A estratégia 5 PP e a repetição

A repetição, “a recorrência de estruturas linguísticas” (CASTILHO, 2014, p. 234), ocorre frequentemente nas cartas trocadas entre Fernando e Clarice, sendo um recurso recorrente para a estratégia número 5 de polidez positiva, buscar concordância ou um acordo. As ocorrências abaixo apontam tais repetições:

- (39) “[...] não tenho feito muitos amigos [...] e não tenho influenciado nenhuma pessoa.”<sup>95</sup>(SABINO, 2011, p. 104) [Ocorrência CL]
- (40) “Repetindo você, sentimento ruim é a impaciência.”<sup>96</sup> (idem, p. 124)  
[Ocorrência FS]

Empregar a repetição favorece a satisfação da face positiva, uma vez que se direciona ao sentimento de pertença e ponto de vista comum. Nesse sentido, o recurso contribui para a polidez.

#### 4.1.1.7 A estratégia 10 PP e os tempos do futuro

A décima estratégia de polidez positiva, proposta por Brown e Levinson (1988) relaciona a ofertas e promessas. Com essa estratégia, o uso de verbos em tempos do futuro se demonstrou expressiva. A fim de compreender melhor os futuros escolhidos para expressão de polidez, realizamos um levantamento das formas utilizadas:

---

<sup>95</sup> Resposta ao seguinte pedido de Fernando: “Gostaria de saber o que você afinal está fazendo aí, além de tomar milk-shakes. [...] Se tem lido e gostado, se tem visto coisas, **feito amigos e influenciado pessoas**” (p. 99, grifos nossos). Trata-se de uma referência à obra “Como fazer amigos e influenciar pessoas”, de Dale Carnegie.

<sup>96</sup> Resposta à carta anterior de Clarice, em que ela pede: “Não demore a responder, **um sentimento ruim é o da impaciência**” (p. 122)

**Tabela 3** – Tempos do futuro com a estratégia 10 PP

	Clarice		Fernando		Total Geral	
	Qtd.	%	Qtd.	%	Qtd.	%
Futuro do pretérito	0	0%	1	3,45%	1	2,27%
Futuro simples do indicativo	6	40%	6	20,69%	12	27,27%
Nominal <sup>97</sup>	0	0%	1	3,45%	1	2,27%
Presente do indicativo	5	33,33%	18	62,07%	23	52,27%
Presente do subjuntivo	3	20%	3	10,34%	6	13,64%
Pretérito imperfeito	1	6,67%	0	0%	1	2,27%
<b>Total geral</b>	<b>15</b>	<b>100%</b>	<b>29</b>	<b>100%</b>	<b>44</b>	<b>100%</b>

Fonte: autoria própria.

Conforme mostra a tabela, enquanto Clarice tem uma preferência pelo futuro do indicativo e o presente do indicativo; Fernando prefere, majoritariamente, o presente do indicativo. As ocorrências abaixo apontam esses usos:

- (41) 10 PP (futuro do indicativo): “Seguiremos dia dez: logo que chegarmos lá te **escreverei** dando o novo endereço, e você pode responder esta diretamente para lá.” (SABINO, 2011, p. 16, grifo nosso) [Ocorrência FS]
- (42) 10 PP (presente do indicativo): “[...] depois te **escrevo** com ele na mão para dizer o que achei, pois não o tenho aqui.” (idem, p. 82, grifo nosso) [Ocorrência FS]
- (43) 10 PP (futuro do indicativo): “Enquanto isso escrevi um pequeno conto chamado O crime, que **mandarei** talvez para você um dia desses.” (idem, p. 36, grifo nosso) [Ocorrência CL]
- (44) 10 PP (presente do indicativo): “Quando o livro estiver copiado com as correções, de qualquer modo **mando** para você ler antes da publicação.” (idem, p. 122, grifo nosso) [Ocorrência CL]

A estratégia de ofertar ou prometer algo atende à face positiva do indivíduo no que concerne ao desejo de ter suas necessidades vistas e satisfeitas. Como vimos, apesar de usar a mesma estratégia, Fernando e Clarice apresentam discretas diferenciações quanto ao recurso linguístico empregado para tanto.

<sup>97</sup> Uma ocorrência em que não há verbos.

## 4.2 ANÁLISE SOCIOCULTURAL

Ao analisar os dados obtidos, é possível perceber uma grande aproximação percentual do uso das estratégias. Tanto Fernando quanto Clarice empregam, mais frequentemente, estratégias que expressam polidez positiva. Os percentuais de uso da estratégia *on record* (12,29% para Clarice e 15,55% para Fernando), *off record* (0,34% para a primeira e 0,16% para o segundo), negativa (30,38% e 30,61% respectivamente) e híbrida (7,51% e 7,53%) se aproximam também.

Tudo isso nos leva a entender que o gênero não determinou a escolha estilística dos missivistas, tampouco que o gênero dita suas manifestações linguísticas. Outros fatores surgem como basilares para o entendimento desses dados: as comunidades de prática (ECKERT, 2005) e as *personae*.

Como vimos no capítulo 3, que trata especificamente da questão de gênero, muitas perspectivas tomaram o centro das pesquisas voltadas ao assunto ao longo do tempo. Primeiramente, como apontam Ostermann e Fontana (2010)<sup>98</sup>, os estudos voltavam-se a uma compreensão de *déficit* (Lakoff, por exemplo), em que o estilo das mulheres era visto como inferior ao dos homens. Em um segundo momento, o entendimento de *dominância* protagonizou as pesquisas (Fishman e Zimmerman, por exemplo), o estilo das mulheres era entendido como originário da dominância social dos homens sobre elas, por conseguinte, via-se que as mulheres tinham um espaço menor e menos importante linguisticamente. Em uma terceira fase, a questão da *diferença* ou *modelo das duas culturas* (Tannen estabelece-se nessa fase) acentuou-se, as diferenças culturais, assim, seriam expoentes dessas diferentes relações com a linguagem.

Hoje, a prática social assume caráter central das análises e, a partir de estudos como os de Eckert e McConnell-Ginet, entendemos que o gênero é performado por meio da linguagem e esta se relaciona às comunidades de práticas e às participações dos indivíduos nessas. Partimos, então, dessa perspectiva de análise.

### 4.2.1 Clarice e Fernando: as *personae*

Para Galembeck, a *persona* é a “aparência assumida pelo indivíduo, aquilo que ele quer mostrar” (2008, p. 327), conceito que se relaciona à face, de Goffman e Brown e

---

<sup>98</sup> As estudiosas compilam, em *Linguagem. Gênero. Sexualidade: Clássicos Traduzidos*, estudos sobre o tema, desde Lakoff a Eckert e McConnell-Ginet.

Levinson. Ainda de acordo com Galembeck, baseando-se nos estudos de Jung, a persona:

constitui um complexo funcional, estabelecido entre o mundo real e o individual, e decorre da necessidade de adaptação ou da conveniência pessoal. Trata-se de uma aparência por meio da qual o indivíduo busca convencer a si mesmo e aos outros que tem uma individualidade. (p. 327)

De modo semelhante, para Brown e Levinson, a face é a “autoimagem pública que todo membro quer reivindicar para si” (1988, p. 61, tradução nossa<sup>99</sup>). Nesse mesmo sentido, Eckert (2005) contribuiu afirmando que o indivíduo constrói sua identidade em participação em uma variedade de comunidades de práticas e formas de participação nessas. Nesse sentido, temos a persona, tipos particulares sociais localizados na ordem social (p. 17). O estilo envolve, para Eckert, a construção dessa persona.

Uma vez compreendido o conceito, entende-se a importância de tê-lo em vista ao analisar socioculturalmente as cartas e os missivistas. Quais são as *personae* relevantes para estes? Qual aparência ou imagem Fernando e Clarice querem reivindicar nas trocas e interações? Na comunidade de prática formada por Clarice e Fernando, quais imagens os missivistas querem construir?

Dentre as muitas faces de Fernando e de Clarice, algumas se destacam e se relacionam às produções linguísticas dos autores. Vejamos.

#### 4.2.2 *Personae* de Clarice: esposa, diplomata, escritora, indivíduo, mãe e amiga

A complexidade de Clarice já é, há muito, conhecida e discutida. Obviamente, a questão da persona não escapa à tal complexidade. Clarice performa vários papéis, os quais, muitas vezes, até mesmo se contrapõem. Sobre a persona, Eckert e McConnell-Ginet (2013) apontam:

O resultado [do uso da caixa de ferramentas linguística<sup>100</sup>] é um estilo comunicativo, que se combina com outros componentes do estilo, tais como vestuário, formas de andar, penteado e padrões de consumo para constituir a apresentação de uma **persona**. É neste processo de modelação que fazemos o gênero e que provocamos a mudança. (p. 248, grifo nosso)

Analisaremos, pois, essas *personae* que se constituem, principalmente, pelo estilo comunicativo. A primeira persona que destacamos é a *diplomata*, a qual causou à Clarice

<sup>99</sup> “the public self-image that every member wants to claim for himself, consisting in two related aspects: (a) negative face [...] (b) positive face.” (p. 61)

<sup>100</sup> As autoras usam a figura da caixa de ferramentas para apontar como cada pessoa usa recursos linguísticos para construir uma persona e se expressar estilisticamente.

grande desconforto<sup>101</sup>, uma vez que se via na obrigação de fingir constantemente e se adequar ao *habitus* da cultura com a qual convivia naquele período. Clarice, no jogo que se constrói entre ela e Fernando, a partir das missivas, constrói e traz esse papel, isso fica claro em certos momentos.

Em Paris, por exemplo, Clarice sentiu grande dificuldade:

- Tive um verdadeiro cansaço em Paris de gente inteligente. Não se pode ir a um teatro sem precisar dizer se gostou ou não, e porque sim e porque não. Aprendi a dizer 'não sei', o que é um orgulho, uma defesa e um mau hábito porque termina-se mesmo não querendo pensar, além de não querendo dizer. (SABINO, 2011, p. 76)

Quando fez morada na Suíça, sofria a melancolia do não-pertencimento e confessa a confusão que a acometia: “Eu cessei de me interrogar sobre se estou ou não contente de viver na Suíça. Cheguei à conclusão que não importa. Agora não sei lhe explicar se não importa viver aqui ou ali, ou se não importa estar ou não contente. Ambos” (p. 78-79).

Em um outro momento, Clarice conta que dormiu em meio a uma festa da elite política com a qual seu marido, Maury Gurgel, relacionava-se: “Na festa, por ocasião do telefonema e da emoção do voo, fiquei com um sono estranho, e de vez em quando dormia um pouco” (p. 76). A posição de destaque, o choque cultural e as diversas relações que Clarice via-se na necessidade de estabelecer corroboravam para um ambiente de opiniões distintas e, muitas vezes, desfavoráveis: “Talvez estejam me achando excessiva, não faz mal, corro o risco e até perco” (p. 12); “Quando voltei, as pessoas aqui me acharam com ar de menino e moleque, e não de ‘feminino’, de Vogue. Foi o que me disseram. Je m’em fiche” (p. 76); “Os americanos felizes ficam olhando enquanto a gente não sabe onde botar tanta lágrima e nem tem lenço suficiente” (p. 11).

Tudo isso aponta que, na comunidade de prática formada entre os dois e, meio à troca de cartas, tal persona é assumida, através de recursos linguísticos, para Fernando, de modo a constituir a imagem que a missivista deseja que Fernando tenha dela.

Fora do jogo dos dois, Clarice faz referências a essa persona que é reafirmada nas cartas; na obra *Clarice: uma vida que se conta*, Gotlib (1995) traz falas de Clarice sobre essa performance: “Mas eu cumpria com as minhas obrigações pra auxiliar o meu ex-marido, pois eu dava jantares e chegava a botar no lugar de lavar mão uma pétala de rosa! Fazia todas essas coisas que se deve fazer, mas com enjôo horrível!”.” (p. 311).

---

<sup>101</sup> Eckert e McConnell-Ginet (2013) elucidam melhor essa questão de performar uma persona que desagrade o indivíduo: “Da mesma forma, podemos apresentar uma pessoa de que não gostamos a um determinado nível, mas que, no entanto, em algumas ocasiões, queremos mostrar a outros” (p. 249, tradução nossa) - “By the same token, we may present a persona we dislike at some level but that nonetheless on some occasions we want to display to others.” (p. 249)

Em uma carta à irmã, a missivista aponta os prejuízos causados por essa performance, que a muito desagradava:

Mas não pude deixar de querer lhe mostrar o que pode acontecer com uma pessoa que fez pacto com todos, e que se esqueceu de que o nó vital de uma pessoa deve ser respeitado. Ouça: respeite a você mais do que aos outros, respeite suas exigências, respeite mesmo o que é ruim em você – respeite sobretudo o que você imagina que é ruim em você – pelo amor de Deus, não queira fazer de você uma pessoa perfeita – não copie uma pessoa ideal, copie você mesma – é esse o único meio de viver. (GOTLIB, 1995, p. 256)

Uma outra persona de Clarice que merece destaque é a *mãe/esposa/dona de casa*. Concomitantemente aos seus papéis externos, isto é, escritora, literata, jornalista, entrevistadora e redatora; Clarice exercia papéis no núcleo familiar, era mãe, era esposa e cuidadora de seu lar. Tais papéis eram reafirmados nas missivas e construía a imagem que esta desejava transmitir para seu amigo, Fernando.

Em diversas cartas, Lispector performa tais papéis ao realizar discursos que se relacionam e reafirmam essas posições: “Estamos numa casa simpática, com jardimzinho e quintal. [...] Maury trabalha bastante, eu faço compras no mercado; de noite vejo programas de mistério na televisão; tudo calmo, como se vê” (p. 87); “Os meus dois vão bem. Pedrinho passou grande crise de ciúme do irmão, mas já está aceitando a nova situação de partilha. Paulo (Gurgel Valente) está engatinhando e, de um modo geral, radiante” (p. 105); “Maury gostou muito de seu livro. Conversamos muito a respeito, e nossas opiniões são bem parecidas” (p. 185).

Na troca de cartas, cuja prática unia Fernando e Clarice, esta expressava suas dificuldades com relação às performances e à sua imagem como um todo. Isso fica claro com a persona *mãe*. Como mãe, Clarice, em certos momentos, declarava a complexidade de separar tal persona da persona *amiga*. Em uma carta, ela comenta sobre ter agido com “ar maternal” com seu amigo Paulo:

Não recebi resposta de Paulo, e com razão: no momento de escrever me lembrei do ouvido dele, e me lembrei que vocês saindo ele estava um pouco só, e sem querer tomei um ar maternal detestável, que não era na verdade maternal mas imagino que ele interpretou assim. Estou sempre errando. (idem, p. 51)

Em outras missivas, assume seu receio de ser muito “maternal” com Fernando, o que reitera essa simultaneidade de *personae* no jogo entre eles: “Fernando, não escrevo mais hoje, porque apesar de estar com os cabelos molhados, estou com os olhos secos e a alma seca, tenho de medo de ser ‘maternal’” (p. 52); “Mas você sabe que em traduções você pode ganhar muito? [...]. Não pergunto mais e não digo mais para não tomar ar maternal” (p. 51).

Quanto à sua posição de *esposa*, a performance se expressa, nessa troca amistosa de

cartas, pela citação de Maury, tanto por parte dela quanto por parte de Fernando, e pelo reforço desse papel de parceira de seu esposo: “Recomende-me ao Maury. Abraço para vocês” (p. 85) [Fernando]; “Maury manda um grande abraço para você” (p. 98) [Clarice]; “Maury está representando em U.S.A, no México e Canadá, a comissão do convênio de S. Paulo, e trabalha muito, o tempo vai passando [...]” (p. 89);

Maury, ao meu lado, finge uma coragem digna de nota só para não me desanimar. Diz que meu defeito, um defeito à toa, é não ligar muito para o tráfego. Mas um dia guiarei mesmo na loucura do Rio, impávida como se estivesse guiando o primeiro carro inventado. Maury me garante que é ótimo guiar porque estando ao volante se tem direito de dizer os piores nomes. É aliás o que me assusta da parte dos outros volantes. (p. 98)

Ainda no núcleo familiar, Clarice assume, para sua imagem, a persona de cuidadora de sua casa, o que é reafirmado por falas como “[...] é tão difícil deixar a rotina desta casa” (p. 140) e

Contratamos por duas semanas uma ‘nurse’ preta, extraordinária, que tem uma voz linda e é gorda, grande [...]. Um dia desses vou pedir para ela cantar, o que desde já me dá saudade do dia em que ela for embora (**quando meu trabalho em casa vai aumentar bravamente**) (p. 89, grifo nosso)

Outras duas *personae* surgem em meio às expressões performáticas de Clarice: a Clarice *religiosa* e a Clarice *solitária*. Não é novidade que a autora tem uma ligação estreita com questões psicológicas e com o subjetivismo; isso é expresso não apenas nas suas obras literárias, mas nas missivas também. Na imagem que Clarice construía para Fernando, ela não deixou de fora tais aspectos.

Em meio à reafirmação da solidão que sentia, Clarice elenca Deus, ora como purificador, ora como fonte de esperança: “Tenho lido muito a imitação de Cristo que tem me purificado às vezes” (p. 34); “Espero em Deus acordar deste mau sonho que está se prolongando mais do que posso às vezes suportar. Mas às vezes nem é difícil suportar” (p. 62);

Tenho outros problemas também, Fernando, e por carta não saberia falar. Ia me fazer muito bem abrir afinal meu coração e mostrar afinal a alguém que fechasse os olhos e não ouvisse, que horror pode se guardar numa pessoa. **A solidão de que sempre precisei é ao mesmo tempo inteiramente insuportável.** (p. 37, grifos nossos)

Essa persona de fé também é expressa, em outros momentos, pela referência a jargões cristãos e a passagens bíblicas: “**Em verdade vos digo**<sup>102</sup>, é uma coisa horrível” (p. 63, grifo nosso); “Quantos às leituras, variadas, provavelmente erradas, a mais certa é a Imitação de

<sup>102</sup> Referência ao evangelho de João, capítulo 14, versículo 12.

Cristo, mas é muito difícil **imitá-Lo**<sup>103</sup>, e isso é menos óbvio do que parece.” (p. 105, grifo nosso);

Quanto à Imitação de Cristo, ela me manda sofrer até o sangue, e me ceder inteiramente. Sofrer até o sangue, chegarei lá e mesmo às vezes já cheguei. Mas me abandonar, não sei como, me falta a graça. Como diz A. Lins<sup>104</sup>, **eu sou dos muitos chamados e não escolhidos**<sup>105</sup>... (p. 51, grifo nosso)

A persona *literata* também surge nas missivas, em momentos como os que discute com Fernando sobre o ato de escrever e suas intempéries: “Página 178 é uma bela página de romance para se estar. Desejo que você não esmoreça, porque é tão bom estar de ‘bom jeito’. Acho que eu devia abandonar minha ‘tragédia’ em um ato...” (p. 64); “No dia em que eu conseguir escrever uma carta de notícias talvez possa escrever uma história com um verdadeiro enredo” (p. 77).

Em um dado momento, Clarice pede que Fernando se coloque como editor de seu livro, ainda não nomeado naquele momento<sup>106</sup>, e uma série de observações e comentários são trocados nas cartas (páginas 142 a 168). Naturalmente, por se tratar de dois escritores, é compreensível que esta seja uma persona que Clarice deseja reivindicar para si no jogo entre os autores.

Nesse ínterim, é importante ressaltar, também, a persona *amiga de Fernando Sabino*, um pilar central da comunidade de prática formada por ambos, uma vez que caracteriza a relação. As ocorrências de polidez positiva com a estratégia 15, isto é, dar presentes ao ouvinte (simpatia, bens, cooperação, elogios, compreensão) colaboram para a consolidação dessa performance, uma vez que se destinam à face positiva de Fernando, aquela que deseja ser bem-vista e admirada. Algumas ocorrências que elucidam isso são “A verdade, Fernando, é que depois desse livro, ainda sou mais sua amiga. Mas a verdade também é que, se não tivesse gostado tanto, também seria” (p. 178); “Virgem Maria, Fernando, há muito tempo não me emocionava tanto com coisa escrita. Acho o conto tão perfeito que só por isso perdoou a você a emoção e as lágrimas” (p. 189); “Cada vez que penso no livro - e tenho vivido com ele nesses últimos dias - gosto mais” (p. 176).

Um ponto peculiar, quando se fala de Clarice e, particularmente, das *personae* que Clarice performou, é a questão dos *pseudônimos*. A *literata* fazia questão de usar alguns e, nas missivas, isso não fica ausente. Os pseudônimos servem como um recurso para a construção

<sup>103</sup> Referência à obra *Imitação de Cristo* e a versículos como 1 Coríntios 11.1 e 1 Tessalonicenses 1.6.

<sup>104</sup> Álvaro de Barros Lins foi um crítico literário brasileiro, membro da Academia Brasileira de Letras.

<sup>105</sup> Referência ao evangelho de Mateus, capítulo 22, versículo 14.

<sup>106</sup> Ele viria a se chamar *A Maçã no Escuro*, título sugerido por Fernando, publicado apenas em 1998, em virtude de empecilhos com a editora anterior.

da imagem que Clarice deseja transmitir a Fernando e cumpre objetivos específicos, ora afastá-la da crítica da recepção com relação às suas escritas, ora reforçar a amizade que nutre a comunidade de prática formada por Lispector e Sabino.

Entre eles, Tereza Quadros é citada não apenas uma vez: “Eu assinaria com um pseudônimo qualquer, onde me sinto mais a vontade – até **Tereza Quadros** poderia ressuscitar, dessa vez sem se especializar em assuntos femininos, já que ela é tão espertinha e versátil” (p. 94, grifo nosso) e “É mesmo impossível ressuscitar **Tereza Quadros**? Ela é muito melhor do que eu – ela é disposta, feminina, ativa, não tem pressão baixa, até mesmo às vezes feminista, uma boa jornalista enfim” (p. 97, grifo nosso). Em outro momento, Clarice se coloca na posição de fantasma: “Fernando, / este é um ghost chamado Clarice escrevendo para você.” (p. 121). Até mesmo Fernando reforça esses outros *eus* de Clarice, quando fala sobre a Lori, de *Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres*: “Ela ainda entendo, ela é você, e eu entendo você. Mas ele! Quem é esse homem?” (p. 191). Tudo isso adiciona ainda mais complexidade ao mistério clariciano<sup>107</sup>.

Por fim, citamos a persona *mulher*. Enquanto Fernando, por meio de recursos linguísticos, comportamentais e estilísticos, constrói sua imagem e, intrinsecamente a isso, constrói seu *masculino*; Clarice, por meio desses mesmos recursos, constrói seu feminino. Uma vez que nossa pesquisa tem um olhar voltado à questão de gênero, não podemos deixar passar tal performance.

Percebemos, com relação à Clarice, nas missivas, uma dualidade: ao mesmo tempo que Clarice reforça alguns padrões esperados para o gênero feminino, ela se distancia daquilo que é tido como o “feminino padrão”, isto é, as atitudes e as escolhas socialmente aceitas como *femininas*.

Quando colocamos o gênero em perspectiva, percebemos que este se relaciona a padrões: “O gênero consiste num padrão de relações que se desenvolve ao longo do tempo para definir masculino e feminino, masculinidade e feminilidade, estruturando e regulando simultaneamente a relação das pessoas com a sociedade.” (p. 21, tradução nossa<sup>108</sup>).

Há, portanto, atitudes que reforçam o padrão socialmente aceito e reproduzido como *feminino* e há atitudes que vão de encontro a tais padrões e o reformam, como Eckert e McConnell-Ginet (2013) apontam: “A mudança vem com a interrupção de tais padrões, e

<sup>107</sup> Em uma carta, Fernando usa esse termo para descrever Clarice: “[...] não seria nada mau que você continuasse publicando de vez em quando o que está escrevendo, para não perder o jeito e não adicionar mais um mistério ao **mistério que você já é**” (SABINO, 2011, p. 82, grifo nosso).

<sup>108</sup> “Gender consists in a pattern of relations that develops over time to define male and female, masculinity and femininity, simultaneously structuring and regulating people’s relation to society.” (p. 21)

embora, por vezes, essa interrupção possa ser súbita, vem mais frequentemente através de eventos infinitesimalmente pequenos que podem ou não ser intencionais” (p. 44, tradução nossa<sup>109</sup>). Nesse sentido, vemos que Clarice expressa ambas as atitudes.

Em numerosas missivas, Clarice cita costumes que reforçam a visão *ladylike*<sup>110</sup> que foi aceita e valorizada por anos como *feminina*: “Com o cansaço de Paris, no meio dos caixotes, **feminamente** e gripada **chorei** de desanimo e cansaço. Só quem diz a verdade é quem não gosta da gente ou é indiferente” (p. 22, grifos nossos); “[...] comprei perfume e agora mesmo estou perfumada e contente” (p. 75); “Para mim, sair do Brasil é uma coisa séria e, por mais **‘fina’** que eu queira ser, na hora de ir embora choro mesmo.” (p. 111, grifo nosso);

Heleninha, as moças daqui pisam duro na calçada, raras se pintam – fui **lavar os cabelos no cabeleireiro** do hotel e a moça com uma saúde adquirida com anos de neutralidade íntima tinha tal força que eu saí de lá sem a menor ideia – quase um daqueles processos de Fernando. (p. 13, grifo nosso)

Tais excertos indicam até mesmo que Clarice enxergava essa aproximação do *feminino* a costumes tidos como elegantes e delicados, como lavar os cabelos em salões, usar perfumes, ser “fina” e chorar suavemente. Em dada missiva, Clarice articula a configuração da *verdadeira mulher* à capacidade de dar ordem à desordem: “Afinal arranjei emprestada uma empregada que em um dia deu ordem na desordem – ela era uma **verdadeira mulher**. Uma grande mulher, sem dúvida, chamada Rosa, italiana, que Deus a abençoe” (p. 22, grifo nosso).

Entretanto, em outras cartas, Clarice aponta uma aproximação comportamental com o “padrão” *masculino* e cita os inconvenientes que sofria por isso: “Quando voltei, as pessoas aqui me acharam com ar de menino e moleque, e não de ‘feminino’, de Vogue. Foi o que me disseram. Je m’em fiche” (p. 76) e “Acho que sou tão seca que corto o movimento das pessoas. E quem é assim é que pode compreender como é ruim ser assim” (p. 64).

Os dados andam em conformidade a essa dicotomia de reforço e ruptura. Citamos aqui os exemplos da estratégia 2 NP e 5 PP. A estratégia 2, de polidez negativa, refere-se à indiretividade e ao uso de perguntas e modificadores. Tendo em vista a compreensão do senso

<sup>109</sup> “Change comes with the interruption of such patterns, and while sometimes that interruption may be sudden, it comes more commonly through infinitesimally small event that may or may not be intentional.” (p. 44)

<sup>110</sup> Eckert e McConnell-Ginet (2013) descrevem esse modo *ladylike* de agir como uma linguagem polida, delicada e que, supostamente, prepara a garota para a posição de mulher em uma sociedade polida (p. 121). Lakoff elucida tal comportamento da seguinte forma: “Quando crianças, as mulheres são encorajadas a ser ‘pequenas damas’. Pequenas damas não gritam de modo tão vociferante quanto garotinhos e são castigadas mais severamente por ataques de fúria ou demonstrações temperamentais. Explosões são esperadas e, portanto, toleradas quando vindas de garotinhos; docilidade e resignação são as características correspondentes esperadas das meninas. Ora, tendemos a perdoar uma exaltação de ânimo por parte de um homem, enquanto não perdoaríamos uma atitude idêntica de uma mulher: às mulheres é permitido fazer espalhafato e reclamar, mas apenas o homem pode explodir de raiva” (p. 21).

comum de *feminino* como menos incisivo e diretivo, era de se esperar que Clarice detivesse a maioria disparada das ocorrências de tal estratégia, porém os dados apontam que Fernando a emprega amplamente: 15,02% para Clarice e 14,40% para Fernando. A estratégia 5 PP, no entanto, manifesta o reforço do padrão esperado, uma vez que a estratégia de polidez positiva de buscar concordância ou um acordo reafirma o aspecto afetivo, sensível e subjugado compreendido como *feminino* para a época. Clarice detém 6,48% das suas ocorrências empregando a 5 PP; já Fernando, 0,49%.

Esses trechos nos revelam duas coisas: os contornos do feminino na expressão linguística e comportamental de Clarice não são absolutos, de modo que os limites entre o *feminino* e o *masculino* ora se sobrepõem, ora se anulam; a visão da época sobre os contornos do *feminino* e do *masculino* era radical e dualista, de modo a polarizar os comportamentos – *feminino* como delicado, polido e sensível e *masculino* como rígido, grosseiro e poderoso. Tal visão é explicada por Lakoff (2010, p. 15):

Se uma menina “fala grosso” ou de modo rude com um menino, ela vai normalmente ser isolada, xingada ou ser motivo de gozação. Dessa forma, a sociedade, por intermédio do pai, da mãe e dos amigos de uma criança, a mantém “na linha”, em seu lugar. [...] Se a menina aprende bem sua lição, ela não é recompensada com uma aceitação irrestrita pela sociedade; ao contrário, a aquisição desse estilo particular de fala será mais tarde uma desculpa que outros usarão para mantê-la em uma posição inferior, para recusarem-se a levá-la a sério como um ser humano.

Portanto, retomando Eckert e McConnell-Ginet (2013), vemos que Clarice utiliza a sua “caixa de ferramentas” de modo a construir “identidades, relações e ideologias” (p. 47) na sua relação com Fernando, a fim de atingir seus objetivos de percepção e recepção de imagem.

Dentre as inúmeras *personae* que se manifestam nas obras de Clarice e nas missivas, enumeramos aquelas que julgamos principais e que apontam que a questão de identidade e de gênero não pode ser vista de modo simplista, tampouco generalizado.

#### **4.2.3 *Personae* de Fernando: literato, marido, pai, religioso, amigo de Clarice, homem**

Assim como Clarice, Fernando, na prática da troca de cartas, constrói certas *personae* que configuram a imagem que deseja transmitir à Clarice, a partir de recursos linguísticos e comportamentais nas cartas. A primeira que destacamos é o literato. Fernando Sabino, por meio de diversas citações a obras literárias, brincadeiras com a linguagem e considerações sobre o ato de escrever, reforça e reivindica essa persona para Clarice. Isso fica explícito em

excertos como “[...] se descobrirmos para o que vai servir ou que utilidade terá, avançamos demais e caímos na propaganda, na arte social ou na literatice” (p. 27); “De vez em quando um acontecimentozinho para sacudir o tédio, como o eclipse (ou a eclipse?) de Bocayuva e o desastre no qual o Otto quase (desculpe) eclipsou-se” (p. 81); “Nosso livro é o nosso testemunho, Clarice, é a única coisa que nós temos” (p. 43); “Eu lhe sugiro inventar um título qualquer, bonito ou bem-soante, e depois encaixá-lo no livro, numa frase qualquer. Às vezes dá resultado, tenho feito isso” (p. 180); “Não, não é verdade que escrevi sobre política: apenas tudo o que se escreve para jornal tem de acabar saindo uma politicazinha no meio, a gente queira ou não queira” (p. 82). Em outros momentos, Fernando “transgride” o gênero carta para construir narrativas em meios às missivas:

Fernando Sabino é realmente um ser de comovente estupidez: no Brasil, tinha casa, amigos, emprego melhor, automóvel (se bem que...), chope no Alcazar, Rubem Braga, Moacir, livros na estante, cartas da família, doenças do Pagé, discussões com Nicodemus<sup>111</sup>, sol na varanda, café na esquina, jornais pela manhã. Aqui ele não tem nada disso e ainda ganha menos, trabalha mais, se literatiza abominavelmente, finge que sabe inglês, é empurrado de tarde no subway, leva desaforo para casa, come comida sem sal, toma café sem açúcar, e para o mal dos pecados nunca saberá com antecedência quando é que vai voltar. (p. 59)

Clarice Lispector é uma coisa riscadinha sozinha num canto, esperando, esperando. Clarice Lispector só toma café com leite. Clarice Lispector saiu correndo correndo no vento na chuva, molhou o vestido, perdeu o chapéu. Clarice Lispector sabe rir e chorar ao mesmo tempo, vocês já viram? Clarice Lispector é engraçada! Ela parece uma árvore. Todas as vezes que ela atravessa a rua bate uma ventania, um automóvel vem, passa por cima dela e ela morre. (p. 20)

Uma praia com areia preta. Um jardim torto, a grama cheia de folhas secas. Na frente do mar, com um homem barbado dando braçadas. A mulher de touca branca olha para trás dentro d’água, ri do barbado que deve ser seu marido, apesar da barba. A barba fica molhada, colada ao peito, escorrendo água. Na cabeça ele tem uma touca de meia de mulher. Estamos em 1912. No jardim tem uma árvore, debaixo da árvore tem uma mesa de vime, em cima da mesa uma máquina, em frente à mesa uma cadeira de vime e em cima da cadeira eu. Me sinto feito de vime também. O hotel todo branco aqui atrás de mim tem formas normandas, não é hotel, é estalagem, para botar um pouco de cor no local: Old Greenwich Inn. Estamos em 1912. (p. 40)

Em outras missivas, Fernando tece considerações sobre a literatura:

Digo mais: desconfio que será uma trilogia, nem trágica nem triste, mas certa, exata e indispensável como são esses livros que a gente escreve para desmoralizar nossa própria necessidade de escrever, fazendo na cozinha uma careta para as visitas que estão na sala. Não sei se você está entendendo: o “Macunaíma” do Mário, para dar um exemplo, foi escrito assim; o “Anjo de Pedra” do Octavio, se acabou educado e distinto como a mais nobre das visitas, nasceu de uma ideia que ele teve na cozinha enquanto a “Tragédia Burguesa” esperava lá fora: mas não é exatamente a mesma coisa. (p. 67)

Não sei se te falei a respeito de minhas molecagens literárias: estou perpetrando um livro chamado “Aprendiz de Feiticeiro”, falei nele? Pois a última novidade é um

<sup>111</sup> Nota do autor: Apelido fraternal de Paulo Mendes Campos.

negócio chamado “Reabilitação do amadorismo”: a necessidade que o artista tem de ser essencialmente um amador, quanto à técnica, estilo, etc. Assim como Tolstói era um amador e Machado um profissional: a excessiva consciência profissional da arte amesquinha o artista e cada defeito a menos é um pecado a mais. (Olha só como eu escrevi excessiva) (p. 68)

Há uma tentativa de classificação de romancistas, em várias espécies de categorias. Por exemplo: os que começam e acabam (José Lins do Rêgo), os que acabam e não começam (Cyro dos Anjos), os que começam mas não acabam (Octavio de Faria) e os que nem começam e nem acabam (Lúcio Cardoso). Outra: os romancistas redondos, os romancistas quadrados, os romancistas cônicos e os romancistas piramidais. (p. 69)

A partir das análises e como é possível perceber, a persona *literata* tem frequência expressiva nas cartas. Numerosas vezes, Fernando prefere assuntos literários a pessoais e enfoca o panorama de obras contemporâneo como fonte de suas contribuições e comentários nas cartas como recurso para construir uma imagem para Clarice que atinja suas “identidades, relações e ideologias” (ECKERT; MCCONNELL-GINET, 2013, p. 47).

As citações às obras literárias da época também são constantes: “Você não falou nada sobre o Guimarães Rosa do Grande Sertão – leu? Continuo achando apenas o maior romance já publicado no Brasil [...]” (p. 136); “Tenho lido Saint-Exupéry, Rubem Braga (sobre a situação na Argentina – Diário de Notícias – chegou ontem) e Carlos Castelo Branco, que escreveu duas boas novelas: Os Inquilinos e José do Egito” (p. 128); “Li ‘Cangaceiros’ do Zé Lins e achei fraco, apesar do colorido da linguagem, bem melhor desta vez” (p. 109); “Acabei de ler ‘Mrs. Dalloway’, gostaria muito de ter escrito um dia um livro assim, por acaso” (p. 71); “Estou lendo Lawrence, ‘The Rainbow’, e gostando, você já leu?” (p. 46).

Menos numerosas, as manifestações da persona *marido e pai* também fazem parte das missivas e da imagem que Fernando apresenta à Clarice no jogo de cartas marcado pela amizade dessa comunidade de prática. As expressões relacionadas à primeira persona se dão em excertos como “Helena<sup>112</sup> gostou muito da história da caixinha de música: manda dizer que assim que receber vai te dar de presente um bonequinho que dança sozinho, que comprei para ela outro dia” (p. 30); “Como vai Heleninha como dona de casa americana?” (p. 38) [Ocorrência CL]; “Fernando, um grande abraço para Heleninha e para você; me escreva” (p. 52) [Ocorrência CL]. Em 1952, Fernando e Helena se separam e isso afeta, também, essa persona; as referências à Helena se alteram: “O que você já deve ter ouvido falar de mim por aí é verdade: estou vivendo sozinho há dois meses e pretendo continuar. Começando de novo – só que não tenho mais dezessete anos o que afinal não passa de uma constatação meramente

---

<sup>112</sup> Helena Valladares, filha de Benedicto Valladares Ribeiro e Odete Maldonado Pinto Ribeiro Valladares, foi casada com Fernando de 1944 a 1952.

literária” (p. 90); “Helena e as crianças estão morando com os pais dela – para o caso de eu ter sido muito eufemístico ou hermético ao lhe falar que nos separamos” (p. 92); “Como você já deve ter sabido, ou não deve, estou já há alguns meses morando sozinho, e aqui vai meu novo endereço: Rua Canning, 22 – aptº. 504” (p. 95, grifos do autor); “Helena, segundo soube, vai para os Estados Unidos esta semana” (p. 103).

Quanto à persona *pai*, encontramos menos expressões que a reafirmam, porém elas surgem, de modo parco, em meio à prática que une os missivistas. Observamos que, em algumas, Clarice é a voz que reforça essa persona de Fernando: “Como vão os quatro Sabinos pequenos?” (p. 89); “Diga como estão as crianças. Estão no Rio? Você as vê sempre?” (p. 105); “Fernando, como vão Helena e as crianças? E quando é que você vem por aqui? Estou com saudades de vocês todos” (p. 122). Já em outras, é Fernando que, por meio de recursos linguísticos, reitera tal construção: “Minhas filhas Eliana<sup>113</sup> e Leonora<sup>114</sup> num colégio do Alto da Boa Vista; gostando muito, todo domingo vou lá. Eliana está escrevendo um romance chamado O Crime do Castelo” (p. 129); “Enquanto isso Eliana continua passeando pela casa falando papai, papai [...]” (p. 71); “Elianinha só diz cinco palavras: papai, mamãe, me dá!, babá e *Gryphenhüberliveg*<sup>115</sup>” (p. 47, grifo do autor); “[...] envolvendo até mesmo a Elianinha que fez o impossível para picar a carta em pedacinhos sem conseguir [...]” (p. 54); “As crianças estão com os avós, tenho visto sempre” (p. 109); “Tenho tido muita saudade de minha filha” (p. 18).

A persona *religiosa* também aparece nas cartas como uma das faces da imagem que constrói o missivista. Fernando professa sua fé em diversos trechos: “Passei a Semana Santa indo diariamente ao Mosteiro de São Bento, mas a despeito disso continuo um incorrigível pecador” (p. 84); “Tenho, sim, umas observações a fazer – não fosse eu esse jesuíta em cama estreita que nada tem feito para merecer o reino dos céus: mas por mais que eu esmiuce e faça o advogado do diabo, não encontro nada de importância” (p. 119); “Em verdade te digo<sup>116</sup> que minha novela é cheia de *Es*” (p. 66, grifo do autor);

Somos feitos à imagem e semelhança Dele e nos sentimos falhados porque não sabemos fazer milagres. Quando nossa vida inteira desde o nascimento até a morte, antes do nascimento e depois da morte é um milagre. Nós é que somos o milagre de Deus, porque estamos no mundo não como anjos decaídos, mas como homens – matéria de salvação. (p. 42)

<sup>113</sup> Eliana Valladares Sabino, filha de Fernando e Helena, nascida em 1945.

<sup>114</sup> Leonora Valladares Sabino Teixeira, nascida em 1948.

<sup>115</sup> Clarice, posteriormente, referencia essa carta: “Se vocês viessem morar em Berna, arranjariamos uma casa para vocês em Gryphenhüberliveg, eu daria a Elianinha mil amiguinhos suíços e ela mandaria em todos eles [...]” (p. 52).

<sup>116</sup> Referência a Cristo (evangelho de João, capítulo 14, versículo 12).

A persona *amigo de Clarice* também faz parte das *personae* que Fernando constrói a partir de sua “caixa de ferramentas” e fortalece a comunidade de prática formada pelos dois, a qual, apesar da distância, é caracterizada pela afeição e amizade. As estratégias de polidez positiva, em especial a estratégia 15, de dar presentes ao ouvinte, têm grande importância para a reivindicação e formulação dessa persona: “Creio muito em você, tanto quanto às vezes em mim mesmo” (p. 44); “Porque estou com saudade, saudades dos meus amigos entre os quais você naturalmente está incluída [...]” (p. 72); “Você, de certo modo, me dispensa a escrever. Resta o consolo de pensar que se eu fosse capaz, como você, de dizer o indizível, eu teria a dizer certas coisas que você ainda vai dizer. E me limito a ficar esperando” (p. 118); “Você está escrevendo como ninguém – você está dizendo o que ninguém ousou dizer. Me desculpe o entusiasmo muito pouco ao seu jeito, mas não é possível deixar por menos” (p. 118); “Nada melhor você poderia dizer do que descobrir afinidade entre meu livro e o seu. Ela existe, mas você está a léguas de distância na minha frente em maturidade” (p. 175); “Esta carta não lhe dá a medida de como eu quero bem e admiro o seu livro, como tudo que vem de você...” (p. 193);

Digo apenas que não concordo com você quando você diz que faz arte porque “tem um temperamento infeliz e doidinho”. Tenho uma grande, uma enorme esperança em você e já te disse que você avançou na frente de todos nós, passou pela janela, na frente de todos. Apenas desejo intensamente que você não avance demais para não cair do outro lado. (p. 27)

Em outras cartas, a estratégia 10 PP, ofertar/prometer, cumpre esse papel: “Me autorize que providencio tudo: apanho os contos no Simeão e mando cópia para o Décio de Almeida Prado, de todos de uma vez, ele vai publicando provavelmente de quinze em quinze dias” (p. 181); “Mas conte comigo sempre, eu não deixaria seu livro um só momento – só sinto não haver no Brasil as condições de publicação que ele merece” (p. 175); “E há possibilidade de ser lançado por uma editora, a Simões, por exemplo [...]. Me escreva dizendo. Em todo caso entrego os contos ao Simeão amanhã” (p. 119).

Por fim, Fernando traz uma consideração muito relevante para esse aspecto ao analisarmos as imagens construídas por ele e Clarice nas trocas dentro dessa comunidade de prática: a representação. Irvine (2003 *apud* KOCH; BENTES, 2008) relaciona o estilo à representação:

[...] as maneiras mais sutis por meio das quais os indivíduos navegam entre variedades disponíveis e tentam desempenhar uma **representação** coerente de um *eu* distintivo – um *eu* que pode ser, por sua vez, subdivisível em um sistema diferenciado de aspectos do *eu*. (p. 32)

Fernando trata essa representação a partir da figura de um equilibrista:

Tem de ser equilibrista até o final. E suando muito, apertando o cabo da sombrinha aberta, com medo de cair – olhando a distância do arame ainda a percorrer – e sempre exibindo para o público um falso sorriso de serenidade. Tem de fazer isso todos os dias, para os outros como se na vida você não tivesse feito outra coisa, para você como se fosse a primeira vez, e a mais perigosa. Do contrário seu número será um fracasso. (SABINO, 2011, p. 27)

Quanto à persona *homem*, diferentemente de Clarice, Fernando não marca explicitamente tal performance na construção de imagem nesta comunidade. Os poucos trechos que citam a questão de gênero se relacionam a um tópico muito comum nas obras de Sabino: o “ser menino”. A obra *Tabuleiro de Damas* (2003) aponta esse pilar, tendo como subtítulo “Trajetória do menino ao homem feito”. Fernando elucida melhor esse ponto:

Reconheço que existem coisas mais sérias a tratar, mas acredito que se conseguíssemos recuperar o menino que devíamos ter vivo dentro de nós, todos nos entenderíamos muito mais. Haveria mais paz e alegria, se os homens voltassem a ser meninos. (SABINO, 2003, p. 29)

Nas missivas, esse tema também aparece: “Clarice, estou me sentindo tão menino hoje! Minha idade mental não ultrapassa agora a de um menino de doze anos” (p. 55) e “Não sei se te falei a respeito de minhas molecagens literárias [...]” (p. 67). Como se vê, a ideia de “ser menino” se associa mais à perspectiva da inocência que ao gênero. O que podemos observar quanto a este se marca de forma menos explícita, conforme veremos na próxima seção.

#### 4.3 OS CONTORNOS DO *FEMININO* E DO *MASCULINO*

Contrariando as teses de Lakoff (2010) de que “a fala das mulheres soa muito mais ‘bem-educada’ do que a dos homens”, vemos que a maioria das ocorrências de polidez são de Fernando, não de Clarice. Mesmo sendo a remetente de 27 das 50 cartas de *Cartas perto do coração*, Clarice tem menos ocorrências de emprego das estratégias de Brown e Levinson (1988) que Fernando; a primeira registra 293, enquanto o segundo, 611.

Mesmo quando se trata da estratégia *on record*, que seria menos polida e, portanto, na visão de Lakoff (2010), predominantemente masculina, uma vez que se configura como “falar grosso” ou de modo rude; vemos que as porcentagens, em muito, aproximam-se: 15,5% das ocorrências de Fernando são *on record* e 12,3% o são de Clarice.

Assim, compreendemos que os contornos do masculino e do feminino não são fatores preponderantes quanto à escolha das estratégias e dos usos, tendo em vista que as porcentagens são muito aproximadas. Velhas noções como as de que a linguagem das

mulheres refletiria “seu (nosso) conservadorismo, consciência de prestígio, mobilidade ascendente, insegurança, deferência, encorajamento, expressividade emotiva, afiliação, sensibilidade em relação aos outros, solidariedade” (ECKERT; MCCONNELL-GINET, 2010, p. 95) e a dos homens se relacionaria à “sua dureza, falta de afeto, competitividade, independência, competência, hierarquia, controle” (idem, p. 95) não se constata a partir dos dados.

Clarice e Fernando se afastam de visões dicotômicas sobre o gênero. Como explicam Eckert e McConnell-Ginet (2013), a construção dualista de feminino e masculino se dá de modo contínuo, “com diferentes tratamentos, garotos e garotas aprendem a *ser* diferentes” (p. 9, tradução nossa<sup>117</sup>). Essa construção acontece cultural e socialmente e se fundamenta na assimetria:

Esta assimetria é parcialmente uma função da desvalorização cultural das mulheres e do feminino. De uma forma ou de outra, a maioria dos meninos e meninas aprendem que as coisas de menino e as atividades de menino são mais valorizadas do que as coisas de menina e suas atividades, e os meninos são fortemente desencorajados a ter interesses ou atividades que estão associadas a meninas. (p. 12)

Entretanto, os missivistas, nas missivas, expõem pensamentos, ideologias e comportamentos muito semelhantes. Apesar de Clarice apontar atividades tipicamente femininas, como lavar os cabelos em salão, perfumar-se e chorar, como ela diz, femininamente; nas próprias cartas, indica que não é vista como “feminina” em muitos momentos. Isso aponta que Clarice, de certa forma, contraria a visão estereotípica do que seria a *feminilidade* padrão, retomando Eckert e McConnell-Ginet (2013), os estereótipos

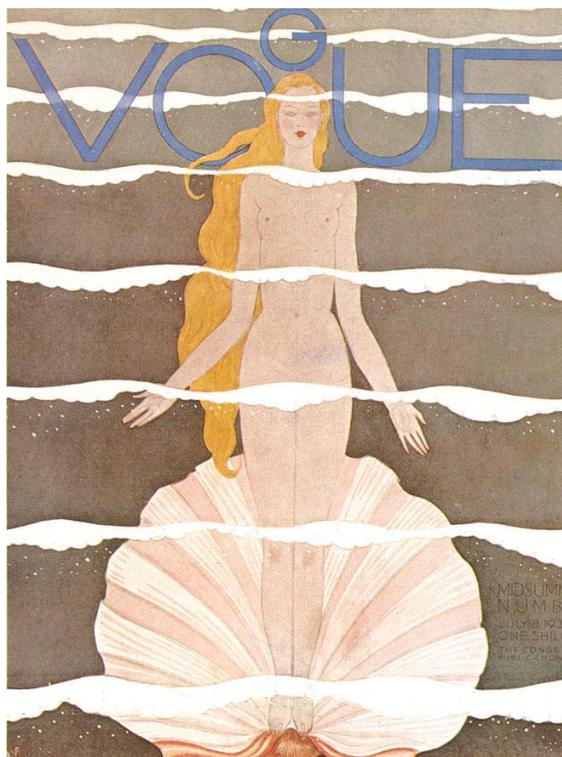
não são "mentiras" sobre a língua, mas exageros com um objetivo. Servem como uma espécie de dispositivo de organização na sociedade e mapa ideológico, estabelecendo o leque de possibilidades dentro das quais nos colocamos e avaliamos os outros. São meios para construir e destacar categorias sociais, quer para fins positivos ou negativos. (p. 58)

Essa discrepância fica clara na seguinte ocorrência: “Quando voltei, as pessoas aqui me acharam com ar de menino e moleque, e não de ‘feminino’, de Vogue. Foi o que me disseram. Je m’em fiche” (p. 76). O *feminino* aqui se relaciona à Vogue, marca de roupas que se originou de uma revista feminina; o conceito de *feminino* da época pode ser mais bem-entendido a partir das capas da revista:

---

<sup>117</sup> “With differential treatment, boys and girls learn to *be* different.” (p. 9)

**Imagem 5** – Capa da Vogue de julho de 1931

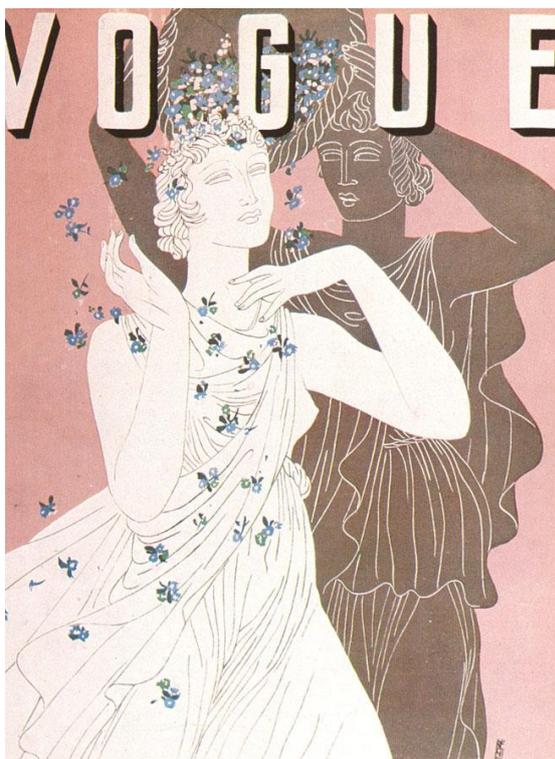


Fonte: Flickr<sup>118</sup>

---

<sup>118</sup> Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/sundaygreen/albums/72157630842127508/with/7685921494/>. Acesso em: 14/03/2023.

**Imagem 6** – Capa da Vogue de fevereiro de 1932



Fonte: Flickr<sup>119</sup>

Como se pode ver, os referenciais eram mulheres curvilíneas, adornadas por flores. A capa de 1931, inclusive, expõe uma versão do quadro *O nascimento de Vênus*, de Sandro Botticelli; Vênus, a deusa da fertilidade, seria o símbolo dessa *feminilidade* ligada à beleza, ao amor, à delicadeza e à paixão.

Além disso, os próprios dados apontam certas inconsistências com visões abstraídas de gênero. Um exemplo claro disso é o emprego da estratégia 15 PP, isto é, dar presentes ao ouvinte, sejam eles compreensão, cooperação ou bens, por exemplo. Pelo viés dicotômico, era de se esperar que Clarice empregasse tal estratégia com maior destaque, uma vez que esta serviria como recurso extremamente eficaz para expressão da “[...] deferência, encorajamento, expressividade emotiva, afiliação, sensibilidade em relação aos outros, solidariedade” (ECKERT; MCCONNELL-GINET, 2010, p. 95), entretanto é Fernando quem utiliza tal estratégia com maior frequência (9,22% de Clarice contra 18% de Fernando).

Outro dado que aponta tal incongruência com uma visão estereotipada de expressão de gênero se vê com a estratégia *on record*. Por se tratar de uma estratégia em que não há atenuação do FTA e em que a satisfação da face do ouvinte é suprimida pelo desejo de atingir máxima eficiência, espera-se que Clarice não faça um uso expressivo, uma vez que isso iria

<sup>119</sup> Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/sundaygreen/albums/72157630842127508/with/7685921494/>. Acesso em: 14/03/2023.

de encontro ao desejo da mulher de ser cooperativa e falar com deferência (CAMERON, 2010, p. 139), porém o que vemos é uma aproximação percentual das ocorrências de Clarice e de Fernando quanto à estratégia em questão (12,29% e 15,55%, respectivamente). Em 43 ocorrências (a contar com as híbridas), Clarice lança mão da *on record*, de modo a priorizar a eficácia da comunicação à satisfação da face do ouvinte.

Por conseguinte, fica claro que, para compreender as questões de gênero não podemos nos pautar em visões dicotômicas, tampouco em perspectivas generalistas e estereotípicas, uma vez que a grande aproximação das porcentagens das ocorrências inviabiliza uma compreensão extremista e opositiva do *feminino* e do *masculino*.

O que poderia, portanto, explicar essa afinidade de escolha das estratégias? Ainda, como entender o uso mais expressivo das estratégias de polidez propostas por Brown e Levinson (1988) por Fernando, contrariando a ideia de que mulheres são mais polidas que homens? As comunidades de prática<sup>120</sup> e a questão identitária nos dão a resposta.

#### 4.4 COMUNIDADES DE PRÁTICA & IDENTIDADE

Para Eckert e McConnell-Ginet, a identidade de gênero, que é mutável e aprendida, é negociada em meio à participação dos indivíduos em comunidades de prática (2010). Nesse sentido, seria inviável abstrair gênero e linguagem das práticas sociais, as quais “produzem suas formas particulares em determinadas comunidades” (p. 94), tendo em vista que ideias pressupostas e generalizantes de gênero não mais sustentam as análises. Eckert e McConnell-Ginet (2010) apontam os prejuízos dessa abstração:

A ideia de gênero é totalmente abstraída de outros aspectos da identidade social; o sistema linguístico é abstraído da prática linguística; a linguagem é abstraída das ações sociais; as interações e os eventos são abstraídos da história comunitária e pessoal; diferença e dominância são abstraídas das comunidades em que elas ocorrem. Quando recombinações todas essas abstrações, não temos a menor noção de com o que estamos lidando. (p. 95)

Entender quem eram Fernando Sabino e Clarice Lispector é mergulhar nas práticas sociais e nas comunidades nas quais os dois se engajavam, de modo a compreender seus papéis de atuação, valores e relações. O gênero, portanto, não pode ser visto de forma independente e dissociada.

Tendo isso em vista, questionamo-nos: como as comunidades de prática constituídas por Sabino e Lispector nas cartas se definem? Como se relacionam aos contornos do feminino

---

<sup>120</sup> Eckert (2005).

e do masculino?

A partir de nossa análise, percebemos o engajamento de Clarice e Fernando na comunidade de prática formada pelos missivistas, destacada na seção 4.4.1, e em outras, as quais traremos à luz nas seções 4.4.2.

#### **4.4.1 A comunidade de prática formada por Clarice Lispector e Fernando Sabino**

As comunidades de prática são marcadas, como dito, por práticas em que vários participantes se engajam e se empenham nesse empreendimento comum. No caso de Fernando e Clarice, a prática da troca de cartas serve para esse fim e consolida a comunidade de prática basilar do nosso *corpus*.

Os missivistas formam uma comunidade de prática que é marcada pela amizade que nutrem a distância, mediada pelas missivas e fortalecida ao longo dos anos de trocas. Desse modo, constituiu-se um jogo entre eles que fornece um campo profícuo para a construção de *personae*, como apontamos, e para a expressão de estilo.

Os dados que levantamos reafirmam isso ao olharmos para a estratégia 7 PP, pressupor um terreno comum, estratégia utilizada para reforçar a ligação com o ouvinte a partir do apontamento de interesses, conhecimentos e hábitos comuns. Até mesmo as porcentagens se aproximam nesse viés: 3,75% para Clarice e 3,27% para Fernando.

De uma perspectiva mais generalista, a aproximação da porcentagem de dados também nos revela essa prática comum dos missivistas. As estratégias de polidez positiva <sup>2</sup><sup>121</sup>, <sup>7</sup><sup>122</sup>, <sup>9</sup><sup>123</sup>, <sup>10</sup><sup>124</sup>, <sup>12</sup><sup>125</sup>, <sup>13</sup><sup>126</sup> e <sup>14</sup><sup>127</sup> demonstram um emprego muito parecido da polidez entre Clarice e Fernando: 1,71% e 1,64%; 3,75% e 3,27%; 1,71% e 1,80%; 4,78% e 4,09% respectivamente.

Com a polidez negativa, não é muito diferente. As estratégias 2, isto é, usar perguntas e modificadores) e 5, ou seja, dar deferência, apontam-nos isso também: 15,02% para CL e 14,40% para FS e 1,02% para CL e 0,82% para FS, respectivamente.

Retomando Brown e Levinson (1988), a interação parece ser simultaneamente

---

<sup>121</sup> Exagerar (interesse, aprovação ou simpatia com o ouvinte).

<sup>122</sup> Pressupor/afirmar um terreno comum.

<sup>123</sup> Afirmar ou pressupor conhecimento e preocupação com as necessidades do ouvinte.

<sup>124</sup> Ofertar/prometer.

<sup>125</sup> Incluir ouvinte e falante na atividade.

<sup>126</sup> Dar (ou pedir por) razões/explicações.

<sup>127</sup> Assumir ou afirmar reciprocidade.

determinada e determinante de vários aspectos desses fatos sociais<sup>128</sup> (p. 240); assim sendo, a interação tem relação intrínseca à estrutura social, de forma a criá-la ou recriá-la (p. 240). Nessa perspectiva, uma semelhança de dados linguísticos de uma interação aponta, portanto, para uma semelhança de natureza social, a qual creditamos às comunidades de prática.

Kerbrat-Orecchioni (2006) afirma que “conversar é adornar criativamente e em conjunto um cenário que nos é imposto; é construir coletiva e incessantemente um texto conversacional [...]” (p. 140); vemos, com os missivistas, que esse texto apresenta diversas afinidades, as quais indicam uma afinidade extralinguística também.

Assim, conforme buscamos reafirmar, a identidade de gênero de Fernando e de Clarice tem seu lugar na troca de missivas e na imagem que ambos constroem sobre si na prática da interação. Entretanto, é possível, também, observar influências de outras comunidades de práticas nas cartas, de modo a tornar-se importante apontá-las também.

#### 4.4.1.1 Os escritores e artistas contemporâneos

Clarice e Fernando participavam da comunidade de escritores literários da metade do século XX e, mais especificamente, na geração de 40/50. Nas missivas, encontramos diversas referências a essa ampla comunidade, na qual ambos se engajavam e exerciam seus papéis. Clarice, inclusive, traz luz a esse sentimento de pertença à comunidade:

Amém, Fernando, amém. Para nós todos. **Nunca me senti tanto pertencendo a uma “geração”**. Pela primeira vez, talvez, senti a palavra geração em outro sentido. E veja, Fernando, que isso veio de algo mais, no seu livro, do que de fatos e ambientes, porque minha vida não teve esses fatos nem esses ambientes. Vem de algo mais, de alguma coisa essencial que você pegou, e que me deu essa impressão de “**estarmos todos no mesmo barco**”. E que me deu a certeza de um encontro marcado, e a esperança. (SABINO, 2011, p. 177, grifos nossos)

Eckert e McConnell-Ginet (2010) apontam esse sentimento de pertencimento como parte da participação nessas comunidades: “A ideia de gênero é produzida (e, com frequência, reproduzida) em tipos diferenciados de **pertencimento** em comunidades de prática” (p. 103)

Ao olhar para as ocorrências de polidez, percebemos a presença desta comunidade de prática: Otto<sup>129</sup> é citado duas vezes; Paulo<sup>130</sup>, cinco vezes; Rubem<sup>131</sup>, duas vezes; Guimarães Rosa, uma vez; Mário de Andrade, duas vezes; Carlos Drummond de Andrade, uma vez;

<sup>128</sup> Ao analisar perspectivas de análise da interação social, Brown e Levinson apontam uma terceira via, na qual os fatos sociais determinam e são determinados pela interação (ver p. 240).

<sup>129</sup> Otto Lara Resende.

<sup>130</sup> Paulo Mendes Campos.

<sup>131</sup> Rubem Braga.

Lúcio Cardoso, uma vez; Hélio Pellegrino, quatro vezes. Todos esses nomes fazem parte da comunidade de escritores brasileiros do século XX.

Bosi (2006), ao tratar dos escritores pré-modernistas, modernistas e de tendências contemporâneas que marcaram a literatura brasileira, cita Mário de Andrade, Fernando Sabino, Otto Lara Resende, Lúcio Cardoso, Clarice Lispector, Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade e Hélio Pellegrino. Sobre Mário, afirma “um artista de 22 cuja poética oscilou entre as solicitações de biografia emocional e o fascínio pela construção do objeto estético” (p. 370); já em Lúcio Cardoso<sup>132</sup>, vê “pendor para a criação de atmosferas de pesadelo” (p. 441). Ao abordar outros narradores intimistas, elenca Otto Lara Resende e sua “fina análise” (p. 449) e Fernando Sabino, caracterizado “autor de um vivo depoimento da geração que amadureceu durante a Segunda Guerra” (p. 449). Ainda nessa perspectiva, traz Clarice Lispector, com sua escrita marcada pelo “uso intensivo da metáfora insólita, a entrega ao fluxo da consciência, a ruptura com o enredo factual” (p. 452). Bosi (2006), ao escrever sobre o regionalismo, não deixa de lado Guimarães Rosa (p. 457) e Lúcio Cardoso (p. 457). Quando passa para a poesia, os nomes Andrade são trazidos à tona, Mário de Andrade e Oswald de Andrade (p. 467) e Carlos Drummond de Andrade (p. 469). Paulo Mendes Campos e Hélio Pellegrino surgem em meio à análise da “geração de 45” (p. 497).

Assim, vemos que essa comunidade de prática, tão importante para os escritores, trata-se de um conjunto de grandes nomes da literatura que, por meio do engajamento na escrita e no fazer literário, encontram a união em um empreendimento comum. Essa comunidade encontra proximidade não só pela prática em si, mas também pelas dificuldades que enfrentava com editores, publicações e críticas.

Em uma missiva, Fernando, inclusive, reivindica seu lugar nessa comunidade ao partilhar do sentimento que o grupo sentia com relação aos editores da época:

[...] foi uma gota d'água que fez transbordar o ressentimento dos escritores de modo geral contra o tratamento dispensado pelos editores. Estão em crise e a coisa foi para os jornais, movimentos de parte a parte em defesa dos dois grupos – acabaram, como sempre, metendo o governo no meio só para atrapalhar. (SABINO, 2011, p. 187)

Quando houve uma certa dificuldade quanto à publicação da obra de Clarice, Fernando demonstra empatia, uma vez que sofria a mesma questão ao participar da comunidade: “É fácil calcular as dificuldades que você vem tendo assim de longe, pelas que a gente já tem aqui por perto mesmo” (p. 188).

<sup>132</sup> Fernando cita Lúcio em uma das cartas à Clarice da seguinte forma: “Estive muito com o Lúcio, de cuja conversa ressurgiram velhas mágoas e velhos mal-entendidos, que tentamos explicar, mas que ficaram mais mal-entendidos ainda” (SABINO, 2011, p. 81)

Outro indício dessa participação dos escritores na comunidade é o modo de falar. De acordo com Eckert e McConnell-Ginet (2010), as comunidades de prática são conjuntos de pessoas que se engajam mutuamente em um empreendimento comum, “Modos de fazer coisas, **modos de falar**, crenças, valores, relações de poder – em resumo – práticas – emergem durante sua atividade conjunta em torno do empreendimento” (p. 102, grifos nossos).

Esses modos de falar aparecem, nas missivas, quando há uma repetição de citações e falas de outros participantes do grupo de artistas como Rubem Braga “**Ultimamente têm passado muitos anos**, disse Rubem Braga” (SABINO, 2011, p. 15, grifo nosso); Manuel Bandeira “Carnavais sem nenhuma alegria” (p. 15); Mário de Andrade “[...] eu me perguntava, perguntava à Helena, perguntava às paredes, mas só o eco me respondia: **nhãmm...**” (p. 80, grifo nosso); Lúcio Cardoso “Passei três meses com o Otto e o Paulo, conversei muito, **discuti, briguei, aprendi**” (p. 81).

As referências aos outros participantes dessa grande comunidade de prática também aparecem, nas missivas, de modo direto: “Encontramos lá **Schmidt**<sup>133</sup> e a mulher (que é prima do Maury, coisa descoberta em Paris....)” (p. 74, grifo nosso); “Enquanto isso li com **Érico**<sup>134</sup> seu conto da anã, que é de estarrecer de tão bom” (p. 188); “Vivemos bastante isolados, e agora que **Sarinha e Lauro**<sup>135</sup> vão embora, Washington vai ficar ainda mais Washington” (p. 88); “Como vai **Tati**<sup>136</sup>? **João e Miriam**<sup>137</sup> têm uma nova menina, chamada Silvia, nascida em dezembro. **Sarinha e Lauro Escorel** partem em março para o Rio. Conheci na casa deles **Dr. Alceu e D. Maria Tereza**<sup>138</sup> [...]” (p. 87, grifo nosso). Por tratar-se de missivas, os questionamentos sobre o bem-estar e atualizações sobre a vida dos participantes marcam o engajamento de Fernando e Clarice nessa comunidade de prática.

#### 4.4.1.2 Os quatro cavaleiros

A amizade de Fernando Sabino, Otto Lara Resende, Hélio Pellegrino e Paulo Mendes

---

<sup>133</sup> Nota do autor: O poeta Augusto Frederico Schmidt.

Schmidt é citado por Bosi (2006) também (p. 488) e faz parte dos nomes elencados em *História concisa da literatura brasileira*.

<sup>134</sup> Nota do autor: Érico Veríssimo.

Citado por Bosi (2006) na página 434.

<sup>135</sup> Sarah Lifschitz e Lauro Escorel Rodrigues de Moraes.

<sup>136</sup> Nota do autor: Tati de Moraes, então esposa de Vinicius de Moraes.

Vinicius de Moraes é citado por Bosi (2006) na página 490.

<sup>137</sup> Nota do autor: João Augusto de Araújo Castro e Miriam, sua esposa.

<sup>138</sup> Nota do autor: Alceu Amoroso Lima – Tristão de Athayde – e sua esposa Maria Tereza. Tristão de Athayde é citado por Bosi (2006) na página 526.

Campos já é conhecida, porém Clarice Lispector estabeleceu contato com o quarteto também, de modo a engajar-se nessa pequena comunidade de prática.

Nas missivas, isso fica claro quando Clarice, com certa frequência, pergunta sobre os três amigos: “Como vai a família Mendes Campos, Lara Rezende, e Rubem? [...] E Paulo e Oto?” (p. 87); “Como estão Paulo e Joan, Oto<sup>139</sup> e Helena? E o Hélio?” (p. 122); “Rubem está escrevendo para algum outro jornal, além do Correio da Manhã?” (p. 87); “Como vai Rubem?” (p. 89).

A carta de 21 de abril de 1946, inclusive, é endereçada a Helena, Fernando, Paulo e Oto (p. 11), nela Clarice conversa com os escritores: “Paulo: perdoe a pergunta que irritará você: você está melhor do ouvido?” (p. 12), “Oto, aqui você não precisaria ‘puxar angústia’ (é assim?), ela viria sozinha com a primeira moça em Berna” (p. 13). A de 22 de fevereiro de 1953 também se endereça a eles, nesta, Clarice conta que deu o nome de Paulo a seu filho: “[...] temos agora mais um menino, nascido a 10 de fevereiro, e a quem demos o nome de Paulo (sem pedir licença a você, Paulo)” (p. 88).

Clarice mantinha certo contato, mesmo que não tão frequente quanto Fernando, com Otto<sup>140</sup>, Hélio e Paulo e suas produções: “Paulo diz que vocês ficarão seis meses apenas...” (p. 23); “A poesia do Hélio é muito bonita e tão triste” (p. 36); “Não recebi resposta de Paulo, e com razão: no momento de escrever me lembrei do ouvido dele, e me lembrei que vocês saindo ele estava um pouco só [...]” (p. 51); “O fato é que, sem ter escrito a vocês (menos um cartão para Helena e Oto, outro para Rubem, e uma carta para Helena e Fernando) [...]” (p. 88).

É importante ressaltar que, apesar dos diferentes níveis de engajamento na comunidade, Fernando e Clarice são pertencentes dela. Como explicam Eckert e McConnell-Ginet (2013), há *formas* de participação que se “desenvolvem à medida que se envolvem em conjunto, assim como os interesses mútuos e as formas de envolver esses interesses” (p. 46, tradução nossa<sup>141</sup>). O engajamento nas atividades, para Eckert e McConnell-Ginet, dar-se-á por membros de forma múltipla:

Durante o engajamento conjunto em tais atividades, as pessoas constroem em colaboração um sentido de si e dos outros como certos tipos de pessoas, como membros de várias comunidades com **múltiplas formas de filiação, autoridade e privilégio**. Em todas elas, a linguagem interage com outros sistemas simbólicos – vestimenta, adornos corporais, modos de movimento, olhar, toque, estilo de

<sup>139</sup> Aqui, Clarice escreve “Oto” com apenas um t ao fazer referência a Otto Lara Resende. Mais adiante, com a resposta de Fernando, passa a grafar com dois ts.

<sup>140</sup> Com Otto, essa aproximação não tão íntima fica clara pela escrita “errada” do nome do escritor nas primeiras cartas a Fernando.

<sup>141</sup> “Forms of participation develop as they engage together, as do mutual concerns and ways of engaging those concerns” (p. 46)

caligrafia, frequência assídua a determinados espaços etc. (ECKERT; MCCONNELL-GINET, 2010, p. 97)

Fernando estabelece uma maior interação com a comunidade de prática formada por Otto, Hélio e Paulo. Fernando faz referências aos amigos, mas ora relata seus momentos com os escritores, ora atualiza Clarice sobre o trio: “Passei três meses com o Otto e o Paulo, conversei muito, discuti, briguei, aprendi” (p. 81); “Do Paulo não posso dar notícias por escrito para não fazer corar a posteridade” (p. 82); “Acabei uma novela, maior do que eu esperava, sobre uma cleptomaníaca e seu marido [...], que depois de pronta para grande surpresa minha todos se declararam incondicionalmente contra (Otto, Paulo, etc.)” (p. 83); “Paulo e eu quase estouramos por aí, era um jornal do Texas que convidava dois jornalistas brasileiros para conhecer os Estados Unidos, com uma bolsa de quatro meses” (p. 90); “Paulo está na China, Otto cada vez mais chateado por ser diretor da Manchete, se queixa todo dia. Rubem aquilo mesmo de sempre” (p. 124); “Otto e Helena (que não vejo há um ano) tiveram menino, chama-se Bruno. Hélio Pellegrino e Maria Urbana tiveram menina, chama-se... Clarice” (p. 109); “Recebi ontem uma carta do Otto e outra do Hélio, depois de muitos anos de silêncio. O Paulo, nada” (p. 58).

Em *Tabuleiro de damas* (2003), Fernando explicita a importância dessa comunidade para ele. Os três amigos fazem participação no início da obra, e o capítulo XIX é dedicado à amizade com Hélio, Otto e Paulo: “Aliás, na verdade, sempre fomos só três: os quatro juntos nunca deu certo, acabando sempre em desentendimento e confusão, todos a falar ao mesmo tempo. Era preciso ter sempre um ausente, pouco se importava qual, para que os outros três se entendessem falando mal dele” (p. 194).

Na obra *Clarice: uma vida que se conta*, Gotlib (1995) traz descrições que Otto, Hélio (respectivamente) deram de Clarice: “Clarice é uma aventura espiritual. Ninguém passa por ela impune. Ela liga e religa o mistério da vida. E o religioso silêncio da morte” (p. 53); “[...] Vidente e visionária, Clarice era fustigada – crucificada – pelo excesso de estímulos, conscientes e inconscientes, que tinha de domar” (p. 53).

Portanto, vemos que, a seu modo, Fernando e Clarice fizeram parte da comunidade dos quatro cavaleiros de um íntimo apocalipse<sup>142</sup>.

---

<sup>142</sup> Referência à Betella (2007).

#### 4.4.1.3 Consumidores de arte

De acordo com Eckert e McConnell-Ginet (2010), as comunidades de prática, com suas atividades, constroem o sentido de si a partir do envolvimento e participação com outros membros em uma variedade de práticas, as quais constituem identidades sociais, linguísticas e de gênero (p. 96). Nesse sentido, as práticas são essenciais para esse engajamento no empreendimento em comum. Nas cartas trocadas entre Fernando e Sabino, percebemos uma comunidade de prática ampla, mas muito presente e norteadora de “crenças, valores, relações de poder” (idem, p. 102): a comunidade de consumidores de artes, como teatro, poesia e música.

Nas missivas, Fernando e Clarice trocam experiências artísticas e indicam-nas um para o outro: “Vi outro dia uns filmes antigos muito engraçados, alguns tristes, no Museu de Arte Moderna, e assisti aos bailados de Ana Pavlova” (SABINO, 2011, p. 83) [Carta de Fernando]; “Fomos muito ao teatro: Hamlet, traduzido pelo Gide, trabalhado pelo Jean-Louis Barrault, ‘L’aigle à deux têtes’, de Cocteau, ‘Les Parents Terribles’, de Cocteau, ‘Les Mal Aimés’, de Mauriac, etc. [...] fui de novo ao museu Rodin, ao Louvre” (p. 75) [Carta de Clarice]; “Vimos uma exposição enorme de Van Gogh, uma beleza. [...] fui ver a Sinfonia Pastoral, que é muito bonita. (Recomendo La Belle et la Bête, de Cocteau, com Jean Marais)” (p. 77) [Carta de Clarice];

A poesia do Ledo Ivo parece ser muito significativa. [...] Estão passando agora um filme de Cocteau e uma peça de Jules Romains. Há um outro chamado Thalia que leva também só filmes bons. Esta semana: Crime e Castigo, com Harry Baur; Irmãos Karamazov, versão alemã; Pedro, o Grande e o Encouraçado Potemkin, um cada dia. E há ainda o Museu de Arte Moderna, onde estão fazendo uma série de história do cinema, desde os primeiros filmes feitos e os melhores até hoje (p. 45-46).

Podemos estabelecer, portanto, a relação da arte à comunidade de prática. Conforme Wenger (1990),

Objetos visíveis, como **artefatos**, símbolos, linguagem e gestos, também pertencem à prática dessas comunidades. Por conseguinte, ver o significado cultural desses objetos, algo que chamo “transparência cultural” requer **acesso às práticas a que pertencem**. Isto, por sua vez, exige adesão às comunidades relevantes. A relação entre artefatos e pessoas, que pode ser descrita como compreensiva ou não compreensiva, nunca é, portanto, uma relação direta entre eles, mas mediada por formas específicas de adesão de uma pessoa em comunidades específicas e pelo objeto ser parte da prática social de algumas comunidades [...] (p. xv-xvi, grifos nossos, tradução nossa<sup>143</sup>)

<sup>143</sup> “Visible objects such as artifacts, symbols, language, gestures, also belong to the practice of these communities. Therefore, seeing the cultural significance of these objects, something I call “cultural transparency,” requires access to the practices to which they belong. This in turn requires membership in the relevant communities. The relation between artifacts and persons, which one may describe as understanding or not understanding, is therefore never a direct relation between them, but one that is mediated by a person’s

Vemos aqui, portanto, que os objetos artísticos (as peças, as poesias, os filmes) assumem esse significado cultural quando se incluem como parte da comunidade de prática de consumidores de arte.

#### 4.4.2 As comunidades de prática, o estilo e o gênero

Como podemos ver a partir das análises, Clarice e Fernando partilhavam o engajamento e a participação em certas comunidades, o que acreditamos explicar a semelhança da escolha de estratégias de polidez e as escolhas linguísticas para tanto. Ao se engajarem em empreendimentos comuns (a literatura contemporânea, o quarteto mineiro e as artes), Lispector e Sabino dividem valores, crenças e compreensões comuns, o que pode ser expresso pelos modos de falar e a linguagem.

Conforme Eckert e McConnell-Ginet (2013) apontam, “A capacidade de participar no empreendimento social requer alguma **reciprocidade** entre os participantes sobre o tipo de pessoas que são” (p. 46). Assim sendo, vemos que essa reciprocidade se expressa, também, nos dados linguísticos e nas escolhas estratégicas de linguagem, transformando-se em um estilo comum.

O estilo, nesse ínterim, funciona como uma forma de promover um desempenho que garanta a participação e o envolvimento na comunidade, tornando-se basilar para o pertencimento no grupo em questão. Como apontam as autoras, “estilo é a combinação do que fazemos e de como fazemos” (p. 248, tradução nossa<sup>144</sup>), o que se mostra verdadeiro ao percebermos que, apesar de haver certas divergências de conteúdo entre Clarice e Fernando, tais quais a frequência de relatos pessoais e relatos voltados à literatura, as escolhas temáticas e linguísticas, em especial, aproximam-se. Conforme apontam Eckert e McConnell-Ginet (2013),

Os nossos eus e os nossos **estilos** são emergentes, construídos no decorrer do **envolvimento social**, em constante mudança, e em relação a um mundo em constante mudança à nossa volta. Estamos **dependentes de outros** para apoiar os nossos desempenhos, pelo que somos obrigados a dar desempenhos credíveis - e temos de escolher desempenhos que sabemos que podem ser apoiados. (p. 249, grifos nossos, tradução nossa<sup>145</sup>)

---

specific forms of membership in specific communities and by an object's being part of the social practices of some communities, which may or may not be the same.” (p. xv-xvi)

<sup>144</sup> “But style is a combination of what we do and how we do it.” (p. 248)

<sup>145</sup> “Our selves and our styles are emergent, constructed in the course of social engagement, ever-changing, and in relation to an ever-changing world around us. We are dependent on others to support our performances, so we are obliged to give credible performances – and we have to choose performances that we know can be

Quanto ao gênero, pudemos perceber que a participação em certa comunidade de prática se relaciona aos contornos do *feminino* e do *masculino*. Como foi exposto, Clarice e Fernando engajam-se na comunidade de escritores e artistas da metade do século XX, e, com isso, são influenciados por certas correntes ideológicas e pensamentos comuns. Isso torna-se relevante quando colocamos o gênero em pauta.

O contorno *feminino* em parte se relaciona a ideias tradicionais, tais quais a mulher como cuidadora de seu lar e auxiliadora de seu marido e, em parte, relaciona-se a ideias inovadoras, trazidas pelo feminismo e autoras como Simone de Beauvoir.

A tradição se vê, nos dados analisados, com a predominância percentual de ocorrências de polidez positiva por parte de Clarice, uma vez que essa estratégia de polidez se baseia em um tipo de abordagem “antiameaçador” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 91) e se aproxima mais da linguagem intimista (BROWN; LEVINSON, 1988, p. 101. Ao optar pela polidez positiva, o indivíduo deseja preservar a face positiva do interlocutor; age para agradá-lo, demonstra simpatia e interesse por ele. Nesse modo de agir, Clarice atua de maneira mais conectada ao que tradicionalmente se espera de uma mulher, que está a serviço de um homem ao qual se vincula ou se relaciona.

Em contrapartida, há também a inovação: Fernando tem a maioria das ocorrências de polidez (67%) e isso não era esperado, considerando-se o contexto mais tradicional, cuja ideia comum é a de que a linguagem mais delicada e polida é expressa pelo gênero feminino, isto é, a mulher busca intimidade, enquanto o homem busca *status* (CAMERON, 2010, p. 139).

As ideias tradicionais ficam explícitas, nas missivas, em trechos como “Estamos numa casa simpática, com jardinzinho e quintal. [...] **Maury trabalha bastante, eu faço compras no mercado**; de noite vejo programas de mistério na televisão; tudo calmo, como se vê.” (SABINO, 2011, p. 87, grifo nosso) e “Contratamos por duas semanas uma ‘nurse’ preta [...] desde já me dá saudade do dia em que ela for embora (**quando meu trabalho em casa vai aumentar bravamente**).” (p. 89, grifo nosso). Vemos que isso se relaciona à comunidade de prática citada quando, em uma missiva, Clarice se direciona à Helena<sup>146</sup> especificamente para tratar de “assuntos femininos” pela perspectiva mais tradicional:

Heleninha, as moças daqui pisam duro na calçada, raras **se pintam** – fui **lavar os cabelos no cabeleireiro** do hotel e a moça com uma saúde adquirida com anos de neutralidade íntima tinha tal força que eu saí de lá sem a menor ideia – quase um daqueles processos de Fernando. (p. 13, grifo nosso)

---

supported.” (p. 249) – “Many of our stylistic acts are aimed more at what we hope to become than at what we think we are.” (p. 249)

<sup>146</sup> Então esposa de Fernando Sabino.

De acordo com Mittanck (2017)<sup>147</sup>, nessa época, era costumeiro que as mulheres exercessem funções relacionadas ao cuidado com o lar e os filhos: “Nessa nova família que surgia, algumas situações eram muito bem esclarecidas. As atividades domésticas como cozinhar, lavar, limpar a casa e cuidar dos filhos eram atividades realizadas exclusivamente pela esposa” (p. 8). Vemos que Clarice exerce tais atividades, inclusive com relação à maternidade: “Enquanto isso, Pedrinho está na escola, aprendendo aos poucos inglês, apanha e bate nos garotos da vizinhança, toma leite americano e adora hot-dog” (p. 86-87), isto é, a literata estava a par do que acontecia com seus filhos e, por conseguinte, entende-se que exercia o papel de cuidar deles.

Outras indicativas dos contornos do *feminino* surgem. Em uma missiva, ao se direcionar a Fernando, Clarice associa o choro ao *feminino*: “Com o cansaço de Paris, no meio dos caixotes, **femininamente e gripada chorei** de desânimo e cansaço” (p. 22, grifo nosso). Noutra ocasião, associa-o à ordem: “Afinal arranjei emprestada uma empregada que em um dia **deu ordem na desordem** – ela era uma verdadeira mulher. Uma grande mulher, sem dúvida, chamada Rosa, italiana, que Deus a abençoe” (p. 22, grifo nosso).

Outro indício dessa perspectiva, ao mesmo tempo inovadora, mas também conservadora é o fato de muitas das referências às esposas dos escritores que fazem parte dessa comunidade de prática se atrelarem à maternidade apenas: “Quando é que Helena e Oto tiveram a criança? É menino ou menina?” (p. 89); “Otto e Helena (que não vejo há um ano) tiveram menino, chama-se Bruno. Hélio Pellegrino e Maria Urbana tiveram menina, chama-se... Clarice” (p. 109); “Fernando, como vão Helena e as crianças?” (p. 122).

Entretanto, apesar dessa perspectiva mais tradicional estar presente, vemos influências de ideologias inovadoras, tais quais o feminismo, em meio às cartas. Em uma delas, Clarice classifica Tereza Quadros como melhor que ela e atribui ser feminista a uma dessas qualidades superiores: “É mesmo impossível ressuscitar Tereza Quadros? Ela é muito melhor do que eu – ela é disposta, feminina, ativa, não tem pressão baixa, **até mesmo às vezes feminista**, uma boa jornalista enfim” (p. 97, grifo nosso). Noutra carta, Clarice cita diretamente Simone de Beauvoir, grande contribuinte para a corrente de pensamento feminista: “Li um romance de Simone de Beauvoir, que está ao lado de Sartre no movimento existencialista, “L’invitée” (p. 52).

Em uma carta, Clarice afirma que está aprendendo a dirigir, o que não era algo

---

<sup>147</sup> Historiadora especialista em História do Brasil.

comum, tampouco frequente para as mulheres da década de 50. Há pouco menos de 40 anos, a primeira mulher havia tirado sua habilitação, por isso, dirigir não era algo tipicamente *feminino*. Clarice conta suas dificuldades com a direção:

Tomei algumas aulas de direção e por enquanto guio que dá pena. No começo das aulas o professor me perguntou francamente se era mesmo verdade que eu já tinha alguma vez aprendido. Ao que respondi que infelizmente era. Ao que ele não respondeu nada. Agora que as aulas acabaram e que eu deveria dizer ao carro: *à nous doux*, não digo coisa alguma. Maury, ao meu lado, finge uma coragem digna de nota só para não me desanimar. Diz que meu defeito, um defeito à toa, é não ligar muito para o tráfego. Mas um dia guiarei mesmo na loucura do Rio, impávida como se estivesse guiando o primeiro carro inventado. Maury me garante que é ótimo guiar porque estando ao volante se tem direito de dizer os piores nomes. É aliás o que me assusta da parte dos outros volantes (p. 98, grifo do autor)

Outro ponto inovador quanto ao *feminino* era a questão do divórcio. De acordo com Mittanck (2017),

Um casamento feliz e harmonioso poderia durar para sempre. Esse era o desejo de praticamente todas as mulheres, que temiam muito a possibilidade de uma separação ser cogitada. A mulher não via possibilidade de viver sem o marido que visava a sua proteção tanto financeira quanto perante a sociedade. Não se viam com bons olhos as mulheres separadas, muitas vezes sendo preferível um casamento infeliz, mas de fachada, a enfrentar preconceito e ser apontada pelos demais como incapaz de manter um casamento (p. 8)

Clarice renova no *feminino*, nesse aspecto, ao escolher divorciar-se de Maury, em 1959. A literata já expunha seu desconforto com o papel diplomático que precisava performar por causa da profissão de seu marido, em carta à sua irmã, depois de viver cinco anos nesse papel, ela mostra suas reflexões sobre a questão:

“Mas não pude deixar de querer lhe mostrar o que pode acontecer com uma pessoa que fez pacto com todos, e que se esqueceu de que o nó vital de uma pessoa deve ser respeitado. Ouça: respeite a você mais do que aos outros, respeite suas exigências, respeite mesmo o que é ruim em você – respeite sobretudo o que você imagina que é ruim em você – pelo amor de Deus, não queira fazer de você uma pessoa perfeita – não copie uma pessoa ideal, copie você mesma – é esse o único meio de viver.” (GOTLIB, 1995, p. 256)

Portanto, vemos que os anos dourados, para o grupo do qual Clarice e Fernando faziam parte, significaram um período de transformação, com certos contínuos e certos avanços, os quais se relacionaram à construção do *feminino* para as mulheres dessa comunidade de prática e, por conseguinte, de Clarice. Conforme aponta Santos (2016), esse cenário de transformação marcava, também, o Brasil:

O Brasil dos anos 50 é marcado por um período de dupla visão a respeito do papel feminino na sociedade. Por um lado, temos a tentativa de fazer com que as mulheres acompanhassem o processo de modernização e industrialização conquistando seu lugar no espaço público, e por outro, a ideologia patriarcal que trazia a necessidade do retorno da mulher à vida doméstica e reforço do comando masculino do lar que havia ficado debilitado com a participação cada vez maior de mulheres no mercado

de trabalho. (p. 38)

Quanto ao *masculino*, vemos que os contornos são menos explícitos e emergem de maneira pontual em meio às missivas. Relacionados a assuntos como casamento, os indícios sobre o gênero *masculino* se apresentam. Conforme explicam Eckert e McConnell-Ginet (2010), não se pode compreender gênero isolando-o de outros aspectos de identidade social (p. 100). Portanto, vejamos essas relações que se estabelecem.

Em uma das cartas, Fernando traz uma sucinta citação à questão do casamento: “Tenho tido muita pena de Helena ter se casado comigo” (p. 18). A partir desse trecho, vemos que há uma certa desconstrução da ideia machista predominante na época de perdão incondicional ao homem e a minimização de atos inadequados, conforme Mittanck (2017), “Os deslizes cometidos pelos homens eram amplamente defendidos e deveriam ser ignorados pelas esposas, pois essas atitudes faziam parte da natureza masculina, uma vez que eles não possuíam absoluto controle das suas atitudes” (p. 8).

Outro ponto que revela uma certa inovação mostra-se ao analisarmos os dados. Como apontado, Fernando tem muito mais ocorrências de polidez que Clarice, o que contraria a ideia da época de “hegemonia masculina nas relações” (SANTOS, 2016, p. 41). Nos anos dourados, o poder estava predominantemente sob domínio do homem, porém Fernando emprega recursos linguísticos para amenizar possíveis FTAs, o que indica um cuidado com a linguagem e o desejo de satisfazer as faces de Clarice, uma mulher; comportamento pouco incentivado naquele recorte sócio-histórico.

Pela perspectiva dos dados recolhidos, vemos, inclusive, o desejo de Fernando de expor deferência em relação à Clarice, com a estratégia 5 NP (dar deferência). Em cinco ocorrências, Sabino lança mão de tal estratégia a fim de minimizar a possível ameaça do FTA, o que, mais uma vez, não era esperado naquela sociedade.

Ao mesmo tempo, há outro ponto nesse aspecto matrimonial que anda em conformidade aos padrões conservadores dos anos 50: a questão do divórcio de Fernando. Ao citá-lo para Clarice, Sabino aponta que ele decidiu pôr fim ao casamento, não Helena: “Helena e as crianças estão morando com os pais dela – para o caso de **eu ter sido** muito eufemístico ou hermético ao lhe falar que nos separamos” (p. 92, grifo nosso). Vemos aqui a figura da mulher que recebeu a notícia da separação e que aguarda pela escolha final do marido, mantendo a guarda de seus filhos e sob a proteção de outro homem: seu pai. Conforme aponta Mittanck (2017),

A mulher não via possibilidade de viver sem o marido que visava a sua proteção tanto financeira quanto perante a sociedade. Não se viam com bons olhos as

mulheres separadas, muitas vezes sendo preferível um casamento infeliz, mas de fachada, a enfrentar preconceito e ser apontada pelos demais como incapaz de manter um casamento. (p. 8)

Assim, reforça-se esse padrão comportamental da época no caso, uma vez que vemos a caracterização dessa mulher passiva, que espera a resolução de um homem ativo. Em outra carta, Fernando mostra que Helena ficou com a tutela dos filhos: “Como você já deve ter sabido, ou não deve, estou já há alguns meses morando sozinho, e aqui vai meu novo endereço: Rua Canning, 22 – aptº. 504” (p. 95). Novamente, há uma reprodução do *habitus* da época, a mulher tem a predileção com relação ao cuidado com os filhos e exerce um papel secundário.

Nesse sentido, ao homem, “destinava-se pequenos reparos e consertos, pois ele era considerado o chefe da casa) e detinha o poder e o domínio sobre a esposa e os filhos (Chortaszko; Moreira, 2013, p.7), **sua palavra era a ordem** e somente depois dele é que a esposa exercia alguma autoridade” (MITTANCK, 2017, p. 8, grifo nosso), o que corresponde à situação demonstrada nas cartas.

Ao olhar os dados, vemos que a impessoalidade de Fernando em relação à Clarice pode se fundamentar, também, nessa perspectiva. Enquanto Clarice, com maior frequência, cita questões como a rotina familiar, os sofrimentos pessoais e pormenores como reações frente a pontos turísticos e novas cidades; Fernando tem uma predileção por questões voltadas à literatura e ao fazer literário, escrevendo inúmeras páginas sobre o modo de escrita de certos autores, as tendências literárias e as críticas e as recepções do Brasil frente a alguns autores.

Tal postura se vê, também, nos dados. Observamos que, com relação à estratégia 7 NP, impessoalizar o ouvinte e o falante, Fernando detém a maioria das ocorrências (10,80% contra 4,44%), apontando, mais uma vez, esse certo “afastamento” do missivista quanto à pessoalidade.

Do mesmo modo, isso também fica claro com 9 NP, nominalizar, cujo foco é afastar o ator da ação por meio da substantivação. Fernando possui 3 ocorrências, enquanto Clarice não possui nenhuma. Ou seja, ele três vezes mais do que ela, opta por essa estratégia, o que produz um efeito de oferecer à sua interlocutora uma imagem mais opaca quanto ao seu “eu”.

Nessa perspectiva, as ocorrências da estratégia *on record* também são importantes, uma vez que revelam essa relação de domínio e da palavra masculina como ordem. Por tratar-se de uma estratégia em que não há atenuação e se busca mais a eficiência que a satisfação das faces; a *on record* responsabiliza o falante pela ameaça à face sem quaisquer minimizações (BROWN; LEVINSON, 1988, p. 73), postura arriscada que é facilmente

defendida pela posição superior do homem naquela sociedade.

Assim, observamos que, atrelados às inovações, determinados aspectos expressos nas cartas configuravam-se como reafirmações de um comportamento majoritariamente regente.

Tais reproduções e rupturas relacionam-se a um *habitus* de uma grande comunidade de prática: os brasileiros. Nos anos dourados, houve uma aproximação da ideologia e cultura norte-americana, conforme aponta Santos (2016), houve grande transformação no panorama brasileiro:

O amplo progresso no ímpeto de industrialização do país, principalmente no mandato de JK em que um de seus objetivos era realizar o “plano de metas” e fazer com que o país evoluísse “Cinquenta anos em cinco”, incentivou a entrada de capital estrangeiro, a modernização do espaço urbano, a ascensão da classe média, o impulso à indústria pesada - principalmente automobilística -, e de bens de consumo, transformando o panorama do Brasil nos anos 50. Ao lado da euforia do projeto desenvolvimentista, a formação de novos postos de trabalho na indústria, em serviços urbanos, burocráticos e demais profissões liberais, contribuíram para o aumento do padrão de consumo da população. (p. 37)

Assim, o que vemos nas missivas reproduz um cenário mais amplo: mudanças, contínuos e avanços. Ao mesmo tempo que a hegemonia e o poder estavam sob o domínio do homem, vemos a mulher ocupando espaços e alcançando lugares inexplorados; ao mesmo tempo que os padrões de casamento eram valorizados, vemos o divórcio tomando forma e se tornando mais comum; ao mesmo tempo que os papéis da mulher voltavam-se à casa e os do homem, ao trabalho, vemos o adentramento de ambos nas duas esferas.

#### **4.4.3 Identidade e fragmentação**

Entender gênero pressupõe entender, também identidade, uma vez que “O conceito de gênero pode ser concebido como uma forma sexuada de experimentar outros atributos sociais como classe, etnia ou idade (e também outros atributos sociais menos óbvios, como ambição, vocação atlética e musicalidade)” (ECKERT; MCCONNELL-GINET, 2010, p. 100). Nessa perspectiva, entendemos que o gênero se associa a outros pontos para se fundamentar.

Para Hall (2006), a identidade, com a modernidade e seus avanços, tem se fragmentado, tornando a ideia que temos sobre nós mesmos descentrada e não mais estável, como nos tempos antigos. A fim de elucidar melhor a questão, Hall aponta três concepções de identidade: (a) o sujeito do Iluminismo; (b) o sujeito sociológico; (c) o sujeito pós-moderno.

O primeiro seria a “pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação” (p. 10-11); uma concepção mais individualista e majoritariamente descrita como masculina. O segundo se fundamentaria na

relação com valores, sentidos e símbolos, isto é, “a identidade é formada na ‘interação’ entre o eu e a sociedade” (p. 11). Já o terceiro e último é marcado pela fragmentação e pluralidade; não há mais “uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais” (p. 13). Esta concepção pressupõe que o sujeito assume identidades diferentes, não unificadas, em momentos diferentes, vendo a identidade “plenamente unificada, completa, segura e coerente” (p. 13) como uma fantasia.

Essa pluralidade e instabilidade justificam-se pela estrutura da sociedade: rápida e mutável. Em um movimento de deslocamentos e rupturas, o indivíduo articula sua identidade a estruturas da sociedade moderna, por isso torna-se impossível constituir uma identidade única e permanente.

Em carta a Tania, Clarice elenca a questão da adaptação:

“quase quatro anos me transformaram muito. Do momento em que me resignei, perdi toda a vivacidade e todo interesse pelas coisas. [...] **Para me adaptar ao que era inadaptável**, para vencer minhas repulsas e meus sonhos, tive que cortar meus grilhões – cortei em mim a forma que poderia fazer mal aos outros e a mim [...]” (GOTLIB, 1995, p. 255, grifo nosso)

Em outro momento, retoma o assunto e aponta essa mutabilidade e instabilidade identitária:

“De tanto mentir para ser da mesma opinião dos outros, porque não adianta contrariar, fiquei lesa. Confundi as falsas moedas deles com moedas verdadeiras. Na verdade o que eles são mesmo é: *best-sellers*... *As opiniões deles são best-sellers, as idéias deles são best-sellers.*” (GOTLIB, 1995, p. 228, grifo da autora)

“Mas acho sinceramente que basta mentir, mentir, mentir, como faço todos os segundos desta vida. Pelo menos penso mais livremente, o que tem acontecido muito pouco, porque estou perdendo a noção de outros horizontes. Por economia de esforço e de dor, **tenho me parecido com a primeira pessoa que fica junto de mim**. Enfim.” Entre o “*best-sellers*” e o ser “original”, Clarice é o segundo fingindo ser o primeiro. Ou finge ser qualquer um, ao acaso, num jogo sem escolha, em que **perde a identidade de origem**. (idem, p. 228 – 229, grifo nosso)

Assim, Clarice escancara o *mal* com que a modernidade se depara: a crise de identidade, crise essa que, para Hall (2006), relaciona-se a um “processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social (p. 7)”.

Em *O tabuleiro de damas*, Fernando também traz luz às mudanças e seus efeitos:

Certa manhã abri a janela e **o mundo havia mudado da noite para o dia**. Parecia que os Beatles tinham riscado um fósforo e tocado fogo no mundo. Já houvera

alguns anos antes o 20º Congresso do Partido Comunista da União Soviética, denunciando os crimes de Stalin. A Igreja, através da grande figura que foi o Papa João XXIII, passou também por uma verdadeira **revolução**, com o Concílio Ecumênico. Quando é que eu, que admirava a opção pelos pobres do Abbé Pierre com seus “Trapeiros de Emaús”, uma exceção dentro da Igreja, poderia jamais imaginar que padre ainda ia ser tachado de comunista? **De repente** houve a dessacralização das artes, a desmistificação dos monstros sagrados, a permissividade sexual com o advento da pílula. **Os princípios se desintegravam ao redor**, e minha literatura com eles. O meu mundo caiu – como naquela canção de Maysa.” (SABINO, 2003, p. 159, grifos nossos)

O sujeito moderno e, principalmente, pós-moderno depara-se com mudanças e revoluções em ritmo constante e se vê tendo que se adaptar a essas frequentes transformações. Nesse meandro, as culturas nacionais são vistas como uma alternativa de estabilidade em meio a tanta instabilidade: “No mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural” (HALL, 2006, p. 47).

Como vimos anteriormente, os anos 50, período principal de troca das missivas, foram marcados por mudanças; guerras, revoluções e transformações estruturais moldaram aspectos de identidade e gênero dos indivíduos. Nesse ínterim, a cultura nacional levanta-se como um discurso, “um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos [...]” (p. 51).

Por meio da *narrativa da nação*, da *ênfase nas origens e na continuidade da tradição e na intemporalidade*, da *invenção da tradição*, do *mito fundacional* e da constituição de um *povo ou folk puro, original*, há o fortalecimento dessa cultura nacional que fornece base para uma identidade cultural. Clarice se refere à cultura da nação quando observa o choque com culturas de outros países:

*“É ruim estar fora da terra onde a gente se criou, é horrível ouvir ao redor da gente línguas estrangeiras, tudo parece sem raiz; o motivo maior das coisas nunca se mostra a um estrangeiro, e os moradores de um lugar também nos escaram como pessoas gratuitas. Para mim, se foi bom, como um remédio é bom para saúde, ver outros lugares e outras pessoas, já há muito está passando do bom, está no ruim; nunca pensei em ser tão inadaptável, nunca pensei que precisava tanto das coisas que possuo. Embora agora mesmo esteja envergonhada de ser assim, porque enquanto escrevo a catedral está batendo os sinos; fico envergonhada de não viver bem em qualquer lugar onde uma catedral bata sinos, onde haja um rio, onde as pessoas trabalhem e façam compras; mas é assim mesmo.”* (GOTLIB, 1995, p. 244, grifo da autora)

Nesse breve relato, Clarice personifica os pilares da comunidade imaginada constituída pelo conceito de cultura nacional<sup>148</sup>: “as *memórias* do passado; o *desejo* por viver em conjunto; a perpetuação da *herança*” (p. 58). A “terra onde Clarice se criou” e seus traços fazem que ela sinta estranhamento ao se ver em contato com outra cultura, de modo a tornar

---

<sup>148</sup> Ver Hall (2006).

essa situação “inadaptável”.

Gotlib (1995) registra, também, outra reflexão de Clarice sobre a brasilidade e sua importância para a formação da identidade:

*“Sou brasileira naturalizada, quando, por uma questão de meses, poderia ser brasileira nata. Fiz da língua portuguesa a minha vida interior, o meu pensamento mais íntimo, usei-a para palavras de amor. [...] Se minha família tivesse optado pelos Estados Unidos, eu teria sido escritora? em inglês, naturalmente, se fosse. Teria casado provavelmente com um americano e teria filhos americanos. E minha vida seria inteiramente outra. Escreveria sobre o quê? O que é que amaria? Seria de que partido? Que gênero de amigos teria? Mistério.”* (p. 114, grifo da autora)

Nesse excerto, fica bem claro que Clarice compreende como a cultura nacional e a terra de “origem” podem determinar outros aspectos da identidade. Conforme explica Hall (2006), “No mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural” (p. 47).

A ideia de unificação pela cultura nacional também surge nos estudos de Hall (2006): “[...] não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional” (p. 60). Apesar de ser apenas representativa, essa ideia de unidade pode ser percebida nas missivas, quando o estranhamento com outras culturas nacionais se faz palpável: “Quando voltei<sup>149</sup>, as pessoas aqui [de Berna] me acharam com ar de menino e moleque, e não de ‘feminino’, de Vogue. Foi o que me disseram. Je m’em fiche” (SABINO, 2011, p. 76); “Os americanos felizes ficam olhando enquanto a gente não sabe onde botar tanta lágrima e nem tem lenço suficiente” (idem, p. 11); “Heleninha, as moças daqui [de Berna] pisam duro na calçada, raras se pintam – fui lavar os cabelos no cabeleireiro do hotel e a moça com uma saúde adquirida com anos de neutralidade íntima tinha tal força que eu saí de lá sem a menor ideia – quase um daqueles processos de Fernando” (p. 13).

Quando relacionamos tais pontos às missivas de Clarice Lispector e Fernando Sabino, vemos que a fragmentação de identidade do sujeito moderno, as relações com as comunidades de prática (ECKERT, 2005) e com outros sistemas simbólicos, as *personae* e as questões de gênero se associam de forma a manifestar traços e identidades de Clarice e Fernando.

Neste capítulo final, buscamos relacionar conceitos como comunidade de prática, persona, identidade e gênero a fim de nos engajarmos em uma análise menos abstraída e mais bem-fundamentada. Os estudos de Hall, Ostermann e Fontana e, em especial, de Eckert e McConnell-Ginet nos forneceram uma base consistente para tal análise.

---

<sup>149</sup> Clarice se refere à volta de uma viagem a Paris.

Nossa proposta não foi de esgotar o assunto, tampouco oferecer uma abordagem absoluta, mas, através dos caminhos propostos, aventurarmo-nos nesse campo tão complexo da sociolinguística, a polidez, de maneira articulada e menos independente.

Esperamos que, a partir dos dados e conclusões apresentados, possamos contribuir para o campo, encorajando outros pesquisadores a se engajarem nas análises sobre gênero e polidez, de modo a relacionar a linguagem e o social.

Pudemos observar, com Clarice e Fernando, comportamentos e tendências linguísticas de certas comunidades de prática e, com base nos estudos identitários e de persona, oferecer um caminho profícuo de pesquisa. Retomando Fraser (2005), precisamos continuar estudando o fenômeno da polidez para alcançar uma teoria mais séria, onde os conceitos de face e os princípios de interpretação são cuidadosamente articulados e bem-compreendidos (80-81); nessa pesquisa, buscamos contribuir para essa teoria.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo estudar as inter-relações entre o uso da linguagem, em especial as estratégias de polidez - fenômeno intrínseco às relações humanas e basilar para a comunicação e a interação - e as relações de gênero que emergem de cartas pessoais produzidas por Fernando Sabino e Clarice Lispector. Assim, pautamo-nos nas contribuições sobre polidez de Brown e Levinson (1988) e Kerbrat-Orecchioni (2006) e, para analisar a relação da polidez com o gênero, usamos os trabalhos compilados por Ostermann e Fontana (2010) e, em especial, Eckert (2005) e Eckert e McConnell-Ginet (2013), a fim de atrelar as práticas linguísticas dos interactantes – masculino e feminino – às atribuições e aos contornos do gênero.

Nos estudos de polidez de Brown e Levinson, observamos que os pesquisadores apontam quatro tipos de polidez: *on record* (realizar o ato que ameaça a face sem atenuações), *off record* (quando não há como atribuir apenas uma intenção clara ao FTA), polidez positiva e polidez negativa. Além disso, descrevem quinze estratégias para a polidez positiva e dez para a negativa.

Constatamos, entretanto, muitas ocorrências de polidez híbrida<sup>150</sup>, isto é, ocorrências que unem estratégias de polidez positiva a estratégias de polidez negativa, o que revela a dinamicidade e pluralidade da língua em uso. Além disso, unimos as estratégias 1 NP (ser convencionalmente indireto) à 2 NP (usar perguntas e modificadores), tendo em vista sua proximidade semântica e representativa.

De modo geral, ao mapear e descrever as estratégias de polidez utilizadas por Clarice Lispector e Fernando Sabino, observamos que Fernando é mais polido. Os dados revelam que, das 904 ocorrências encontradas nas cartas, 611 são de Fernando. Além disso, o mapeamento revelou uma grande aproximação percentual dos tipos e das estratégias de polidez entre Clarice e Fernando. Com relação aos tipos, identificamos uma proeminência de emprego da polidez positiva, tanto para Clarice quanto para Fernando. Já o emprego das estratégias revelou que Clarice emprega as de polidez positiva com maior variação, enquanto Fernando prefere a 15 PP (dar presentes ao ouvinte); já com a polidez negativa observamos que Fernando prefere a 3 NP (ser pessimista), 7 NP (impessoalizar) e 9 NP (nominalizar) enquanto Clarice prefere a 6 NP (desculpar-se), 8 NP (proferir o FTA como uma regra geral) e 10 NP (expressar, sem atenuação, sua dívida com o ouvinte ou negar uma dívida do

---

<sup>150</sup> A estratégia híbrida aparece no texto de Brown e Levinson (1988) de forma extremamente breve e resumida nas páginas 230 a 231.

ouvinte).

Ao estudar o contexto sociocultural de produção das cartas e recuperar os contornos individuais das identidades de gênero de cada missivista, pudemos relacioná-lo às ocorrências de modo a compreender as implicações mútuas entre a linguagem e o gênero. Para dar conta de tal objeto, procuramos responder às questões abaixo que apresentamos nas Considerações Iniciais desta dissertação e que retomamos abaixo, procurando sintetizar nos parágrafos a seguir as respostas que nossa pesquisa forneceu.

- 1) Quais são as *personae* relevantes para os missivistas?
- 2) Quais são os contornos do masculino construídos por Sabino em suas cartas?
- 3) Quais são os contornos do feminino que aparecem nos textos de Lispector
- 4) Os contornos do feminino e do masculino são marcados, explicitamente, pela participação em alguma comunidade de prática?
- 5) Como as comunidades de prática constituídas por Sabino e Lispector nas cartas se definem?
- 6) Como as estratégias de polidez transformam-se em estilo, permitindo o engajamento de Sabino e Lispector na prática social subjacente à troca de cartas que realizam?

Quanto à primeira questão, ao analisar quais são as *personae* relevantes para os missivistas, entendemos que Clarice e Fernando, por meio da troca de missivas, buscaram consolidar e performar certas *personae* sendo elas: esposa, diplomata, escritora, indivíduo, mãe e amiga (por parte de Clarice) e literato, marido, pai, religioso, amigo de Clarice, homem (por parte de Fernando). Para isso, a polidez se estabelece como uma ferramenta útil, tendo em vista que, ao buscar a satisfação das faces durante a interação, busca-se, conseqüentemente, defender certas imagens e certas noções de si, reivindicações de sua autoimagem pública.

Quando nos voltamos para os contornos do masculino e do feminino construídos pelos missivistas nas cartas – questões 2 e 3, compreendemos que esses ora reforçam padrões de comportamento tradicionalistas e ora apresentam inovações, as quais, em muito, relacionam-se ao momento sócio-histórico no qual os escritores se encontravam. A tradição pode ser observada pela postura mais detentora de poder de Fernando e pela linguagem mais intimista e pessoal de Clarice, que se veem delineados, por exemplo, pelo emprego de mais ocorrências *on record*, em que não há quaisquer atenuações às ameaças, por parte de Fernando e pelo uso mais abrangente de estratégias em que há distanciamento do falante por ele; já Clarice detém

a maior parte das ocorrências de polidez positiva, a qual se volta para uma aproximação e se assemelha à linguagem mais íntima e pessoal (ECKERT; BROWN, 1988, p. 101). Ambas as posturas atuam de forma mais conectada à expectativa tradicional da sociedade.

Por outro lado, há a inovação, estampada pelo fato de Fernando, e não Clarice, deter a maior parte das ocorrências de polidez, isto é, Fernando, apesar da posição masculina supervalorizada e vista como preeminente na sociedade, faz um maior emprego de estratégias que busquem amenizar ameaças e atenuar possíveis danos durante a interação. Além disso, movimentos de quebra de padrões socioculturais também apontam para a mudança, tais quais a escolha de Clarice de usar, também, a estratégia *on record*, não atenuar a ameaça, em contraste ao que se esperava de uma mulher do século XX: a docilidade, graciosidade e submissão.

Quando relacionamos os contornos do feminino e do masculino constituídos pela prática social e linguística dos missivistas à sua participação em comunidades de prática específicas – questão 4, percebemos como essas instâncias se articulam. Isso se dá principalmente quando observamos a relação de Sabino e Lispector com outros artistas do século XX, cuja influência se fez, em muito, presente. Questões como a opção pelo matrimônio, como visto nas cartas com a frequente citação de escritores e artistas junto à menção de seus cônjuges; a referência à maternidade e à paternidade, presente nos vários questionamentos de Clarice sobre o bem-estar de colegas e amigos e de suas famílias<sup>151</sup>; a configuração da mulher no mercado de trabalho, comum no meio literário e artístico<sup>152</sup>; a alusão à predominância e à liderança do homem em trechos como “Como estão Paulo e Joan, Oto e Helena?”<sup>153</sup> (SABINO, 2011, p. 122), todas essas influências da comunidade se articulam à configuração dos contornos dos gêneros.

Tratando especificamente das comunidades de prática constituídas por Sabino e Lispector, entendemos que a participação de Clarice e Fernando em certas comunidades de prática, as quais foram reveladas nas missivas, moldam e, de certa forma, contribuem para a representação dos contornos do feminino e masculino e para a construção identitária e comportamental dos missivistas. Essas comunidades, das quais ambos participam,

<sup>151</sup> Exemplos: “[...] nasceu o filho do Paulo e Joan, vai se chamar Daniel” (SABINO, 2011, p. 109); “Otto e Helena (que não vejo há um ano) tiveram menino, chama-se Bruno” (p. 109); “Hélio Pellegrino e Maria Urbana tiveram menina, chama-se... Clarice” (p. 109).

<sup>152</sup> Exemplos: “Heleninha como vai? tem escrito” (p. 78); “Recebi vários jornais do Brasil: ótimas crônicas da Rachel” (p. 58); “Eliana está escrevendo um romance chamado O Crime do Castelo” (p. 129).

<sup>153</sup> Percebe-se que o homem é citado primeiro. Isso também acontece em outras partes: “Encontramos lá Shmidt e a mulher” (p. 74); “João [Augusto de Araújo Castro] e Miriam têm uma nova menina, chamada Silvia, nascida em dezembro” (p. 87); “Conheci na casa deles Dr. Alceu [Alceu Amoroso Lima] e D. Maria Tereza, duas das pessoas mais simpáticas e límpidas do mundo” (p. 87).

apresentam-se como a comunidade de escritores e artistas contemporâneos; os quatro cavaleiros, grupo formado inicialmente por Fernando Sabino, Otto Lara Resende, Hélio Pellegrino e Paulo Mendes Campos; a comunidade de consumidores de arte. Todas elas, com base em nossas análises, demonstraram certo impacto quanto à representação dos contornos de Clarice e Fernando.

Além disso, a própria comunidade de prática formada por Clarice e Fernando, a qual se institucionaliza por meio da prática de troca de correspondências entre os dois amigos, torna-se basilar para a compreensão da construção identitária dos missivistas. Nessa comunidade, Clarice age de forma a parecer uma mulher que, embora siga certas tradições e conservadorismos, apresenta inovações e um comportamento considerado moderno para o seu tempo. Fernando, por sua vez, articula, nas cartas, expressões de um homem que possui a força e a predominância dadas de sua época, mas que, ao mesmo tempo, segue ideologias e pensamentos que vão de encontro às ideias conservadoras do século XX.

Ao buscarmos respostas à questão 6, percebemos também que as estratégias de polidez se transformam em estilo, permitindo o engajamento de Sabino e Lispector na prática social subjacente à troca de cartas que realizam. A partir do estilo, há a construção das *personae* que Clarice e Fernando querem desempenhar, funcionando como uma forma de promover e garantir a participação e envolvimento na comunidade de prática. Distante de ser mero resultado da classe social ou dos grupos aos quais pertencem, o estilo se fundamenta como uma maneira de representar papéis e alcançar determinados objetivos sociais. Nesse ínterim, as estratégias de polidez se articulam a esses objetivos, de modo a contribuir não só para a manutenção das faces dos interactantes, mas também para os interesses sociocomunicativos dos missivistas.

Assim, essa pesquisa procurou compreender esse objeto tão relevante tanto para estudos literários quanto linguísticos, tendo em vista o olhar voltado para os escritores Sabino e Lispector. Ao nos pautarmos no engajamento dos literatos com a escrita e na polidez, tencionamos contribuir para os estudos de ambas as perspectivas, principalmente para esta última área, a polidez, cujos estudos não são tão expressivos no Brasil.

Os momentos da nossa pesquisa, isto é, a análise quantitativa das estratégias linguísticas da polidez nas correspondências, a análise dos dados discursivos das obras, que forneceram informações sobre os contornos identitários dos missivistas; e, finalmente, a contextualização sócio-histórica da produção das correspondências que constituíram nosso corpus de análise, forneceram-nos dados suficientes para compreender as implicações mútuas entre a linguagem e o gênero. Esperamos, assim, contribuir com outros estudos e pesquisas.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jahilda Lourenço de. Falar feio e falar bonito em *Quando as máquinas param*, de Plínio Marcos. In: PRETI, Dino (org.). **Cortesia verbal**. São Paulo: Humanitas, 2008. v. 374, cap. 9, p. 277-304.

AREAS, Amanda Carvalho; PEREIRA, Hércius Batista. Normas linguística e sociocultural da elite brasileira da primeira metade do século XX: as estratégias da polidez e as relações de gênero em cartas da família Mesquita. **EAIC 2020**, Maringá, 2020. Disponível em: <http://www.eaic.uem.br/eaic2020/anais/artigos/4229.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2022.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. A provocação no diálogo: estudo da descortesia. In: PRETI, Dino (org.). **Cortesia verbal**. São Paulo: Humanitas, v. 374, cap. 3, p. 89-124, 2008.

BETELLA, Gabriela Kvacek. “Os quatro cavaleiros de um íntimo apocalipse” e suas biografias vicárias: Fernando Sabino, Otto Lara Resende, Hélio Pellegrino e Paulo Mendes Campos na escrita de perfis. **Estudos Avançados**, São Paulo, p. 247 - 270, 2007. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10252/11881>. Acesso em: 15 mar. 2023.

BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

BROWN, Penelope; LEVINSON, Stephen C. **Politeness: Some Universals in Language Usage** (Studies in Interactional Sociolinguistics Book 4). 3. ed. rev. e aum. Great Britain: Cambridge University Press, 1988.

CAMACHO, Roberto Gomes. **Da linguística formal à linguística social**. São Paulo: Parábola, 2013. 272 p.

CAMERON, Deborah. Desempenhando identidade de gêneros: conversa entre rapazes e construção da masculinidade heterossexual. In: OSTERMANN, Ana Cristina; FONTANA, Beatriz. (Orgs. e Trad.) **Linguagem. Gênero. Sexualidade: Clássicos Traduzidos**. São Paulo: Parábola, 2010.

CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. 1. ed. 3ª reimpressão - São Paulo: Editora Contexto, 2014.

ECKERT, Penelope; MCCONNELL-GINET, Sally. Comunidades de práticas: lugar onde co-habitam linguagem, gênero e poder. In: OSTERMANN, Ana Cristina; FONTANA, Beatriz. (Orgs. e Trad.) **Linguagem. Gênero. Sexualidade: Clássicos Traduzidos**. São Paulo: Parábola, 2010.

ECKERT, Penelope; MCCONNELL-GINET, Sally. **Language and Gender**. 2. ed. United Kingdom: Cambridge University Press, 2013.

ECKERT, Penelope. Variation, convention, and social meaning. **Annual Meeting of the Linguistic Society of America**: Stanford University, Stanford, jan. 2005.

Disponível em: <https://web.stanford.edu/~eckert/Courses/ParisPapers/EckertInPress.pdf>. Acesso em: 01 jan. 2023.

FRASER, Bruce. Whither politeness. **TSL**, [s. l.], p. 65-83, 24 mar. 2005. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Bruce-Fraser-2/publication/324520970\\_Wither\\_Politeness\\_2206/links/5ad2314f0f7e9b28593434a0/Wither-Politeness-2206.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Bruce-Fraser-2/publication/324520970_Wither_Politeness_2206/links/5ad2314f0f7e9b28593434a0/Wither-Politeness-2206.pdf). Acesso em: 03 jan. 2023.

FISHMAN, Pamela. O trabalho que as mulheres realizam nas interações. *In*: OSTERMANN, Ana Cristina; FONTANA, Beatriz. (Orgs. e Trad.) **Linguagem. Gênero. Sexualidade**: Clássicos Traduzidos. São Paulo: Parábola, 2010.

GALEMBECK, Paulo de T. Polidez e preservação da face na fala de universitários. *In*: PRETI, Dino (Org.). **Cortesia verbal**. São Paulo: Humanitas, p. 323-353, 2008.

GOFFMAN, Erving. On face-work: an analysis of ritual elements in social interaction. **Doubleday**, Nova Iorque, p. 5-45, 1967. Disponível em: <https://web.stanford.edu/~eckert/PDF/GoffmanFace1967.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2022.

GOTLIB, Nádya Battella. **Clarice**: Uma vida que se conta. São Paulo: Ática, 1995.

GRICE, Herbert Paul. LÓGICA E CONVERSAÇÃO. *In*: DASCAL, Marcelo (org.). **Fundamentos metodológicos da linguística**. Campinas: Global, 1982. v. 1, p. 81-103. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1792767/mod\\_resource/content/1/L%C3%B3gica%20e%20conversa%C3%A7%C3%A3o%20.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1792767/mod_resource/content/1/L%C3%B3gica%20e%20conversa%C3%A7%C3%A3o%20.pdf). Acesso em: 15 maio 2023.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. **Análise da conversação**: princípios e métodos. Tradução: Carlos Piovezani Filho. São Paulo: Parábola, 2006.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; BENTES, Anna Christina. Aspectos da cortesia na interação face a face. *In*: PRETI, Dino (org.) **Cortesia verbal**. São Paulo: Humanitas, v. 374, cap. 1, p. 19-48, 2008.

LAKOFF, Robin. Linguagem e lugar da mulher. *In*: OSTERMANN, Ana Cristina; FONTANA, Beatriz. (Orgs. e Trad.) **Linguagem. Gênero. Sexualidade**: Clássicos Traduzidos. São Paulo: Parábola, 2010.

LIVIA, Anna; HALL, Kira. “É uma menina!”: a volta da performatividade à linguística. *In*: OSTERMANN, Ana Cristina; FONTANA, Beatriz. (Orgs. e Trad.) **Linguagem. Gênero. Sexualidade**: Clássicos Traduzidos. São Paulo: Parábola, 2010.

MITTANCK, Vanuza Alves. As mulheres de 1950: seu comportamento e suas atitudes. **13º Mundo de Mulheres & Fazendo Gênero 11**: Transformações, Conexões, Deslocamentos, Florianópolis, 2017. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women’s Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017.

MOSER, Benjamin. **Clarice**,: uma biografia. São Paulo: Cosacnaify, 2009. 648 p.

OLIVEIRA, Ana Larissa; MARQUES, João Pedro. **Polidez, Expressão De Postura e a Comunicação Fática**: Uma Análise De Interações Em Um Fórum Virtual. *Cadernos De Letras Da UFF*, Rio de Janeiro, vol. 32, no. 62, p. 314–333, 2021. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/cadernosdeletras/article/view/49226>. Acesso em 10 jan. 2023.

OSTERMANN, Ana Cristina. Comunidades de prática: gênero, trabalho e face. *In*: HEBERLE, Viviane Maria; OSTERMANN, Ana Cristina; FIGUEIREDO, Débora de Carvalho (Orgs.). *Linguagem e gênero no trabalho, na mídia e em outros contextos*. Florianópolis: Editora da EDUSC, 2006.

OSTERMANN, Ana Cristina; FONTANA, Beatriz. *Linguagem. Gênero. Sexualidade: uma introdução* *In*: OSTERMANN, Ana Cristina; FONTANA, Beatriz. (Orgs. e Trad.) **Linguagem. Gênero. Sexualidade**: Clássicos Traduzidos. São Paulo: Parábola, 2010.

PRETI, Dino (org.). **Cortesia verbal**. São Paulo: Humanitas, 374 p., 2008.

SABINO, Fernando. **O tabuleiro de Damas**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SABINO, Fernando. **Cartas Perto do Coração**/Fernando Sabino, Clarice Lispector. 8ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

SANTOS, Thainá Saranholi dos. ANOS DOURADOS NO BRASIL: A IMPRENSA E O IDEÁRIO FEMININO NA DÉCADA DE 1950. **Encontro de Pesquisa em História: A imprensa e ideário feminino na década de 1950**, Bauru/SP, p. 36 - 54, 2016. Disponível em: [https://unisagrado.edu.br/uploads/2008/anais/historia\\_2016/Anos\\_dourados\\_no\\_Brasil\\_Thaina\\_dos\\_Santos.pdf](https://unisagrado.edu.br/uploads/2008/anais/historia_2016/Anos_dourados_no_Brasil_Thaina_dos_Santos.pdf). Acesso em: 20 mar. 2023.

SOUZA, Carlos César Borges Nunes de; LOPES, Norma da Silva. COMUNIDADE DE PRÁTICA, INDEXICALIDADE E ESTILO: SUBSÍDIOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS PARA UMA PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA DE TERCEIRA ONDA. **Revista Philologus**, Rio de Janeiro, ed. 76, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://www.revistaphilologus.org.br/index.php/rph/article/view/511/547>. Acesso em: 14 fev. 2023.

TANNEN, Deborah. Quem está interrompendo? Questões de dominação e controle. *In*: OSTERMANN, Ana Cristina; FONTANA, Beatriz. (Orgs. e Trad.) **Linguagem. Gênero. Sexualidade**: Clássicos Traduzidos. São Paulo: Parábola, 2010.

WENGER, Etienne. **Toward a theory of cultural transparency**: elements of a social discourse of the visible and the invisible. 1990. Dissertação (Doutorado em Filosofia) - Universidade da Califórnia, 1990. Disponível em: <https://www.wenger-trayner.com/wp-content/uploads/2022/06/1990-EWT-PhD-thesis.pdf>. Acesso em 12 dez. 2022.

WEST, Candace; ZIMMERMAN, Don H. Pequenos insultos: estudos sobre interrupções em conversas entre pessoas desconhecidas e de diferentes sexos. *In*: OSTERMANN, Ana Cristina; FONTANA, Beatriz. (Orgs. e Trad.) **Linguagem. Gênero. Sexualidade**: Clássicos Traduzidos. São Paulo: Parábola, 2010.

WILSON, Victoria. **Cartas De Reclamação: Polidez Ou Cordialidade?** Fórum Linguístico, Santa Catarina, vol. 14, no. 3, p. 2214–2232, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2017v14n3p2214>. Acesso em: 01 mar. 2023.

## ANEXO:

**Tabela 4:** Estratégias de polidez detalhada

Estratégias	Clarice		Fernando		Total Qtd.	Total %
	Qtd.	%	Qtd.	%		
<b>1 PP</b>	3	1,02%	2	0,33%	5	0,55%
1 PP + 9 PP		0,00%	1	0,16%	1	0,11%
10 NP	7	2,39%	3	0,49%	10	1,11%
10 NP + 13 PP	1	0,34%		0,00%	1	0,11%
10 NP + 2 NP		0,00%	1	0,16%	1	0,11%
10 PP	14	4,78%	25	4,09%	39	4,31%
10 PP + 13 PP	1	0,34%	2	0,33%	3	0,33%
10 PP + 9 PP		0,00%	1	0,16%	1	0,11%
10 PP + ON R		0,00%	1	0,16%	1	0,11%
10 PP + ON R + 13 PP		0,00%	1	0,16%	1	0,11%
11 PP	3	1,02%	4	0,65%	7	0,77%
12 PP	2	0,68%	4	0,65%	6	0,66%
13 PP	18	6,14%	32	5,24%	50	5,53%
13 PP + 2 NP	2	0,68%	2	0,33%	4	0,44%
13 PP + 7 NP		0,00%	1	0,16%	1	0,11%
13 PP + 8 PP	1	0,34%	1	0,16%	2	0,22%
14 PP	2	0,68%	4	0,65%	6	0,66%
15 PP	27	9,22%	110	18,00%	137	15,15%
15 PP + 2 PP		0,00%	4	0,65%	4	0,44%
15 PP + 4 PP		0,00%	2	0,33%	2	0,22%
15 PP + ON R	2	0,68%		0,00%	2	0,22%
2 NP	44	15,02%	88	14,40%	132	14,60%
2 NP + 10 PP	1	0,34%		0,00%	1	0,11%
2 NP + 13 PP	5	1,71%	12	1,96%	17	1,88%
2 NP + 13 PP + 12 PP		0,00%	1	0,16%	1	0,11%
2 NP + 13 PP + 4 NP	1	0,34%		0,00%	1	0,11%
2 NP + 13 PP + 7 NP		0,00%	1	0,16%	1	0,11%
2 NP + 25 PP		0,00%	1	0,16%	1	0,11%
2 NP + 3 NP	1	0,34%		0,00%	1	0,11%
2 NP + 4 NP	1	0,34%		0,00%	1	0,11%
2 NP + 5 NP		0,00%	1	0,16%	1	0,11%
2 NP + 6 PP	1	0,34%	1	0,16%	2	0,22%
2 NP + 7 NP	1	0,34%	3	0,49%	4	0,44%
2 NP + ON R + 13 PP	1	0,34%		0,00%	1	0,11%
2 PP	5	1,71%	10	1,64%	15	1,66%
2 PP	1	0,34%		0,00%	1	0,11%

2 PP + 15 PP	2	0,68%	3	0,49%	5	0,55%
3 NP	7	2,39%	5	0,82%	12	1,33%
3 NP + 13 PP + 8 PP	1	0,34%		0,00%	1	0,11%
3 NP + 15 PP		0,00%	1	0,16%	1	0,11%
3 NP + 7 NP	1	0,34%		0,00%	1	0,11%
3 PP	6	2,05%	5	0,82%	11	1,22%
4 NP	1	0,34%	5	0,82%	6	0,66%
4 NP + 13 PP + 8 PP	1	0,34%		0,00%	1	0,11%
4 NP + 15 PP		0,00%	1	0,16%	1	0,11%
4 NP + 7 NP	1	0,34%		0,00%	1	0,11%
4 PP	6	2,05%	6	0,98%	12	1,33%
4 PP + ON R		0,00%	1	0,16%	1	0,11%
5 NP	3	1,02%	5	0,82%	8	0,88%
5 PP	19	6,48%	3	0,49%	22	2,43%
6 NP	6	2,05%	2	0,33%	8	0,88%
6 NP + 10 NP	1	0,34%		0,00%	1	0,11%
6 PP	9	3,07%	15	2,45%	24	2,65%
6 PP + 13 PP		0,00%	1	0,16%	1	0,11%
6 PP + 15 PP		0,00%	3	0,49%	3	0,33%
6 PP + 2 NP		0,00%	2	0,33%	2	0,22%
6 PP + 2 NP + 15 PP		0,00%	2	0,33%	2	0,22%
6 PP + 7 NP		0,00%	1	0,16%	1	0,11%
7 NP	13	4,44%	66	10,80%	79	8,74%
7 NP + 13 PP		0,00%	4	0,65%	4	0,44%
7 NP + 15 PP		0,00%	1	0,16%	1	0,11%
7 NP + 2 NP		0,00%	1	0,16%	1	0,11%
7 PP	11	3,75%	20	3,27%	31	3,43%
8 NP	2	0,68%	3	0,49%	5	0,55%
8 NP + 13 PP		0,00%	1	0,16%	1	0,11%
8 NP + 7 NP		0,00%	1	0,16%	1	0,11%
8 PP	8	2,73%	10	1,64%	18	1,99%
9 NP		0,00%	3	0,49%	3	0,33%
9 PP	5	1,71%	11	1,80%	16	1,77%
9 PP + 2 NP	1	0,34%		0,00%	1	0,11%
OFF R	1	0,34%	1	0,16%	2	0,22%
ON R	36	12,29%	95	15,55%	131	14,49%
ON R + 10 PP		0,00%	1	0,16%	1	0,11%
ON R + 13 PP	6	2,05%	4	0,65%	10	1,11%
ON R + 13 PP + 12 PP		0,00%	1	0,16%	1	0,11%
ON R + 15 PP	1	0,34%		0,00%	1	0,11%
ON R + 2 NP		0,00%	2	0,33%	2	0,22%
ON R + 4 PP		0,00%	2	0,33%	2	0,22%
ON R + 7 NP + 13 PP		0,00%	1	0,16%	1	0,11%
ON R + 7 PP		0,00%	1	0,16%	1	0,11%
ON R + 8 NP		0,00%	1	0,16%	1	0,11%
ON R + 8 PP		0,00%	1	0,16%	1	0,11%
Total Geral	293	100,00%	611	100,00%	904	100,00%